



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE**

**FERDINANDO DE OLIVEIRA FIGUEIRÊDO**

**IMPÉRIO, IDENTIDADE E SUBALTERNIDADE: UMA ANÁLISE PÓS-COLONIAL  
DE *O VELHO E O MAR*, DE ERNEST HEMINGWAY**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2019**

**FERDINANDO DE OLIVEIRA FIGUEIRÊDO**

**IMPÉRIO, IDENTIDADE E SUBALTERNIDADE: UMA ANÁLISE PÓS-COLONIAL  
DE *O VELHO E O MAR*, DE ERNEST HEMINGWAY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Culturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Mestre.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sueli Meira Liebig

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F475i Figueirêdo, Ferdinando de Oliveira.  
Império, identidade e subalternidade [manuscrito] : uma análise pós-colonial de O velho e o mar, de Ernest Hemingway / Ferdinando de Oliveira Figueirêdo. - 2019.  
120 p.  
Digitado.  
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Sueli Meira Liebig , Departamento de Letras - CH."  
1. Neoimperialismo. 2. Pós-colonialismo. 3. Subalternidade. 4. Identidade. I. Título

21. ed. CDD 401.41

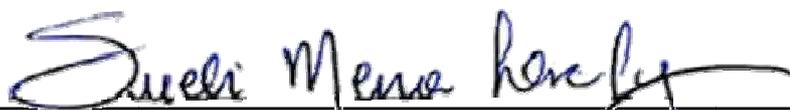
**FERDINANDO DE OLIVEIRA FIGUEIRÊDO**

**IMPÉRIO, IDENTIDADE E SUBALTERNIDADE: UMA ANÁLISE PÓS-COLONIAL  
DE O VELHO E O MAR, DE ERNEST HEMINGWAY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Culturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Mestre.

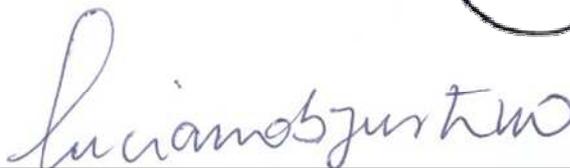
Aprovada em: 15/02/2019

**BANCA EXAMINADORA**



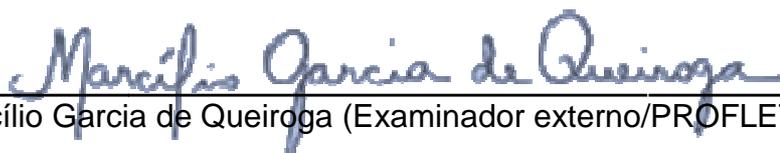
---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sueli Meira Liebig (Orientadora/PPGLI/UEPB)



---

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Examinador interno/PPGLI/UEPB)



---

Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga (Examinador externo/PROFLETRAS/UFCG)

A Deus, por sempre iluminar os caminhos percorridos e por conceder a graça de concluir esta importante fase da minha formação acadêmica e intelectual.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pelas graças que tem me proporcionado ao longo da minha vida, principalmente da minha trajetória acadêmica.

À minha família, em especial à minha mãe, Junila, por sempre prestar o seu amor, apoio e dedicação imensurável em favor da realização de minhas metas.

Ao meu pai (*in memoriam*), Francisco de Assis, por ter me concedido o seu amor paternal durante a sua convivência conosco.

À minha querida orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sueli Meira Liebig, pelo cuidado, compreensão, orientação e, especialmente, pela amizade surgida ao longo da produção deste estudo.

À banca examinadora, pelas importantes contribuições sugeridas para a realização e finalização desta pesquisa.

A todo corpo docente do PPGLI/UEPB, pelas importantes discussões que foram desenvolvidas ao longo das aulas lecionadas e pelos conhecimentos prestados para a escrita deste trabalho.

À secretaria do PPGLI, por ter sempre prestado o apoio necessário para a execução das minhas atividades.

A todos os meus colegas de curso, pela parceria construída no decorrer do curso de mestrado e pelos laços criados durante esses últimos anos.

Aos professores do Curso de Graduação em Letras do CFP/UFCG: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Corrêa, prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daise Lilian, prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Erlane Aguiar, prof. Dr. Elri Bandeira, prof. Me. Fabiane Gomes, prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Elias, prof. Dr. Francisco Francimar, prof. Dr. Marcílio Garcia, e prof. Me. Naldinho Braga, por terem feito parte da primeira etapa de minha vida acadêmica e por, além de terem sido docentes, terem se tornado grandes amigos.

À Obra de Maria, concretizada pelo Movimento dos Focolares na pessoa de Chiara Lubich (*in memoriam*), pelo alicerce que tem me proporcionado na experiência do carisma da unidade e na aceitação da Vontade de Deus em minha vida cristã e sobretudo acadêmica.

Um profundo, sincero e cordial agradecimento ao prof. Me. Jarbas Medeiros, docente do IFPB, a quem presto minha admiração, respeito e carinho, por ter se tornado um dos primeiros e grandes exemplos de profissionais e, acima de tudo, por

ser, desde o ensino médio, um “pai” nas melhores e piores fases experimentadas ao longo de minha vida.

Ao prof. Dr. Rômulo, psicólogo, por ter fornecido a amizade e o suporte indispensável para o meu desenvolvimento acadêmico e intelectual.

Aos padres Agripino Ferreira, Francisco Sílvia e José Alberto, sacerdotes presentes em minha vida espiritual e acadêmica durante o curso de mestrado, a quem presto meus sinceros sentimentos de afeto, amizade e respeito.

Um agradecimento especial ao padre Severino Elias, pároco atual de minha paróquia de origem, pelo papel de irmão fraterno que desempenhou durante esta trajetória.

A todos os meus amigos, cujos nomes não cito neste trabalho por medo de esquecer algum, por acreditarem sempre em meus projetos pessoais e, especialmente, por crerem no meu intelecto para a execução de tais planos.

A todos que, de alguma maneira, foram essenciais para a conclusão desta etapa.

“Tu, Senhor, conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti; porque ele confia em ti.”

(Isaías 26:3)

## RESUMO

Este trabalho objetiva desenvolver um estudo do romance *O Velho e o Mar* (1952), do escritor norte-americano Ernest Hemingway (1899-1961) sob um viés pós-colonial. Para tanto, considera-se, para esta análise, o contexto neoimperialista dos Estados Unidos que predominou em Cuba, na primeira metade do século XX, período em que a obra foi produzida e que, com isso, atribui-se ao estudo um caráter inédito da perspectiva adotada ao romance. A utilização da teoria pós-colonial para este estudo se justifica devido a sua relevância nos Estudos Culturais, especialmente quando seus conceitos são aplicados na literatura, promovendo uma reflexão acerca da condição de subalternidade atribuída ao sujeito colonizado pelo poder colonial. Logo, a literatura de Ernest Hemingway, além de conter uma ampla fortuna crítica, é uma alternativa para a observância de textos analisados por essa linha de estudo, uma vez que as narrativas sugerem aspectos do colonialismo expressos em suas produções. Assim, pelo método analítico, serão observados, em *O Velho e o Mar*, alguns elementos ficcionais a partir do pós-colonialismo, a saber: as relações neocoloniais norte-americanas e cubanas no enredo, a definição identitária dos personagens, os espaços locais como fatores determinantes para a condição de subalternidade e elementos das culturas norte-americana e cubana apresentados no texto enquanto um reflexo do antagonismo entre Império e colônia. Portanto, as contribuições de teóricos como Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1989, 2007), Boehmer (2005), Bonnici (2000, 2005), Memmi (2007), Spivak (2010), dentre outros, serão fundamentais para a produção deste trabalho, atentando à leitura do *corpus* como uma imagem da singularidade subalternizada determinada pelos Estados Unidos ao cubano colonizado.

**Palavras-chave:** Neoimperialismo. Pós-colonialismo. Subalternidade. Identidade.

## ABSTRACT

This research aims to develop a study of the novel *The Old Man and the Sea* (1952) by the North-American Ernest Hemingway (1899-1961) through a post-colonial slant. For this purpose, it will be considered the United States neo-imperialist context in Cuba, more precisely in the first half of the 20th century, period when this work was written and, from this aspect, it is assigned to the study an original nature of the perspective adopted to the novel. The use of the post-colonial theory for this study is justified due to its importance in the cross cultural studies, mainly when its concepts are applied in literature, promoting a reflection about the subalternity, condition attributed by the colonial power to the colonized people. Ernest Hemingway's literature, in addition to contain an expansive critical resource, is an option to the observance of the text through this study line, since his narratives express aspects of neocolonialism. Thus, with the analytical method, it will be observed some fictional elements in *The Old Man and the Sea* through the post-colonialism, namely: the North-American and Cuban neo-colonial relations in the plot, the definition of the characters's identities the Cuban culture presenting local spaces as determinant factors to condition of subalternity and elements of the North-American and the Cuban Cultures presented in the literary text as a result of the antagonism between Empire and colony. Therefore, the theoretical contributions of Ashcroft, Griffiths and Tiffin (1989, 2007), Boehmer (2005), Bonnici (2000, 2005), Memmi (2007), Spivak (2010), among others, will be fundamental to the production of this study, considering the reading of the *corpus* as a representation of the singularity of the subalternized, determined by the United States over the colonized Cuban.

**Keywords:** Neo-imperialism. Post-colonialism. Subalternity. Identity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 A CRÍTICA LITERÁRIA EM NARRATIVAS NORTE-AMERICANAS DO SÉCULO XX: ERNEST HEMINGWAY</b> .....	16
ERNEST HEMINGWAY: VIDA, OBRA E FORTUNA CRÍTICA .....	16
<i>O VELHO E O MAR</i> E A CRÍTICA LITERÁRIA .....	27
<b>2 PENSANDO O PÓS-COLONIALISMO E A LITERATURA DE ERNEST HEMINGWAY</b> .....	35
A TEORIA PÓS-COLONIAL E OS ESTUDOS CULTURAIS: PRINCIPAIS PENSADORES E OBRAS.....	35
OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS: ESTRATÉGIAS DE LEITURA.....	46
A TEORIA PÓS-COLONIAL E A LITERATURA DE ERNEST HEMINGWAY .....	58
<b>3 UMA ANÁLISE PÓS-COLONIAL DE <i>O VELHO E O MAR</i></b> .....	66
CUBA E ESTADOS UNIDOS: RELAÇÕES NEOCOLONIAIS EM <i>O VELHO E O MAR</i> .....	66
O NARRADOR E A DEFINIÇÃO IDENTITÁRIA DOS PERSONAGENS .....	81
O ESPAÇO E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO SUBALTERNO .....	90
ASPECTOS PÓS-COLONIAIS DAS CULTURAS NORTE-AMERICANA E CUBANA EM <i>O VELHO E O MAR</i> .....	98
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	110
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	113

## INTRODUÇÃO

A colonização, resultado direto da prática colonialista imperial, estabeleceu o caráter subserviente de algumas nações afetadas por essa estratégia de dominação executada por grandes potências mundiais, tais como Inglaterra, França e Estados Unidos. Os colonizados sofreram uma tentativa de apagamento das suas raízes culturais e, nesse contexto, os Estudos Pós-coloniais surgiram como uma alternativa de compreensão das consequências do colonialismo nessas comunidades, possibilitando a aplicação dessas concepções nos produtos culturais, a exemplo do texto literário.

Conforme aponta Gandhi (1998), nos últimos anos, o pós-colonialismo tem sido um ponto de encontro para uma diversidade de áreas disciplinares e suas teorias. A literatura é uma arte que, vista pela ótica pós-colonial, fornece a possibilidade de se estudar a obra literária pela carga histórica e cultural que ela contém em toda a sua definição enquanto objeto artístico. Assim, os Estudos Pós-coloniais e a literatura se detêm a discorrer sobre os resultados que o imperialismo estabeleceu nos textos originados nos países envolvidos no processo colonial, constituídos pela multiplicidade de formações e padrões culturais ambivalentes que transitaram antes e após a colonização exercida pelo Império.

Pela sua construção, a forma literária é uma representação de uma ou de diversas culturas, carregando suas próprias expressões que remetem a um determinado tempo histórico-cultural. Logo, a literatura assume o papel de agente produtor de cultura, de modo que ela expõe visões diversificadas construídas pelo homem através de sua interpretação de mundo e da condição humana. Mignolo (2000) aborda a relevância de se considerar as narrativas pela perspectiva do pós-colonialismo, tendo em vista que esta traz uma partida radical por parte do pesquisador, pois induz a um olhar de uma verdade diferente da que está evidentemente presente no texto ficcional, especialmente no que diz respeito às relações de poder. Tratando-se da realização de uma leitura pós-colonial, exige-se do analista literário uma postura responsável ao perceber a representação do estado do Outro inserido em um panorama definido pela colonização, de forma que a abordagem possa contemplar os elementos que auxiliaram na construção imaginária do indivíduo concretizada na literatura.

Por esse contexto, analisa-se que as literaturas consideradas coloniais e pós-coloniais são frequentemente utilizadas nos estudos literários, sendo continuamente inseridas no debate acadêmico. Sobre isso, Hestetun (2008) atenta ao fato de que examinar obras dessa natureza promove uma passagem das fronteiras culturais, além de oportunizar uma maior observação sobre a recepção desse tipo de literatura em nações diversas. O texto, então, torna-se um espaço de encontro com o Outro, visto pelo imaginário idealizado por algumas dessas produções selecionadas para estudo.

Entende-se o colonialismo como uma organização de domínio associado a uma doutrina e a uma prática institucional e política que se expande por meio da conquista de colônias e da submissão de povos distintos do Império colonial (BOBBIO, 1998). Essa ação, por sua vez, provém do imperialismo, considerando o termo como referente à formação de um Império, aspecto esse existente em diversos períodos da história de nações que ampliaram sua expansão sobre uma ou várias nações vizinhas (ASCHROFT et al., 2007). Portanto, considerar o texto literário pela perspectiva pós-colonial é investigar as consequências do colonialismo enquanto uma estratégia de dominação do poder imperial, e como esse contexto se apresenta na obra, sendo ela uma ferramenta de aderência ou de confronto à colonização.

Nesse sentido, a prática colonial teve como principal aderente o Imperialismo europeu. Para Quijano (2018), o colonialismo foi fundamental para firmar o modelo de superioridade que classifica o indivíduo socialmente de acordo com os parâmetros do Império, que produz uma ideia de classe e de raça a partir da dominação colonial. Por isso, a colonização, praticada pelo imperialismo, estabelece uma matriz colonial, ou seja, uma atribuição de um estado de poder hegemônico que pressupõe o estado de colonialismo mediante os países que exercem tal prática de domínio e exploração das nações dependentes do sistema imperial.

Inserido nesse panorama, o Império considera os povos colonizados como subalternos com o intuito de estabelecer uma hierarquia suprema com relação aos países dependentes dos atos do colonizador. Segundo Spivak (2010), o indivíduo se torna “sem voz” perante o discurso de poder. Pensando nisso, devido à soberania instaurada pela autoridade colonial, o colonizado, como reflete a literatura, aciona sua capacidade de fala de duas maneiras: semelhante ao colonizador, como forma

de aceitação dos valores culturais determinados pelo Império; ou dissemelhante à linguagem imperial, atuando como peça de combate diante do poderio imperial.

Traz-se, então, como alternativa de estudo, o romance *O Velho e o Mar* (1952), de autoria do escritor norte-americano Ernest Hemingway (1899-1961), texto que apresenta resquícios do sistema colonial que predominou na sociedade cubana durante o domínio neoimperial dos EUA quando da produção e publicação da obra. O fato de o autor ser oriundo de uma nação imperialista faz com que a sua escrita possibilite a identificação de aspectos que definem o sujeito colonizado como objeto resultante dos atos do colonizador, e traz, portanto, a figura de personagens caracterizados pela subalternidade.

Considerado como um dos grandes escritores de sua época, Hemingway apresenta uma escrita clara e objetiva, que se repete em todas as suas produções em prosa, estilo literário ao qual ele mais se dedicou durante o seu percurso pela literatura. Essa característica é consequente dos trabalhos desenvolvidos pelo autor enquanto jornalista, profissão que exige, além da objetividade, uma reprodução mais exata dos fatos. Isso se adiciona à diversidade de cenários mundiais onde cada obra é situada, aspecto este influenciado pelos locais que o escritor percorreu durante sua vida pessoal através de viagens ou tomados por ele como pontos de moradia ao longo dos anos.

Todavia, analisar uma narrativa, tal como a que está sendo considerada nesta pesquisa, requer uma atenção especial para a forma como os personagens são retratados pela sua identidade, sendo esta construída aos moldes do poder imperial. Nesse sentido, considera-se que “[...] a identidade nunca é dada, recebida ou definitivamente atingida” (BERND, 2003, p. 22), pois os colonizadores são os principais responsáveis por negar a formação identitária do colonizado, que atribui uma nova imagem marcada pelos aspectos culturais da autoridade imperial que, no caso em destaque, é estruturada pelo norte-americano.

Assim sendo, tratar da imagem do colonizado sob o ponto de vista pessimista do colonizador direciona essa ideia para o debate motivado por Memmi (2007), ao refletir sobre o retrato negativo que o regime imperialista atribui ao habitante da colônia enquanto ser carente de liberdades, sendo subserviente às medidas impostas pelo Império. Por conseguinte, os povos submetidos a esse sistema adquirem um estado de marginalização perante a posição de superioridade em que

se encontram os membros da elite da metrópole, ocasionando uma atribuição de valores que priorizam as regras prescritas pelo domínio imperial.

Com o intuito de analisar *O Velho e o Mar* sob um viés pós-colonial tomaremos por base teóricos como Ashcroft et al. (1989, 2007), Bonnici (2000, 2005), Césaire (1978), Memmi (2007), Spivak (2010), etc., atentando para as relações de poder existentes no texto que interferem na compreensão dos elementos culturais, econômicos e sociais que caracterizam o indivíduo cubano perante o imperialismo dos EUA, cenário histórico que reinava em Cuba durante o contexto da escrita e publicação da obra.

Para isso, será analisada a trajetória literária de Ernest Hemingway, observando tanto o seu percurso geográfico quanto o seu estilo de prosa, somando-se, assim, a errância do autor ao seu método de escrita. Em seguida, apresentaremos elementos dos Estudos Pós-coloniais enquanto aspectos-chave dos Estudos Culturais e a sua relevância para a literatura a partir das estratégias de leitura que eles fornecem ao crítico: a reescrita e a releitura de obras literárias. Para o desenvolvimento deste estudo, consideraremos o contexto histórico do imperialismo dos EUA em Cuba como um possível elemento que contribui para o desenvolvimento da leitura proposta e, com isso, observaremos o modo como o narrador trata dos personagens e dos espaços, como o tipo de caráter atribuído aos nativos colonizados e, dessa forma, perceber como eles são definidos enquanto objetos resultantes dessas relações neoimperiais.

Para a organização deste trabalho, dividiu-se a pesquisa em três capítulos. Cada um, portanto, está definido em tópicos específicos, com o intuito de, a partir dessa estrutura, promover a organização das ideias a serem expostas sobre o pós-colonialismo aplicado ao conteúdo narrativo em *O Velho e o Mar* mediante as situações ilustradas na obra.

O primeiro capítulo desta pesquisa atenta para o estudo da fortuna crítica do autor, considerando a sua trajetória como aspecto fundamental para a compreensão de sua obra. De fato, isso constitui de um elemento contribuinte para entendermos a relevância da prosa desenvolvida pelo escritor. Finalizando o capítulo, evidenciam-se alguns dos aspectos relevantes existentes sobre *O Velho e o Mar* explorados pela crítica literária, atentando ao fato de não haver uma leitura crítica realizada sob uma perspectiva pós-colonial,

O segundo capítulo estabelece alguns pressupostos da teoria pós-colonial, tratando-a como um elemento pertencente aos Estudos Culturais, de modo que iniciamos com o destaque dos principais autores e obras teóricas que, com suas pesquisas, contribuíram para a consolidação dos Estudos Pós-coloniais no âmbito acadêmico. Depois, são observadas a reescrita e a releitura que, conforme aponta Bonnici (2000) são as estratégias fundamentais de leitura que o pós-colonialismo fornece para a crítica literária e, conjuntamente, são apontados alguns exemplos práticos em produções literárias pensadas sob a ótica pós-colonial. Nesta mesma discussão, são consideradas algumas questões sobre os textos de Hemingway analisados sob o pós-colonialismo, o que expõe a possibilidade de sua literatura como uma opção para a produção de outras pesquisas futuras associadas a esse tipo de estudo e, conseqüentemente, trazendo novas contribuições para a realização de uma visão crítica sobre o contexto e as ideologias que se referem ao lugar e à cultura do Outro, algo que pode ser encontrado em suas produções.

O terceiro capítulo corresponde à análise literária do *corpus*, observando que, no romance, inicialmente atentamos para alguns aspectos referentes ao contexto histórico do neoimperialismo norte-americano em Cuba e como este panorama se reflete como fator fundamental para a interpretação da narrativa. Logo após, seguimos para o estudo do modo como o narrador representa os personagens enquanto indivíduos afetados pelo sistema colonial, sobretudo nos aspectos culturais, econômicos e sociais; na sequência, são apontadas algumas concepções acerca dos espaços locais revelados na obra como imagens do colonialismo como agente determinante de cenários percebidos enquanto colônia e metrópole, o que contribui, portanto, na atribuição de traços de inferioridade às nações colonizadas; por fim, encerra-se o estudo aplicando alguns conceitos da teoria pós-colonial em *O Velho e o Mar*, trazendo à discussão o fato de as culturas cubana e norte-americana se encontrarem em frequente oposição ao longo do enredo.

Esta dissertação promove uma amostra da aplicação da teoria pós-colonial a um texto oriundo dos EUA, o que traz uma observação acerca de como o colonizado é retratado sob o ponto de vista do colonizador, mediante um contexto caracterizado pela dominação econômica, política e cultural norte-americana. Assim, a literatura se revela como um objeto artístico de combate aos valores estabelecidos pelo colonialismo, que inferioriza e, concomitantemente, forma a imagem de um sujeito a

partir dos produtos culturais do Império, principal agente na determinação e domínio do indivíduo colonizado.

## 1 A CRÍTICA LITERÁRIA EM NARRATIVAS NORTE-AMERICANAS DO SÉCULO XX: ERNEST HEMINGWAY

Este capítulo se dedica ao estudo da trajetória literária de Ernest Hemingway enquanto escritor de narrativas, observando a sua biografia como aspecto influente para a produção de sua obra, atentando a elementos enfatizados pela crítica acerca de seu estilo de composição e a sua recepção. Será dado um destaque maior em *O Velho e o Mar*, especialmente a algumas abordagens e considerações críticas acerca desse romance consagrado do autor.

### ERNEST HEMINGWAY: VIDA, OBRA E FORTUNA CRÍTICA

Apesar de ser uma opção de estudo de cunho minucioso, quando se pretende analisar um texto literário, a biografia pessoal do autor constitui um elemento de total relevância para a compreensão de sua obra, uma vez que, em determinados textos, os fatos históricos e ideológicos influenciam para a composição de um objeto artístico com o intuito de trazer alguma discussão referente a traços específicos de momentos da vida pessoal do escritor. É o caso, portanto, de Hemingway, em vista de que a sua trajetória literária é caracterizada pelos inúmeros locais e contextos vivenciados por ele, conforme pode ser associado entre as suas narrativas e os seus dados biográficos.

Logo, isso opera a perspectiva pontuada por Candido (2006), como ele próprio afirma sobre a necessidade de o crítico literário compreender a elaboração estética profundamente através da referência que ela utiliza em vista do contexto social ilustrado. Observa-se, então, o caráter, não apenas artístico, mas também sociológico, que a literatura preserva em sua definição enquanto produto oriundo das manifestações sociais em que ela esteve inserida ao longo de seu processo de formação.

Nascido em 21 de julho de 1899, Hemingway era filho de Dr. Clarence Hemingway (1871-1928), um médico renomado, e Grace Hall Hemingway (1872-1951), professora de música e cantora talentosa. Trabalhou como repórter no *Kansas City Star* e, posteriormente, se ingressou para a Cruz Vermelha Americana para se tornar motorista de ambulância na Itália durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em 1918, ele foi ferido ao realizar entregas para tropas de linhas de

frente, submetendo-se a uma cirurgia no hospital de Milão. Suas experiências foram fundamentais para a composição do romance *A Farewell to Arms* [Adeus às Armas], publicado em 1929. Antes disso, entretanto, ele trabalhou como roteirista para o jornal *The Toronto Star* e, em 1921, se casou com Hadley Richardson (1891-1979) e, dois anos após, publicou seus primeiros escritos literários em *Three Stories & Ten Poems* [Três Histórias e Dez Poemas] (1923).

É considerado como um dos escritores mais proeminentes de sua época, obtendo esse reconhecimento a partir do final da Primeira Guerra Mundial, período pelo qual um grupo de artistas expatriados norte-americanos se refugiou dos EUA para a Europa com objetivo de se distanciar das consequências catastróficas resultantes desse embate global. Dentre eles, pode ser citado o próprio Hemingway, além de Ezra Pound (1885-1972), F. Scott Fitzgerald (1896-1940), T. S. Eliot (1888-1965), dentre outros, e, a esse conjunto de autores, atribuiu-se o título de *Geração Perdida*, nome este pensado pela escritora norte-americana Gertrude Stein (1874-1946) para jovens franceses de seu tempo, sendo a principal influência desse grupo.

Abrams (1999) pontua que, desiludidos por suas experiências de guerra e inconformados com a cultura “puritana” do protestantismo dos EUA, esses escritores se deslocaram para Londres ou Paris com o intuito de adquirir um modo literário mais livre e rico, considerando também que, na época, a metrópole francesa era “[...] um paraíso para estrangeiros devido à inflação alta e ao franco<sup>1</sup> desvalorizado” (LOPES, 2010, p. 65). Além disso, Hemingway e os membros desse grupo preferiram dissolver as divisões categóricas entre o país e o exterior, isto é, expandindo o texto literário para vários outros contextos locais além do seu país de origem (GILES, 2011). Nesses anos, o autor se mantinha a partir de uma pequena renda fiduciária de sua esposa Hadley, mas não o impedia de desenvolver suas narrativas.

Nessa mesma época, ele, juntamente com seus parceiros escritores, se uniu a movimentos políticos que combatiam as reformas econômicas e, pela obra literária, eles tratavam as urgências que deveriam ser tomadas para a alteração dessa realidade caracterizada pelo choque econômico norte-americano. Esse contexto, portanto, servirá como panorama para a escrita de *The Sun Also Rises* [O sol também se levanta], de Hemingway, publicado em 1926, onde ele irá retratar o

---

<sup>1</sup> Moeda francesa da época, antes de ser substituída pelo euro.

modo de vida e o humor desses cidadãos norte-americanos em solo europeu. No trecho seguinte, extraído do romance, percebe-se que o discurso de Conde Mippipopulous sugere a impossibilidade em se adquirir uma bebida de qualidade nos EUA:

— [...] Agora desça e traga o gelo. — Ficou vigiando o cesto à porta da cozinha.— Vão ver que é muito bom — disse. — Sei que não temos agora muitas oportunidades de apreciar um bom vinho, nos Estados Unidos, mas consegui este com um amigo que está neste ramo de negócios.  
— Você sempre conhece alguém no ramo — comentou Brett.  
— É um sujeito que possui vinhedos. Milhares de acres cobertos de vinhedos (HEMINGWAY, 2015a, p. 41, tradução de Berenice Xavier).

Analisa-se, então, que a prosperidade e o bem-estar social não significavam uma realidade frequente na rotina dos cidadãos norte-americanos. A transposição desse contexto para a narrativa destaca a influência pela qual essa época exerceu na vida pessoal de Hemingway e de outros escritores de sua época, sendo um dos temas mais persistentes dentre os escritores do século XX no período pós-guerra (SPILKA, 1962). Isso irá se expandir para todo o estilo de produção utilizado pelo escritor, visto como a sua *poética* de composição. Esse termo se refere ao que o filósofo Aristóteles (2008) considerava acerca da arte literária, apresentando-a como os efeitos, a natureza e princípios que estruturam as produções em geral. Por isso, observar o estilo da literatura composta por um autor é compreender como elas se realizam ao longo das publicações existentes da bibliografia escrita por ele.

Além de ser, pela crítica da imprensa, um escritor reconhecido, ele, em sua vida pessoal, era nomeado como um grande boêmio. Devido a conflitos com sua primeira esposa, Hemingway se divorciou, mas, em 1927, casou-se com a sua segunda esposa, a jornalista bem sucedida Pauline Pfeiffer (1895-1951). Até o estopim desse segundo relacionamento, o escritor publicou três coleções de contos, intitulados *Men Without Women* [Homens sem Mulheres] (1927), *Winner Takes Nothing* [Ganhador sem Nada] (1938) e *The Fifth Column and the First Forty-Nine Stories* [A Quinta Coluna e as Primeiras Quarenta e Nove histórias] (1947). Ademais, publicou os livros não-ficcionais *Death in the Afternoon* [Morte na Tarde] (1932) e *Green Hills of Africa* [Colinas Verdes da África] (1934); e três romances: *A Farewell to Arms*, como já citado, *To have and Have not* [Ter e Não Ter] (1937) e *For Whom the Bells Tolls* [Por Quem os Sinos Dobram] (1940).

Em 1940, Hemingway se casou com a sua terceira esposa, a escritora de ficção Martha Gellhorn (1908-1998). Todavia, o relacionamento só durou cinco anos, de modo que o autor conheceu Mary Welsh (1908-1986), também escritora e jornalista, durante seu trabalho de relato da Segunda Guerra Mundial para a imprensa. Logo, sua fama aumentou com a publicação de *The Old Man and the Sea*, em 1952, porém, posteriormente, em 2 de julho de 1961, atingido pela depressão e pelo seu estado físico após dois acidentes, cometeu suicídio na sua residência, nos EUA. Antes do trágico fato, ele estava dedicado à produção de outras obras que, postumamente, foram publicadas: *True at First Light* [Verdade ao Amanhecer] (1999); *A Moveable Feast* [Paris é uma Festa] (1964); *Islands in the Stream* [Ilhas na Corrente] (1970); *The Garden of Eden* [O Jardim do Éden] (1986); e *The Dangerous Summer* [O Verão Perigoso] (1985).

Em seus estudos, analistas críticos, a exemplo de Halliday (1962), focam no aspecto realista nas narrativas, em vista de que Hemingway aborda temas através de uma escrita objetiva, derivada de seu ofício de jornalista exercido durante as primeiras décadas do século XX. Baseando-se nesse pressuposto, analisa-se o modo pelo qual o discurso literário se apresenta em seus textos, de maneira que toda pesquisa literária está sujeita a alguns questionamentos, ou seja, a um estudo das ideias provenientes da produção a qual se pretende utilizar como objeto de pesquisa (COMPAGNON, 1999). Por isso, os textos de Hemingway contêm modos discursivos de elaboração extraídos de sua experiência pessoal na imprensa, o que propõe uma literatura próxima do texto jornalístico e, ao mesmo tempo, singular com relação à extensão textual e ao uso condensado de palavras.

Sobre a obra produzida pelo escritor ao longo de sua carreira literária, o crítico Anderson (2010) destaca que, durante a cerimônia de entrega do Prêmio Nobel de Literatura pela obra *O Velho e o Mar*, o evento apresentou-o como um autor que colocou novos direcionamentos para a prosa, sobretudo na arte de criação de diálogos, um dos aspectos mais presentes em seus textos ficcionais. Ainda, a coragem, a masculinidade e a morte eram as principais temáticas que o escritor utilizava ao se referir à condição humana. Como afirma Vanspanckeren (1994, p. 73), “[...] Hemingway frequentemente envolvia suas personagens em situações perigosas para poder revelar sua natureza interior; em suas obras mais tardias, o perigo às vezes se torna oportunidade para a afirmação da masculinidade”.

A solidão, ainda, é uma temática bastante utilizada por Hemingway, abordada, por exemplo, em *O Velho e o Mar*. Ao desenvolver suas considerações críticas sobre a obra do autor, Gray (2004) aponta para esse tema como um elemento de extrema influência para o percurso dos personagens durante a continuidade de suas narrativas. Isso pode ser verificado na expressão do pensamento do velho Santiago, protagonista do *corpus* desta pesquisa:

- Gostaria tanto de ter aqui o garoto! Para me ajudar e para ver isto. “Pessoas da minha idade nunca deviam estar sozinhas”, pensou. “Mas é inevitável. Tenho de comer aquele atum antes que comece a luta, para estar forte. Lembre-se de que, mesmo que não tenha fome, você precisa comer de manhãzinha. Lembre-se”, repetiu-o em pensamento (HEMINGWAY, 2013a, p. 51, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>2</sup>

Matthews (2010) examina o trabalho de Hemingway como um reflexo de uma produção singular por meio da dominância de características específicas dessa época, apresentando traços que remetem a uma escrita expressa pela sua objetividade e clareza na construção de suas ficções. Constantemente, os críticos literários direcionam seu foco para a precisão de palavras que Hemingway utilizou para a composição de suas obras. De acordo com Gomes (2009, p. 131, grifo do autor):

A prosa de Ernest Hemingway é uma das mais bem estruturadas de toda a literatura; a forma com que seus textos são construídos é facilmente reconhecida e desde então vem sendo muito imitada, mas nunca igualada. A escrita de suas narrativas é orquestrada de forma minimalista, tendo em vista o que o autor chamava de *one true sentence*, ou seja, uma frase verdadeira. Isso significava que seus textos tinham como característica uma economia de palavras [...].

Em *Adeus às Armas*, por exemplo, Hemingway cria um romance caracterizado pela síntese na descrição dos contextos, além de se destacar pelo seu teor romântico e dramático, narrando a paixão entre um motorista de ambulância americano, Frederic, e uma enfermeira inglesa, Catherine, durante a Primeira Guerra. De acordo com Puglia (2010, p. 57), o texto, baseado em um caso amoroso do próprio autor, revela que “os dilemas entre a felicidade pessoal e o dever coletivo, entre os descontroles da paixão e a irracionalidade bélica, criam uma poderosa narrativa sobre a solidão dos que ousam amar em tempos de ódio”. A obra garantiu

<sup>2</sup>Then he said aloud, “I wish I had the boy. To help me and to see this.” No one should be alone in their old age, he thought. But it is unavoidable. I must remember to eat the tuna before he spoils in order to keep strong. Remember, no matter how little you want to, that you must eat him in the morning. Remember, he said to himself (HEMINGWAY, 1952, p. 48).

a carreira promissora do escritor, colocando-se como um relato de experiências pessoais transferidas para a arte literária.

Grande parte dos estudiosos em literatura elogia a narrativa continuamente, apontando a influência pela qual Hemingway exercia em outros autores da literatura norte-americana. Para o crítico West Junior (1962), o romance traz personagens que buscam sua sobrevivência em um ambiente hostil, colocando a condição humana em uma sociedade atingida pela violência ocasionada pela guerra. Afirma-se que, em menos de três semanas, o romance se tornou um *best-seller* ao vender mais de vinte e oito mil cópias. Analisa-se, também, que a maioria dos eventos do romance foi criada a partir do conhecimento do autor acerca dos instrumentos de guerra e da política que se instaurava entre os países, narrando situações de forma autêntica e objetiva (ANDERSON, 2010). Nesse sentido, o fragmento seguinte ilustra a habilidade do narrador em descrever o sistema político que permeava o contexto de guerra:

Os italianos estavam certos de que a América também iria declarar guerra à Áustria e mostravam-se perturbados com qualquer americano que chegasse, mesmo que fosse da Cruz Vermelha. Perguntaram-me se o presidente Wilson<sup>3</sup> iria declarar guerra, e respondi que era questão de dias. Eu não sabia o que poderíamos ter contra a Áustria, mas me pareceu lógico que a considerássemos tão inimiga quanto a Alemanha (HEMINGWAY, 2013b, p. 54, tradução de Monteiro Lobato).

Com essa sua proposta inovadora de produzir prosa, Hemingway se encaixa no grupo de artistas do Modernismo, movimento que se dedicava à criação de obras de diversas expressões artísticas, distanciando-as dos modelos tradicionais anteriormente utilizados. Ao realizar observações sobre o estilo do escritor, Levin (1962) sugere que a sua linguagem se apresenta com um forte poder conotativo, produzindo possibilidades de associações semânticas com cenários da época. Ademais, considera-se o uso do narrador onisciente como um dos elementos predominantes da narrativa moderna, algo que antes era pouco inserido pelos escritores. No trecho anterior, a narração assume uma condição com base nas perspectivas expressas por Frederic, e esse tipo de narrador adquire um caráter *autodiogético*, isto é, aquele que “[...] designa a entidade responsável por uma situação ou atitude narrativa específica: aquela em que o narrador da história relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história” (REIS &

---

<sup>3</sup>Woodrow Wilson (1856-1924), presidente dos EUA entre 1913 e 1921.

LOPES, 1988, p. 118). Portanto, este tipo de narrador é constantemente encontrado nos textos de Hemingway. Nesse sentido de considerá-lo como um objeto frequente do Modernismo, analisa-se que:

A narração onisciente, em que parece não haver em princípio limitações ao que pode ser conhecido e contado, é comum não apenas nos contos tradicionais mas nos romances modernos, em que a escolha do que será realmente contado crucial (CULLER, 1999, p. 91).

A inserção de um caráter onisciente pode ser verificada na maioria de suas obras, em especial nos romances. Em *Verdade ao Amanhecer*, é evidente a onisciência do narrador na descrição da sua *psiqué* sobre a África e a fauna nela contida, como se percebe neste fragmento: “Pensei em como tivemos sorte desta vez por estarmos em África a viver no mesmo sítio durante bastante tempo de maneira a poder ficar a conhecer os diferentes animais e a conhecer as tocas das serpentes e as serpentes que lá viviam” (HEMINGWAY, 2001, p. 72, tradução de José Lima). Ao tratar desse aspecto da narrativa como uma *focalização*, Jahn (2007) destaca que, em textos do autor, os eventos da história são retratados por um ou mais personagens por meio do acesso interno que a obra promove ao leitor, em vista de que as informações são limitadas às percepções, cognições e pensamentos desses personagens.

Trotter (1999) também identifica a obra de Hemingway como uma das mais próximas do movimento modernista, atribuindo-lhe o caráter exclusivo como escritor de prosa, revelando um caráter autêntico e impessoal. Representou-se, portanto, uma herança humanista que resistiu aos horrores dos campos armados e aos desastres da Primeira Guerra. Acrescenta-se, ainda, uma ordem estética evidenciada por uma tradição ocidental sobrevivente no que se refere ao método habilidoso de escrita, adicionando seu toque de sensibilidade crítica e inteligência literária (LOWE, 2010). Suas produções atraíram para criar um efeito preciso nas construções de sua prosa, realizando um discurso narrativo de maneira brutal e honesta ao tratar de temáticas que abordam situações relacionadas ao homem e aos seus dilemas pessoais.

Logo, Hemingway é visto com um inovador no processo ficcional existente em cada uma de suas composições. Raeburn (2013) relaciona a escrita do autor com a expressão própria do Modernismo acerca do relativismo e da moralidade pessoal. Sua ficção, ademais, expõe o narrador como um conhecedor de experiências

sensuais, envolvendo elementos, tais como comida, álcool e sexo. Conforme se observa em seus romances, os cenários naturais traziam aos personagens oportunidades de sedução que proporcionavam uma fuga dos valores éticos e um distanciamento da rotina cotidiana.

Em *O Jardim do Éden*, por exemplo, o triângulo amoroso entre David, Catherine e Marita realiza uma ficção construída em torno da traição e do desvio dos padrões matrimoniais. Na trama, David e Catherine, envoltos em uma viagem de núpcias na Costa Azul, conhecem Marita e, a partir desse encontro, iniciam uma série de casos amorosos, originando consequências variadas entre os personagens. Esta última, por sua vez, atua como peça-chave para a desestruturação do casamento do casal protagonista, provocando uma série de mudanças individuais nos personagens, principalmente em David. É o que se expõe no trecho a seguir:

- Vou ver como está Catherine - disse a jovem. - Ou as coisas darão certo ou não.

Ela já tinha se retirado havia dez minutos, e ele provou o drinque da jovem e resolveu toma-lo antes que ficasse quente. Pegou o copo, levou-o aos lábios e ao encostá-lo na boca descobriu que isso lhe proporcionava prazer por ser dela. Isso estava claro e era inegável [...]. Estar apaixonado pelas duas [...] (HEMINGWAY, 1986, p. 129-130, tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho).

Sobre esse romance, Oliver (2007) destaca que, embora seja considerada uma de suas obras de maior relevância além de *O Velho e o Mar*, parte do manuscrito original foi dispensando pelo editor antes da publicação. Ainda hoje, pesquisadores da literatura produzida por Hemingway almejam pela leitura do texto integral da narrativa antes mesmo de estabelecer algum julgamento que a defina com mais propriedade. Todavia, ela é observada como uma das tramas mais atrativas perante todas as narrativas produzidas pelo autor, expondo, assim, a predominância da habilidade do autor em escrever textos em prosa.

Durante o Modernismo, a análise minuciosa do texto literário adquiriu uma maior atenção com o surgimento do *New Criticism* [Crítica Nova], no decorrer dos anos 30, no sul dos EUA, obtendo um maior espaço entre 1940 e 1950. Os estudos críticos influenciaram uma pesquisa mais aprofundada na narrativa, sobretudo no gênero romance, já que, “[...] a marcha e o procedimento do romance põem deliberadamente a descoberto a própria dinâmica artística como o centro da narrativa” (LUKÁCS, 2000, p. 222). Para Cohen (2002), a Nova Crítica trazia uma abordagem intrínseca da obra literária, exigindo métodos mais objetivos na pesquisa

em literatura, como negar a história literária e a biografia. Embora eles determinassem esses valores no texto literário, a obra de Hemingway ultrapassou essas normas, uma vez que sua técnica de inserção de situações próprias da história é frequentemente encontrada ao longo de suas composições.

Após o período modernista, os Estudos Culturais começaram a adquirir um maior espaço nas pesquisas em literatura, como as análises voltadas para as relações de gênero. Com o surgimento da crítica feminista, a prosa de Hemingway é constantemente revisitada devido às relações de gênero representadas em seus romances e contos, uma vez que a imagem pública de masculinidade e temas frequentes como caça, guerra e touradas desviam o olhar do leitor para a condição das mulheres imaginadas nos enredos. Dessa forma, a abordagem do escritor induz a uma desconstrução dos valores sexistas, tornando a mulher como um ser induzido pelas ações executadas pelo homem, enquanto que aquelas que fogem dos “padrões” de comportamento feminino são ilustradas por um olhar machista aos modelos do perfil da mulher. Uma prova real disso se encontra em *Por Quem os Sinos Dobram*, romance que narra a trajetória do norte-americano e professor de espanhol Robert Jordan, que recebe a função de explodir uma ponte devido a um ataque na cidade de Segóvia, Espanha, durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), evento que Hemingway presenciou na vida real. No texto, Pilar, a esposa de Pablo, adquire um caráter distinto, quando é associada a uma identidade de mulher corajosa, superando a do seu marido. É o que se observa no trecho a seguir:

— Como ela é, a *mujer* de Pablo?  
— Uma coisa grosseira — arreganhou os dentes o cigano. — Uma coisa *muito* grosseira. Se você pensa que Pablo é feio, deveria ver essa mulher. Além disso, ela é valente. Cem vezes mais corajosa do que Pablo. Mas é algo grosseira (HEMINGWAY, 2013c, p. 30, tradução de Luís Peazê, grifos do autor).

Vê-se, portanto, como a visão narrativa adota um teor machista ao se referir ao perfil feminino enquanto algo exótico devido à condição de preponderância da mulher representada por Pilar. Possibilitando o estudo do *corpus* por esse e outros vieses, Agostino (1962) aponta que o romance é intrigante em diferentes aspectos, porém, se destaca pela sua liberdade estética em vista da escrita de seu tempo, além de invadir uma zona de sentimento profundamente humano. Ainda, é visto como uma trama contida de um tom dramático que simboliza os dilemas individuais em diferentes tempos e lugares.

Além dessa característica, a variedade de situações retratadas em sua prosa através de seu deslocamento constante por diversos países do globo contribuiu para que o autor estabelecesse seu *status* enquanto um dos maiores produtores de narrativa do século XX, promovendo uma maior diversidade de contextos ficcionais para o público-leitor. Com aventuras itinerantes integradas em suas obras, Hemingway conquistou leitores de todo mundo, o que lhe atribuiu um caráter icônico quando comparado a outros autores de sua época. Larson (2013) explica que o contínuo trabalho dos críticos voltados às suas narrativas assegura a permanência do autor nos estudos de natureza acadêmica. Para se ter uma ideia, contabiliza-se que existem mais de 100 ensaios, teses, notas e livros que são publicados anualmente, fortalecendo a ideia de sua canonização na academia literária e, ao mesmo tempo, confirma o volume de alternativas de estudo aplicadas à sua ficção. Cada escrito promove novas descobertas de dimensões a serem consideradas pelo analista literário, ultrapassando sucessivas gerações de público.

Desde então, da mesma forma como que Hemingway é considerado pela crítica como um grande romancista, seus contos também são vistos como verdadeiras expressões da arte em prosa. Para Monteiro (2010), as breves histórias do autor colocam-no como um contista sério, comprometido em compor ficções que expressem a habilidade de adequar situações relacionadas ao homem e ao seu percurso individual. Em *The Snows of Kilimanjaro* (As Neves de Kilimanjaro), publicado em 1932, o autor apresenta uma de suas narrativas mais complexas e simbólicas, retratando os momentos finais de um escritor decadente na África que está debilitado por uma infecção enquanto espera um avião para o seu resgate, levando-o para um tratamento médico que pode salvar a sua vida. O texto apresenta um exame por parte do narrador, alternando entre as memórias biográficas dos atos cometidos pelo protagonista e o momento corrente do enredo.

No trecho seguinte, percebe-se o domínio que a narrativa contém ao fazer essa transição entre passado e presente, associando os fatos em torno do sentido contextual apresentado:

Continuaram a beber. Ele não sofria dores agora, a não ser o desconforto de estar deitado sempre na mesma posição. Os rapazes acenderam fogueiras cujas chamas refletiam-se nas tendas, e ele voltou a ter aquela sensação de aquiescência a uma vida de agradável entrega. Ela era muito boa para ele. Fora cruel e injusto aquela tarde. Uma mulher realmente boa, fora de série, mesmo. Neste preciso instante, porém, deu-se conta de que

caminhava para a morte (HEMINGWAY, 2011, p. 22, tradução de José J. Viegas e Ênio Silveira).

Através dessa obra, Hemingway adquiriu um prestígio mundial em torno dos críticos devido ao seu ato inovador de apresentar um estilo inegável de observação dos fatos, trazendo para o conto norte-americano um caráter distinto de outras formas de narrativa das primeiras décadas do século XX. Nomeado também enquanto “escritor de viagens”, seu texto reflete não apenas o percurso dos personagens em ambientes físicos, mas a jornada interna que cada um realiza em busca de sua autorrealização enquanto indivíduo.

Outra obra bastante considerada pelos críticos é *Paris é uma Festa*, livro pelo qual o autor desenvolveu uma retrospectiva de seus primeiros anos enquanto escritor na França. Conforme discorre Decker (2009), o centro francês é representando como uma imagem de inocência e ao mesmo tempo de boemia, mediante os cenários repletos de norte-americanos burgueses que deixam de ser turistas e assumem a identidade de expatriados. Ademais, ele é considerado um guia de incentivo para viagens rumo a Europa, o que se opõe ao trauma resultante da guerra, mostrando os efeitos que invadiram a vida dos envolvidos. Em sua produção, o autor descreve:

Assim vivemos o dia-a-dia, apreciando sem preocupações o que possuímos. Mentindo e odiando a nossa mentira, que nos vai destruindo. Cada dia que passa se torna mais perigoso, mas nós vivemos o tal dia-a-dia como acontece na guerra (HEMINGWAY, 2000, p. 124-125, tradução de Virgínia Motta)

Baseando-nos no trecho acima, compreendemos que Hemingway descreve, de forma íntima, o quanto há, ainda, sensações diretamente relacionadas com o contexto de guerra presenciado por si, representando as angústias que muitos norte-americanos sentiam devido aos resultados que esse embate mundial trouxe para a vida pessoal de cada um. De fato ele, assim como outros artistas de seu tempo, havia se tornado “impotente” pela Primeira Guerra, sendo, portanto, resquício de um período caracterizado pela opressão e pela busca de sobrevivência. Nesse sentido, o texto compreende uma forma que o autor encontrou para expressar criticamente suas perspectivas acerca de seu condicionamento como um indivíduo que, por vários anos, carregou profundos sentimentos de pesar referentes à perda econômica e social enquanto cidadão norte-americano.

Por isso, apresentamos este recorte de alguns estudos críticos já realizados sobre os textos narrativos compostos por Hemingway, atentando ao fato da existência de inúmeras outras pesquisas não pontuadas neste capítulo. Todavia, as obras do escritor carregam uma amplitude de análises e comentários observados em âmbito mundial, o que demonstra a importância de sua obra no que se refere à realização de estudos críticos voltados para a sua forma e temas abordados e que, portanto, oferecem alternativas de observação para o pesquisador em literatura, baseando-se nas teorias e vertentes disponíveis para o desenvolvimento analítico das narrativas desse autor consagrado em todo o contexto global.

### O VELHO E O MAR E A CRÍTICA LITERÁRIA

Quando se trata de um autor tal como Ernest Hemingway, a primeira obra que surge em meio à discussão dos críticos literários é *O Velho e o Mar*, romance pelo qual o escritor obteve reconhecimento mundial. Todavia, os estudos voltados para o texto literário em questão são ainda ausentes quando ele é lido sob uma perspectiva pós-colonial. Geralmente, as análises encontradas por estudiosos em literatura, como Waldmeir (1962), Backman (1963), Oliver (2007), dentre outros, são concentradas na área de semiótica – estudo dos significados dos símbolos no texto literário – na masculinidade dos personagens, na religião, dentre outras abordagens críticas, em detrimento de uma leitura pós-colonial.

Backman (1963), por exemplo, considera o velho Santiago como uma representação imagética de Cristo carregando a cruz. Com base em dois trechos extraídos do romance, ele destaca a postura do pescador como um estado de cansaço e de sofrimento perante a sua exaustão segurando um grande peixe em suas costas em um barco de madeira, tal como Cristo permaneceu ao se apoiar em uma cruz de mesmo material, conforme o texto bíblico no Novo Testamento (EVANGELHO SEGUNDO JOÃO, 2014). Assim expressa o protagonista de Hemingway para si próprio: “Descanse um pouco encostado à madeira no banco e não pense em coisa alguma [...]” (HEMINGWAY, 2013a, p. 68, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>4</sup>; “[...] e o velho era transportado sobre pequenas ondas e com a linha atravessada aos ombros, a qual agora feria menos” (HEMINGWAY,

<sup>4</sup>“Don’t think, old man, he said to himself, Rest gently now against the wood and think of nothing [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 66).

2013a, p. 68, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>5</sup> Percebe-se, portanto, que Santiago adquire uma nova configuração interpretativa a partir de um olhar pelo qual se buscou sua semântica a partir de outro texto, caracterizando, então, um estudo intertextual da obra literária.

Waldmeir (1962) segue a mesma linha teórica dos outros críticos anteriormente citados ao tratar do romance sob uma visão religiosa. Em seu ensaio, ele aponta, por exemplo, a numerologia existente nos textos como uma referência aos próprios números do Antigo e do Novo Testamentos da Bíblia, como o número três. Como revela o pesquisador, tal como Cristo permaneceu sepultado durante três dias para adquirir a ressurreição, essa mesma quantidade de tempo foi preciso para que Santiago travasse sua luta com o grande peixe em meio ao mar para que, enfim, conseguisse pescá-lo, mesmo não obtendo a caça por inteiro ao chegar à terra firme, já que ela havia servido de alimento para os tubarões (HEMINGWAY, 2013a). Isso reforça ainda mais o caráter simbólico do texto literário, apresentando uma interpretação ainda mais direta da figura de Santiago com o Cristo bíblico.

*O Velho e o Mar*, ademais, é um texto que, continuamente, é considerado como um exemplo do estilo simbólico que caracteriza a escrita de Hemingway. Halliday (1962), ao tratar do simbolismo e da ironia em produções do autor, faz uma referência a como a composição dos seus romances traz aspectos da religião Católica Romana, apesar de ele não os expressar de forma clara. Ele exemplifica sua afirmação com base na postura de Santiago que, talvez devido a uma possível educação católica, reza suas “Ave-Marias” como uma forma de refúgio perante a sua condição de solidão e precariedade em meio à imensidão do mar, conforme expõe o seguinte trecho:

Começou a rezar quase mecanicamente. Às vezes estava tão cansado que nem podia lembrar-se das orações, e então costumava dizê-las muito depressa para se lembrar delas automaticamente. “As Ave-Marias são mais fáceis do que os Padre-Nossos”, pensou (HEMINGWAY, 2013a, p. 67, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>6</sup>

A proposta analítica do fragmento acima se constrói a partir das ideologias religiosas que são inseridas no texto. Pelo discurso dos personagens que se

<sup>5</sup> “[...] the old man rode gently with the small sea and the hurt of the cord across his back came to him easily and smoothly” (HEMINGWAY, 1952, p. 66-67).

<sup>6</sup> He commenced to say his prayers mechanically. Sometimes he would be so tired that he could not remember the prayer and then he would say them fast so that they would come automatically. Hail Marys are easier to say than Our Fathers, he thought (HEMINGWAY, 1952, p. 65).

materializam no conteúdo narrativo, o pesquisador fornece suas percepções de acordo com o seu conhecimento pessoal referente às doutrinas católicas e, especialmente, pela própria postura do autor da obra, uma vez que os aspectos simbólicos só se materializam diante das ações, sobretudo da expressão oral que eles utilizam para expor seus desejos e visões ao longo do texto ficcional, a exemplo de Santiago, como se colocou no trecho.

Outra opção de se analisar *O Velho e o Mar* e, talvez a mais óbvia, seria o embate entre juventude e velhice. Oliver (2007) faz uma observação acerca dessa temática através da representação do garoto Manolin e dos leões que Santiago vê em seus sonhos (HEMINGWAY, 2013a) como uma referência ao retorno constante de Santiago ao tempo de quando era jovem. Eles operam um mecanismo de rejuvenescimento e de força masculina ao velho pescador pelas suas próprias características físicas: Manolin, por ser uma criança, e os leões, por apresentarem força e agilidade. Neste sentido, pensar nesses dois elementos do enredo leva o protagonista da obra a permanecer em constante luta e ferrenha resistência à força das intempéries marítimas, mesmo perante as limitações que sua idade lhe oferece. Ao desenvolver uma análise por essa ótica, o crítico dá outro olhar interpretativo ao texto, atentando para as dificuldades que a idade avançada traz para aqueles que a atingem, propiciando um debate semântico que evidencia os contrastes entre juventude e velhice em diversos fragmentos da obra.

Como outra provável concepção de leitura do romance, há ainda a abordagem ecocrítica. Entende-se o termo como uma ferramenta de análise pela qual a literatura, assim como outras formas de arte, discute as relações do homem com a natureza e as suas consequências para o meio ambiente. Garrard (2004) trata a ecocrítica como um enfoque voltado para análises culturais cujo propósito é promover um estudo moral e político com base nas preocupações ambientais e sociais para com o ecossistema. Na obra em estudo, Santiago mantém uma relação bastante próxima com a natureza, especialmente com os animais, já que relacionar-se e até sonhar com eles constitui o principal artifício de fuga do entediante cenário de solidão a que ele está relegado. No trecho a seguir, é evidente a sua aproximação com os pássaros e os peixes, caracterizando a sua solidariedade e parceria com a fauna em meio ao mar:

Gostava muito dos peixes-voadores, pois eram os seus melhores amigos no oceano. Tinha muita pena das aves, especialmente das gaivotas menores

que estavam sempre voando e à procura de alimento, quase nunca o encontrando, e o velho pensava: "As aves têm uma vida mais dura do que a nossa, excetuando as aves de rapina e as mais fortes. Porque existiriam aves tão delicadas e tão frágeis, como as andorinhas-do-mar, se o mar pode ser tão violento e cruel? O mar é generoso e belo. Mas pode tornar-se tão cruel e tão rapidamente, que aves assim, que voam mergulhando no mar e caçando com as suas fracas e tristes vozes, são demasiado frágeis para enfrentá-lo" (HEMINGWAY, 2013a, p. 32, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>7</sup>

Como sugere a passagem, o pensamento de Santiago é um exemplo do comportamento de companheirismo para com os seres vivos que aparecem no texto ficcional. O pescador, não obstante as dificuldades próprias da velhice, compara a sua trajetória enquanto ser humano com a rotina daqueles seres que, diariamente, sofrem certas atrocidades durante a busca por alimento. Assim, ele os trata como amigos, os peixes-voadores, e isso se associa ao que Foster (2000) comenta sobre as ideologias dos socialistas, sobretudo aquelas defendidas pela ecologia do filósofo socialista Karl Marx (1818-1883), que eliminou as distinções sociais entre animais e seres humanos e, conseqüentemente, defendeu a aproximação do homem com o sistema natural, aí inclusos os animais não humanos.

Afastando-nos dessas e de outras propostas de observação da narrativa em destaque, trazemos à luz uma leitura pós-colonial do romance, como que para conferir um acréscimo às várias atribuições de sentido dadas a *O Velho e o Mar*. Em um texto narrativo submetido a essa estratégia de leitura, convém considerar como ela aciona a compreensão de elementos que, em sua operação ao longo da obra, se categorizam enquanto fatores que direcionam o leitor para um contexto voltado às lentes do pós-colonialismo, ou mais propriamente, do neocolonialismo norte-americano. Como Ashcroft et al. (2007) sugerem, é a partir da escrita textual que se fará uma reflexão sobre as marcas profundas da colonização deixadas na construção de uma obra. Essa leitura, de fato, desestrutura as visões que se contradizem devido às ideologias trazidas pelo processo colonialista, ainda que, em alguns casos, se exponha de forma inconsciente por parte do autor.

---

<sup>7</sup> He was very fond of flying fish as they were his principal friends on the ocean. He was sorry for the birds, especially the small delicate dark terns that were always flying and looking and almost never finding, and he thought, the birds have a harder life than we do except for the robber birds and the heavy strong ones. Why did they make birds so delicate and fine as those sea swallows when the ocean can be so cruel? She is kind and very beautiful. But she can be so cruel and it comes so suddenly and such birds that fly, dipping and hunting, with their small sad voices are made too delicately for the sea (HEMINGWAY, 1952, p. 29).

Atentando para o fato do ano de publicação da obra (1952) e para o contexto sociopolítico em que a ficção é alocada – o território cubano –, observa-se que, na década de 50, a ilha passava por um processo de lutas diante do poder do Império governado pelos EUA. Como destaca Perkins (2007), foi desde este período até os anos 60 que o país se viu envolvido por movimentos comunistas, levantes que procuravam defender a propriedade coletiva do capital adquirido, diferente do governo norte-americano que, em sua ação imperial, agia em favor da acumulação dos bens. Isto é nada mais nada menos que uma característica do poderio neocolonial, já que, àquela época, Cuba era uma colônia dos EUA. Por isso, naquele país:

[...] as relações dos Estados Unidos só podiam deteriorar-se ainda mais, embora seu propósito não fosse implantar qualquer forma de socialismo, e sim modernizar o país, convertendo sua economia predominantemente feudal em uma economia capitalista (BANDEIRA, 2009, p. 123).

Exatamente em 1952, o coronel Fulgencio Batista (1901-1973)<sup>8</sup> estabeleceu um regime ditatorial em terras cubanas. Depois de terminar seu mandato em 1944, ele viveu nos EUA, só retornando a Cuba para concorrer à presidência em 1952. Enfrentando certa derrota eleitoral, ele liderou um golpe militar que antecipou a eleição. Novamente no poder, Batista revogou a Constituição de 1940, vetando a maioria das liberdades políticas, inclusive o direito de greve, e restabeleceu no país a pena de morte. O coronel, então, se concedeu um salário anual maior que o do próprio presidente norte-americano. No dia 27 de março de 1952, os EUA reconheceram oficialmente o regime de Batista. Alinhado aos latifundiários ricos que possuíam as maiores plantações de açúcar, o militar deu ensejo a presidir uma economia estancada que só aumentara as desigualdades sociais entre os cubanos ricos e os pobres. O governo cada vez mais corrupto e repressivo de Batista começou a lucrar de forma sistemática com a exploração comercial de interesses do Império em Cuba, através de negociações lucrativas com a máfia norte-americana, como as drogas, os jogos de azar e a prostituição e em conluio com grandes multinacionais dos EUA, que proporcionaram ao ditador contratos super-lucrativos.

---

<sup>8</sup> O militar Fulgencio Batista Zaldívar (Banes, 16 de janeiro de 1901 – Marbella, 6 de agosto de 1973) serviu como presidente eleito da ilha de 1940 a 1944, tornando-se ditador entre 1952 e 1959, quando foi destituído do poder pela Revolução Cubana.

Este contexto político possibilita-nos a realização de uma leitura pós-colonial do romance de Hemingway que, através de aspectos refletidos no conteúdo ficcional, irão revelar traços que realçam a influência imperialista que permeia o espaço físico, as introspecções, as características psicológicas e o *modus vivendi* dos personagens. Para trazermos uma amostra prévia de como essa abordagem crítica pode ser aplicada ao texto, damos abaixo o exemplo de um trecho da obra em que os fatores acima elencados são evidentes:

Era um velho que pescava sozinho em seu barco, na *Gulf Stream*. Havia oitenta e quatro dias que não apanhava nenhum peixe. Nos primeiros quarenta, levava em sua companhia um garoto para auxiliá-lo. Depois disso, os pais do garoto, convencidos de que o velho se tornara *salao*, isto é, um azarento da pior espécie, puseram o filho para trabalhar noutro barco, que trouxera três bons peixes em apenas uma semana (HEMINGWAY, 2013a, p. 13, tradução de Fernando de Castro Ferro, grifos do autor).<sup>9</sup>

Explorando o fragmento, observa-se como o narrador destaca a vida azarenta de Santiago que, em quase três meses, não conseguira pescar um só peixe. Vê-se como o pescador é apresentado ao leitor como um velho que, devido suas condições de desenvoltura na pesca, é julgado pela sociedade como um indivíduo ominoso. A narrativa, portanto, subalterniza a singularidade do protagonista, considerando que Santiago é aquele que, ao longo da obra, se diferencia de sua classe social enquanto pescador devido a sua idade e ao seu estado de subserviência com relação à aquisição de peixes. Como afirma Bhabha (1998), o distanciamento das singularidades do indivíduo, especialmente de classes e de gêneros, produziu uma consciência das condições pelas quais se encontra o sujeito, e que permeiam as exigências do corpo social. Logo, não seguir os padrões de produção previstos pela sociedade revela ao leitor um aspecto negativo, fornecendo-a como uma primeira característica do protagonista.

Isso é próprio de uma ação imperialista, que menospreza aqueles que se situam em classes minoritárias, a exemplo dos trabalhadores de classe baixa, como aponta Spivak (2010). Sobre este assunto, Albert Memmi, em *Retrato do Colonizado* (2007), assim se pronuncia:

<sup>9</sup> He was an old man who fished alone in a skiff in the Gulf Stream and he had gone eighty-four days now without taking a fish. In the first forty days a boy had been with him. But after forty days without a fish the boy's parents had told him that the old man was now definitely and finally *salao*, which is the worst form of unlucky, and the boy had gone at their orders in another boat which caught three good fish the first week [...] (HEMINGWAY, 1952, p. 9, grifo do autor).

Assim como a burguesia propõe uma imagem do proletário, a existência do colonizador demanda e impõe uma imagem do colonizado [...] Consideremos, nesse retrato-acusação, o traço da preguiça. Ele parece reunir a unanimidade dos colonizadores, da Libéria ao Laos, passando por Magreb. É fácil ver até que ponto essa caracterização é *cômoda*: Ela ocupa um lugar de destaque na dialética: enobrecimento do colonizador – rebaixamento do colonizado. Além disso, é *economicamente frutífera* (MEMMI, 2007, p. 117, grifos do autor).

Ademais, a própria sociedade de Cuba é colocada como uma comunidade colonial educada aos moldes do poder capitalista do Império dos EUA, algo diretamente representado pelos pais do garoto que acompanha Santiago ao adjetivar o idoso como *salao*, por não ser favorecido no seu ofício de pescador.

Quanto ao uso do termo espanhol *salao* e a explicação de seu significado (azarado), estabelecem-se limites entre a cultura da metrópole e a da colônia nativa, de maneira que, considerando o romance em sua definição, essa expressão é tratada como um elemento exótico aos olhos do leitor, já que a obra foi escrita em língua inglesa. A ação do narrador em distinguir ambas as línguas se repete em outras situações que serão evidenciadas ao longo da análise do *corpus* propriamente dita. Portanto, essa estratégia narrativa do autor apresenta a diferença cultural como algo produzido constantemente, que “[...] no processo mesmo de sua manifestação, ela não é uma entidade ou expressão de um estoque cultural acumulado, é um fluxo de representações [...]” (COSTA, 2006, p. 92), trazidas, então, a partir do contraste entre o poder cultural norte-americano e a exposição da cultura da margem, a cubana.

Com base nessas considerações, o *corpus* desta pesquisa revelará alguns elementos referentes ao neoimperialismo dos EUA, desde a *performance* do narrador até o comportamento dos personagens ao longo do texto. As produções de Hemingway, entretanto, conduzem o leitor a observar outras questões referentes a fatos históricos tal qual o contexto imperial cubano em *O Velho e o Mar*. Portanto, investigar narrativas que exploram esses panoramas torna-se uma ação de essencial relevância para o pesquisador em literatura, de modo que o texto, analisado a partir de um contexto sociocultural, contém a própria história – enquanto elemento social - como fator referente para a observância do conteúdo ficcional (CANDIDO, 2006) e, assim, são estabelecidas questões que, sejam elas ideológicas, culturais, políticas, etc., influenciam na compreensão dessas obras como amostras de retratos pessoais da perspectiva do autor sobre elementos

específicos que integraram as situações envolvidas nas suas produções e que, por isso, se tornaram aspectos característicos do estilo de escrita de Hemingway.

## 2 PENSANDO O PÓS-COLONIALISMO E A LITERATURA DE ERNEST HEMINGWAY

Para uma melhor compreensão do nosso objeto de análise, faz-se necessário apresentar alguns pressupostos da teoria pós-colonial aplicada a textos literários, identificando algumas das principais ideias discutidas por estudiosos do contexto mundial que auxiliem na leitura proposta do romance *O Velho e o Mar*. Com base nos aspectos discutidos, serão evidenciados alguns elementos a serem considerados mediante a literatura produzida por Ernest Hemingway, autor do *corpus* em estudo, tendo em vista a possibilidade de analisar a sua obra sob um viés pós-colonial.

### A TEORIA PÓS-COLONIAL E OS ESTUDOS CULTURAIS: PRINCIPAIS PENSADORES E OBRAS

Os Estudos Culturais correspondem a um âmbito de pesquisas focadas na formação do indivíduo enquanto cidadão constituído de seu próprio patrimônio cultural, seja ele revelado por meio da arte, da língua, da carga histórica, enfim, de tudo aquilo que corresponde ao que se denomina cultura, entendida como “[...] campo de luta entre os diferentes grupos sociais em torno da significação” (SILVA, 2000, p. 32), concepção esta pensada a partir das pesquisas introduzidas pelos próprios Estudos Culturais. De fato, esse embate entre diferentes manifestações de uma sociedade apresenta um tema de discussão para os estudos, de modo que essa perspectiva se expande para além da definição de cultura e passa a ser vista como espaço de pesquisa para os teóricos.

A cultura, enquanto objeto de estudo, acompanha as mudanças da sociedade ao longo da história e, por isso, se coloca para o pesquisador considerando o foco pelo qual ela está sendo tomada para investigação. Observa-se que a interpretação desse objeto é afetada pelo panorama histórico e social que contribuiu para o surgimento de respectivas formulações surgidas ao longo dos anos. Na Inglaterra, especialmente na década de 1950, por exemplo, a visão dos estudos sobre cultura era concentrada na mudança de uma sociedade que se reestruturava no período posterior a Segunda Guerra Mundial (CEVASCO, 2003). Nesse mesmo contexto, os Estudos Culturais surgiram como um campo de estudo na Grã-Bretanha,

especialmente por meio do “Leavisismo”, um grupo literário que levava o nome de seu membro mais atuante, o crítico literário inglês F. R. Leavis (1895-1978).

De acordo com During (1999), Leavis queria usar o sistema educacional para expandir conhecimento e promover uma apreciação literária, observando a cultura não como um estudo ou atividade “de lazer”, mas como um elemento que se determina pela tradição, formando indivíduos maduros com um senso concreto e equilibrado de vida. Desse modo, esse movimento concordava com o “bloco de poder social-democrático”, ideologia que dominava a Grã-Bretanha pós-guerra, sociedade dirigida por governos que atuaram socialmente no setor privado em áreas como saúde e habitação e, culturalmente, por meio das artes e da educação. Nessa mesma época, o pensador galês Raymond Williams (1921-1988) apresentou suas concepções como uma alternativa de compreender o fator cultural como determinante para o desenvolvimento do indivíduo, relacionando suas concepções com elementos integrantes do patrimônio cultural, tais como a história, a política, a raça, a literatura, entre outros, e seu pensamento o estabeleceu como um dos principais teóricos dos Estudos Culturais do século XX.

De acordo com Williams (1992, p. 11, grifos do autor), pensar no termo “cultura” é considerar que:

[...] houve um grande desenvolvimento do sentido de “cultura” como cultivo ativo da mente. Podemos distinguir uma gama de significados desde *um estado mental desenvolvido* – como em “pessoa de cultura”, “pessoa culta”, passando por *os processos desse desenvolvimento* – como em “interesses culturais”, “atividades culturais”, até *os meios desses processos* – como em cultura considerada como “as artes” e “o trabalho intelectual do homem”. Em nossa época, é o sentido geral mais comum, embora todos eles sejam usuais. Ele coexiste, muitas vezes desconfortavelmente, com o uso antropológico e o amplo uso sociológico para indicar “modo de vida global” de determinado povo ou de algum outro grupo social.

Partindo da necessidade de entender as maneiras que a população encontra para estabelecer sua própria cultura, os investigadores encontram seu primeiro espaço de pesquisa do âmbito acadêmico, realizando coleta de dados através dos materiais extraídos dos arquivos das universidades com a meta de chegar a uma determinação dos padrões culturais pertencentes a cada civilização optada para seu campo de estudo. Atentava-se, portanto, à quantidade de valores que os cidadãos de comunidades específicas defendiam em seu aparato histórico e social, e isso tornava a pesquisa em cultura um território de democratização das identidades que

formalizavam o que se entendia por “estado cultural” de uma população. Isso também se estendeu para o ensino, de modo que se superassem as ideologias de classe dominantes da cultura, considerando também as manifestações decorrentes das minorias.

Na sociedade contemporânea, entretanto, os Estudos Culturais apresentaram suas falhas. Bhabha (1998) sugere que eles ocuparam um lugar complexo e problemático, enfatizando discursos considerados transgressores, isto é, que superam os limites, sendo estes ultrapassados por meio de uma institucionalização da discriminação e da representação errônea de inferioridades, por parte da burguesia, em grupos de mulheres, negros e outros membros do Terceiro Mundo. Há, então, um distanciamento do que se entendia por democracia, antes presente nos estudos do século XX, provocando uma revisão dos teóricos sobre as imagens construídas do Outro enquanto atuantes em seus próprios princípios culturais.

Ao longo dos anos, os pesquisadores irão se dedicar ainda mais a uma observação do termo “cultura” enquanto identidade, colocando-a como centro de determinação individual do sujeito, especialmente na pós-modernidade. Refletindo sobre isso, Hall (2006) trata a questão da identidade cultural em um mundo pós-moderno, estabelecendo algumas ideias e concepções acerca do homem como ser determinado por uma “cultura nacional”. Ao destacar, por exemplo, a globalização como um dos grandes formadores de identidade, o crítico considera esse fenômeno como decisivo para a divisão entre elites e minorias, de modo que ela conserva os valores anteriormente delimitados pelos senhores de poder, ou seja, aqueles que possuíam condições econômicas e políticas favoráveis para a instauração de sua supremacia. Isso se aplica ao contexto do predomínio ocidental que, ao longo de seu percurso expansionista, considerou a imagem do nativo como sujeito que incorpora identidades fragmentadas devido a sua distinção perante a cultura do Ocidente.

As produções intelectuais voltadas ao colonialismo propuseram um olhar crítico acerca das relações de poder entre o regime imperial e a colônia, em vista de que o seu domínio colaborou para o estabelecimento de divisões de classes e instauração de políticas de raças e de divisão desigual dos bens pertencentes ao território colonizado. Com isso, na década de 1970, os Estudos Pós-coloniais adquiriram seu próprio universo de discussões, sobretudo nas pesquisas em literatura. Essas pesquisas revelaram um conjunto de noções sobre a predominância

do europeu sobre os povos não pertencentes ao centro de poder e os seus efeitos sobre essas comunidades.

Desde então, o grande elemento que propiciou a colonização foi o imperialismo. Entende-se a ação imperialista como um período, mais especificamente entre 1870 e 1914, em que:

[...] a Europa Ocidental e os Estados Unidos arquitetaram a conquista política, econômica e cultural da África, Ásia, Oceania e América Latina. Repartiram o mundo entre si e organizaram poderosos impérios coloniais que só tinham em comum o desenvolvimento da acumulação capitalista (BRUIT, 1987, p. 5).

O imperialismo, como a própria palavra sugere, agrega os métodos que nações buscaram para construir seu Império em países vizinhos. Observa-se que a política imperial se utilizou de ações conscientes para a conquista estratégica de colônias para aumentar seu poderio econômico e cultural. É por esse âmbito que Lênin (2011) trata a ação imperial como uma etapa superior do capitalismo, considerando que os países imperialistas, ricos e poderosos, construíram um quadro de privilégios a si mesmos pela própria concentração de bens e pelo fracionamento territorial de espaços globais. Por isso, o crescimento de sua hegemonia se tornou frequente a partir de seu acúmulo transparente de terras para sua exploração e, nesse sentido, o emprego do termo “imperialismo” se associou ao vocábulo “colonialismo”.

O pós-colonialismo, então, envolve um conjunto de análises críticas que “[...] têm por objetivo compreender a realidade e as condições em que certos setores da humanidade se encontravam e se encontram excluídos pelos detentores da hegemonia colonial” (BONNICI, 2005, p. 9). Portanto, os estudiosos que se dedicam a rever esse contexto como elemento fundamental para a compreensão dos fatos políticos, étnicos, sociais e culturais em países colonizados pela Europa interpretam as produções culturais integrantes do patrimônio desses povos. A arte literária se enquadra como opção de debate para essas questões, porém, uma literatura vista pelas lentes do pós-colonialismo pode ser estendida para além da colonização europeia, apesar de ter sido uma das mais influentes na formação de diversos países do globo. Encontram-se, entretanto, outras potências mundiais que, para a obtenção de seu próprio desenvolvimento no capital, recorreu a esta prática

expansionista de poder, a exemplo dos EUA, em países africanos e espanhóis, e no Japão, em terras da Ásia e da Espanha (BRUIT, 1987).

Entre essas questões que definem o termo “pós-colonialismo”, existe outra formação estrutural do vocábulo, que seria “póscolonialismo”, sem o uso do sinal diacrítico hífen. Ashcroft et al. (2007) revelam que existe uma diferença para o uso de ambos, de forma que “pós-colonialismo” se refere a uma expressão utilizada pelos historiadores para relacioná-lo a um sentido cronológico pós-independência, que divide a história da população antes e após a colonização. De fato, o uso de tal palavra passou a indicar os efeitos culturais da colonização nessas comunidades. “Póscolonialismo”, por sua vez, é atribuído às marcas indelévels que o sistema colonial deixou para o indivíduo em seu contexto histórico, social e cultural. Sobre isso, Loomba (1998) afirma que a associação do prefixo “pós” juntamente com colonial/colonialismo traz essa discussão para um espaço mais amplo, em que as desigualdades resultantes do domínio colonial não foram anuladas de sociedades afetadas pelo regime imperialista. Apesar da diminuição das ações de dominação, um país pode permanecer tanto como um estado “pós-colonial”, por ser independente do poder da metrópole da colônia após a conquista de sua autonomia, ou “póscolonial”, no sentido de que, apesar de estar ausente do controle do Império, permanece sujeito economicamente e/ou culturalmente, sendo essa condição denominada no mundo pós-moderno como um país cuja categoria se adequa a uma conjuntura neocolonial/neoimperial.

Todavia, a pesquisa a respeito do que seria o pós-colonial é mais antiga, estando presente bem antes de 1970. De acordo com Ashcroft et al. (2007), o estudo do pós-colonialismo já era observável desde quando o indivíduo colonizado apresentou seus questionamentos referentes às consequências da prática colonial do Império com o objetivo de exteriorizar suas reflexões que se opunham às ações de instalação do seu estado de subserviência. Selden et al. (2005) acrescentam que as primeiras produções pós-coloniais permitiram o início de movimentações anticoloniais em diversas nações onde prevaleceu o imperialismo colonial. Prova disso se encontram nos textos publicados anteriores a essa época, como *Pele negra, máscaras brancas* (1952) e *Os condenados da terra* (1961), ambos de autoria do ensaísta martinicano Frantz Omar Fanon (1925-1961); *Discurso sobre o colonialismo* (1955), do caribenho igualmente de origem martinicana Aimé Césaire

(1913-2008), e *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (1957), do crítico francês Albert Memmi (1920-).

Em *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon explora o racismo contra o negro na França, tratando conceitos como preconceito racial, colonização, descolonização etc., associados a outros campos da ciência, como a filosofia e a psicologia. Sobre o preconceito racial, ele sintetiza: “o racismo colonial não difere dos outros racismos” (FANON, 2008, p. 87), pois esse aspecto gera uma situação de dependência do negro de exercer seus direitos enquanto cidadão francês tal qual o homem branco. O negro, diante dessas condições, se comporta como um ser inferior ao colonizador, que atua como algoz daquele que, na trajetória dos seus antepassados, foi vítima de uma das práticas sociais que mais lhe atribuíram o caráter de objeto durante a colonização: a escravidão.

Da mesma forma, Fanon expõe sua crítica aos efeitos da colonização em *Os condenados da terra*. Na obra, ele adverte o leitor para a temática da violência provocada pelo quadro ditatorial instaurado pelo colonizador e como isso auxilia na extinção dos valores das camadas sociais que se expuseram durante o regime imperialista. Então, resta ao nativo destruir tudo que está relacionado à metrópole, com o objetivo de combater aquele sistema e, conseqüentemente, “o colonizado que resolve cumprir este programa, tornar-se o motor que o impulsiona, está preparado sempre para a violência” (FANON, 1968, p. 27). Logo, em toda a obra, o autor coloca em destaque um antigo ditado do conhecimento comum de que “a violência gera a violência”.

Observa-se que Fanon é um dos grandes pioneiros do “nacionalismo”, uma corrente filosófica pela qual os nativos se apoiam em sua prática de resistência para transgredir as ideias da metrópole. Nessa perspectiva, a ideia de nação é colocada como uma ferramenta de ruptura contra o Império, colocando sua origem cultural acima do modelo estruturado pelo colonizador ao impor ao nativo os seus próprios hábitos e costumes. Logo, o nacional, nesse caso, atua como uma resposta perante o controle imperial, fator esse que condicionou a construção das nações enquanto locais de autoritarismo e dominação, de modo que a existência de uma tradição construiu uma ideia contemporânea de um “Estado-nação”, com os seus instrumentos de poder expressos como elementos naturais de uma cultura e de uma história nacional restrita (ASHCROFT et al., 2007). No texto literário que apresenta o contexto colonial, o conceito de nação é explorado através das figuras de linguagem

que o narrador insere durante sua *performance* narrativa. Dentre muitas formas de sentido, o nacionalismo se apresenta no exercício pleno da autorrealização de um sujeito que se reconhece como povo pertencente ao território explorado pelo poder colonial (EAGLETON, 1990), colocando a imagem do colonizador como principal agente na construção da cultura nativa distanciada dos parâmetros da sua pátria.

Como já citado, outra produção intelectual pioneira no debate do pós-colonial seria *Discurso sobre o colonialismo*, de Aimé Césaire. Em seu estudo, o ativista abrange o processo de colonização e suas práticas de dominação, exercidas na política, na economia, na cultura, na filosofia, etc., e revela como essas ações de invasão e predomínio do Império trouxeram resultados drásticos para o estabelecimento da identidade dos povos nativos. Atribuindo a colonização ao sistema burguês, o autor sugere que a ação colonial é responsável pelo caráter de descivilizar, embrutecer e despertar o colonizador para a cobiça, a violência e o preconceito racial (CÉSAIRE, 1978).

Com relação a Albert Memmi, em sua obra *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, ele problematiza a colonização não apenas como um fenômeno histórico, mas analisa o ato de colonizar como uma realidade que se transforma ao longo dos anos, configurando as imagens dos principais protagonistas desse processo político de exploração: o colonizador imperialista e o nativo colonizado. Ao pensar sobre o quadro social promovido pelo colonialismo, o teórico explica que o colonial equivale a um grupo de situações vividas e, ao revogar as ações do colonizador, o colonizado se coloca como sujeito em fuga da realidade de opressão ou de agente que permanece com o intuito de combater as condições instituídas pelo poder de quem explora as colônias (MEMMI, 2007). Nesse caso, haverá situações de conflito, de forma que os indivíduos nativos se organizam entre si para obter sua própria autonomia enquanto cidadãos constituídos de direitos em sua própria terra, conscientes de que, antes da chegada da supremacia colonial, eles já eram habitantes dos territórios explorados.

Com relação aos estudos voltados para a representação do indivíduo oriental, os Estudos Culturais propuseram dedicar suas pesquisas à colonização - enquanto prática exercida pelo imperialismo - como um dos fatores que influenciaram na representação do Oriente a partir das ideias proferidas pelo Ocidente. É pela compreensão das consequências desse aspecto histórico em sua dimensão política, econômica e, especialmente cultural, que os teóricos enquadram o colonialismo

como objeto para os Estudos Culturais, gerando, assim, o que se nomeia nas pesquisas acadêmicas como uma teoria pós-colonial da contemporaneidade.

Assim, Edward W. Said (1935-2003) corresponde a um dos escritores que mais se destacam nas pesquisas referentes às divergências entre Oriente e Ocidente. Com seu estudo crítico, ele expõe um discurso analista que se baseia nos encontros dialéticos entre a Europa e o Outro e, portanto, observa como o mundo foi construído pela mente europeia (ASHCROFT et al., 1989). Para teorizar a ideia de que a imagem oriental é problematizada como uma invenção do pensamento ocidental, ele considera a sua educação recebida, atentando ao fato de que ele é oriundo de um país transformado em colônia britânica, a Palestina e, por isso, foi uma nação totalmente limitada pelos interesses políticos e financeiros da Inglaterra devido a suas riquezas naturais. Said, nesse caso, integra a visão de sua experiência pessoal enquanto colonizado, discorrendo sobre essa realidade ao longo de sua obra.

Em um de seus trabalhos mais citados no âmbito acadêmico dos Estudos Pós-coloniais está no livro *Orientalismo* (1990), que analisa essas questões da construção imagética do Oriente pelas lentes do colonizador. O ato de colonizar, conforme aponta Said (1990, p. 109), envolve “[...] a identificação - na verdade a criação - dos interesses; estes podiam ser comerciais, comunicacionais, religiosos, militares, culturais”. Portanto, o autor explora a imagem do Oriente como uma invenção ocidental, marcada pelo colonialismo sob o signo do exotismo e da inferioridade, atribuindo ao nativo a designação de um indivíduo composto de vulnerabilidade e irracionalidade perante o colonizador ocidental.

*Cultura e Imperialismo* (1993), também de Said, é outra produção intelectual que explora a temática do domínio do Império, observando como as suas concepções ainda persistem nas culturas ocidentais. Ele realiza um trabalho de análise literária que investiga a ficção como registro do contexto colonial que potências europeias ilustram em textos contidos no cânone. Richards (2010) sintetiza que a obra de Said aplica técnicas de análise em obras situadas em contextos coloniais – até então desconhecidos – que alteram o sentido das composições. Como o próprio teórico reflete, “[...] a própria literatura faz referências constantes a si mesma como partícipe, de alguma forma, da expansão europeia no ultramar [...]” (SAID, 1993, p. 47), além de outras localidades do mundo. O imperialismo, de certo modo, é tratado como um fator histórico que trouxe para os

escritores literários (nativos ou não) um panorama caracterizado pela expansão do colonialismo, cenário esse que trouxe para os povos colonizados uma conjuntura de opressão e marginalização de seus valores culturais. Com isso, Said indica, na sua obra, como a escrita literária contribui para a compreensão dos infortúnios trazidos pelos colonizadores a partir das relações entre o histórico e o ficcional.

Outros críticos, ainda, se destacaram no âmbito mundial devido a sua influência para a consolidação da teoria pós-colonial. Os docentes e teóricos de língua inglesa Bill Ashcroft, Gareth Griffith e Helen Tiffin parecem ser os autores prolíficos dos dias atuais nos estudos sobre o pós-colonialismo e literatura, a julgar pela quantidade de publicações de artigos e livros de sua autoria que tratam da temática. Os textos mais renomados se encontram em *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* [O Império Escreve de Volta: Teoria e Prática em Literaturas Pós-Coloniais] (1989), *The post-colonial studies reader* [O leitor dos estudos pós-coloniais] (2003) e *Post-colonial studies: The Key Concepts* [Estudos pós-coloniais: Conceitos-chave] (2007). Em sua primeira obra, os autores definem a literatura pós-colonial como toda expressão literária cultural que engloba o processo imperial desde o momento da colonização até o momento atual, já que há uma continuidade de questões ao longo da trajetória histórica iniciada pelo Imperialismo europeu e que gerou efeitos nas produções literárias, especialmente aquelas decorrentes do século XIX e XX. Como exemplo de literaturas que se enquadram nessas discussões, os autores citam as literaturas dos países africanos, além daquelas originadas da Austrália, Estados Unidos, Canadá, Caribe, Índia, Malásia, Malta, Nova Zelândia, etc.

O peruano Aníbal Quijano (1930-2018) é outro pesquisador que se destaca nos estudos aplicados a partir do pós-colonialismo. A partir do seu conceito de “colonialidade de poder”, ele destaca os efeitos que a colonização gerou em diversos povos, estabelecendo uma hegemonia ao colonizador. Em seu ensaio *Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America* [Colonialidade de Poder, Eurocentrismo e América Latina], publicado em 2000, ele conceitua o termo “colonialidade” como um elemento ligado à concentração e capital executado por países europeus a partir dos salários, do mercado de capitais e, sobretudo, da sociedade e da cultura associadas aos povos atingidos pela prática colonial. Logo, ele reflete a Europa como o primeiro território a ser caracterizado pela modernidade, tendo um impacto mais direto e imediato na modernização da sociedade através da

exploração exacerbada dos bens e da população de suas colônias (QUIJANO, 2018).

Além dele, o professor argentino Walter D. Mignolo (1941-) é um teórico que aborda a problemática do pós-colonialismo enquanto determinante na configuração atual das populações dominadas pela política colonial. Em sua obra *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking* [Histórias Locais / Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Fronteiriço], de 2000, ele retorna ao conceito de colonialidade, observando que o contexto mundial necessita de uma transformação das fronteiras que determinam os povos enquanto subalternos mediante os países considerados como potências mundiais, adquirindo esse *status* devido ao controle da colonialidade de poder durante o processo de construção do sistema colonial/moderno (MIGNOLO, 2000).

Destaca-se, ainda, a teórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak (1942-) que se integra a esse grupo de estudiosos, sobretudo devido ao seu texto fundamental *Can the Subaltern Speak?* [Pode o subalterno falar?], publicado originalmente em 1988. Nele, a autora retrata a condição do subalterno como aspecto fundador para se entender os resultados da colonização na formação do caráter inferior do nativo. Entende-se como subalterno toda classe trabalhadora e grupos excluídos e subordinados pela hegemonia colonial e distanciados de qualquer função em um sistema de poder (BONNICI, 2005). Nessa mesma ideia, a crítica coloca como elemento de análise a temática de gênero, dedicando atenção especial à mulher que, em um ambiente dominado pelo poder colonial masculino, se apresenta como um ser totalmente atingido pelas ações opressoras da colonização e do patriarcado e, dessa forma, adquire a representação de um “[...] sujeito individual por meio de conceitos totalizadores de poder e desejo” (SPIVAK, 2010, p. 43).

Um exemplo literário citado frequentemente pelos estudiosos acerca da voz do subalterno está em Bertha Mason do aclamado romance *Jane Eyre* (1847), da escritora inglesa Charlotte Brontë (1816-1855). Embora o enredo esteja centrado na figura feminina de Jane em um contexto patriarcal, a teoria pós-colonial aplica o conceito de subalternidade colocando Bertha como foco, ex-mulher de Edward Rochester, par amoroso da protagonista. Aprisionada pelo marido em um espaço isolado da convivência social, sua condição indica a sua restrição devido a sua identidade enquanto sujeito estrangeiro – já que ela é natural da Jamaica, uma

colônia inglesa – e, ao mesmo tempo, de mulher, situada como um “fantoche” totalmente inconsciente nas mãos do poder colonial britânico masculino, função desempenhada pelo seu esposo durante a trama. Observe como o discurso dele ao tratar da loucura da esposa opera para a linhagem familiar de Bertha:

[...] Bertha Mason é louca, vem de uma família de loucos que produz maníacos e idiotas há três gerações! A mãe dela, a crioula, era louca e também bêbada, como vim a descobrir depois que casei com a filha... Eles guardaram silêncio sobre esses segredos de família. Bertha, como uma criança obediente, copiou a mãe em ambos os pontos. [...] Mas não quero cansá-los com longas explicações. Briggs Wood, Mason, convido-os todos a irem até a casa e visitar a paciente de Mrs. Poole, a *minha esposa*! Verão com que espécie de ente fui ludibriado para me casar, e poderão julgar se eu tinha ou não o direito de quebrar o compromisso, e procurar um pouco de simpatia em algo que ao menos seja humano (BRONTË, 2010, p. 260-261, grifo do autor).

O discurso preconceituoso de Rochester revela a preponderância da expressão eurocentrista, isto é, que atua como instrumento de influência ideológica dos valores europeus acima de outras nações mundiais. Estender a loucura de Bertha para toda geração familiar indica condenar a comunidade nativa a permanecer marginal à cultura europeia e, por isso, o texto literário colonial se materializa aos olhos do leitor como veículo de transmissão das perspectivas adotadas pelo Império, apresentando-se como um elemento ativo nos pressupostos culturais - sobretudo literários – pela propagação do pensamento colonialista inserido no texto e que atinge inúmeras gerações de leitores. Desde então, observar a questão de como a voz do europeu se expressa na escrita literária constitui-se em matéria de discussão dentro dos estudos literários pós-coloniais.

Sobre os estudos brasileiros, alguns teóricos se tornaram essenciais para os Estudos Pós-coloniais, já que o Brasil possuiu, por muitos anos, o *status* de colônia de Portugal. Destaca-se nesse grupo o crítico e historiador Alfredo Bosi (1936-), tendo o livro *Dialética da colonização* (1992) como sua obra mais importante sobre os efeitos do poder colonial. Ele se refere ao colonizador como um indivíduo que nem sempre se verá como um conquistador, mas passará para a sua descendência a figura de um descobridor ou povoador, apesar de que a sua prática seja necessariamente a de dominação de povos, tornando o nativo um ser ausente de seus bens materiais e de sua própria cultura (BOSI, 1992). Este último aspecto, portanto, trava uma batalha entre a cultura que se nomeia como dominante e a

cultura do Outro, que se diminui pelo regime do colonizador, suprimindo, assim, o estado de democracia.

Além dele, o pesquisador brasileiro Thomas Bonnici se encontra em evidência nas análises de literatura pela perspectiva pós-colonial. Suas principais considerações analíticas estão nos livros *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura* (2000), *Conceitos-chave da teoria pós-colonial* (2005) e *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais* (2009). Ao tratar da origem das literaturas pós-coloniais, o autor descreve que “o desenvolvimento de literaturas dos povos colonizados deu-se como uma imitação servil de padrões europeus, atrelada a uma teoria literária unívoca, essencialista e universalista” (BONNICI, 2000, p. 8). Portanto, estudar um texto literário pelo olhar do pós-colonialismo contribui para uma reflexão acerca da posição marginalizada da cultura do Outro em circunstâncias de opressão e desapareço do colonizador. Bonnici (2000) considera, ainda, a literatura como um retrato crítico dos princípios e ideologias defendidos por aqueles que são contra o sistema imperial, sejam eles nativos ou referentes às questões do colonizado.

Ao longo dos anos, estes pesquisadores contribuíram e vêm contribuindo para a expansão da teoria pós-colonial e a sua aplicação a obras literárias. Para uma análise abalizada do pós-colonialismo nos textos, é preciso que o pesquisador adeque os seus estudos a mecanismos de investigação dos quais ele se utiliza para compreender como os fatores referentes à definição do homem em uma sociedade afetada pelo sistema colonial são refletidos na literatura e, com isso, desenvolva as considerações acerca dos elementos culturais e sociais que a produção intelectual analisada explora em seu *corpus* textual.

## OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS: ESTRATÉGIAS DE LEITURA

As pesquisas que aplicam a teoria pós-colonial na literatura se resumem em duas propostas fundamentais de estudos, nomeadas como “estratégias de leitura”, utilizadas para a análise de textos escritos por cidadãos da metrópole colonial ou por ex-colônias. Consistem, portanto, na “reescrita” e na “releitura”, estratégias que, de acordo com Bonnici (2000), o crítico literário emprega para extrair as ideologias e as temáticas referentes aos resultados da dominação colonial nas localidades onde tais produções foram escritas. O foco do leitor, portanto, será o *corpus* literário e, a partir

dele, serão problematizadas as ideologias – veladas ou não – acerca do regime de opressão econômica, política e cultural promovida pelo colonialismo.

A produção literária pós-colonial, pela sua estrutura ficcional, representa a formação que determinada comunidade sofreu em sua formação cultural em torno de uma ordem do Império. Estudar este tipo de literatura requer práticas de interpretação que consideram o texto como um objeto que, em sua definição de conteúdo, “[...] colabora para a subjetivação do indivíduo e para o fortalecimento dessa comunidade, pois tem a habilidade de retratar, por meio da ficção, os fatos que constituem a tessitura histórica de um povo [...]” (BARZOTTO, 2012, p. 82). A escrita, portanto, passa a ser identificada como um instrumento de resistência dos povos oprimidos e marginalizados pelo poder da metrópole e, logo, cabe ao analista literário extrair os mecanismos de sentido utilizados para a montagem de tal realidade dentro do *corpus*.

É preciso, portanto, entender que, apesar de tais ações serem frequentemente encontradas em análises de textos literários, a reescrita e a releitura são também sobrepostas a outros campos da ciência, como a história e a antropologia. Observar um documento histórico por uma determinada perspectiva fornece uma nova visão situada nas consequências em que tal registro chegou às mãos do pesquisador, a exemplo do viés pós-colonial e, conseqüentemente, são produzidos outros significados sobre o trajeto que o material percorreu para que se tornasse considerado como fonte histórica sobre determinado fato do contexto mundial.

Assim, sobre a reescrita, compreende-se que:

[...] é uma estratégia em que o autor se apropria de um texto da metrópole, geralmente canônico, problematiza a fábula, os personagens ou sua estrutura e cria um novo texto que funciona como resposta pós-colonial à ideologia contida no primeiro texto (BONNICI, 2000, p. 40).

Nas literaturas europeias, especialmente as de língua inglesa, é muito frequente a existência de reescritas de obras canônicas. Compreende-se que *A tempestade* (1611), do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616), é um dos textos mais reescritos na língua inglesa pela ótica pós-colonial, focado, sobretudo, no escravo negro Caliban. Como exemplo de reescritas da peça de Shakespeare, podem ser citadas *Tempest-Tost* (1951), do canadense Robertson Davies (1913-1995) e *Indigo* (1992), da britânica Marona Warner (1946-), além de

*Une Tempête* (1969), do escritor caribenho Aimé Césaire. Ao reescrever o texto, esses autores analisam as ausências, silêncios, metáforas e ironias que o texto considerado canônico desenvolve ao tratar do colonizado (BONNICI, 2005). Nesse caso, o pesquisador observa as condições históricas e culturais com que o nativo é representado no texto ficcional e como o contexto colonial influencia no retrato do indivíduo subserviente ao Império.

Como amostra textual de uma das reescritas do drama de Shakespeare, toma-se o enredo do texto de Césaire. Na obra do autor, Caliban é colocado como o principal protagonista da peça ao invés de um coadjuvante. Isso se justifica pelo fato de ser uma literatura pós-colonial, já que a atenção da narrativa se voltará para o retrato da condição do nativo inserido no sistema político do Império. No texto em questão, ele aciona uma postura de resistência perante a determinação de identidade que o colonizador tenta lhe impor. No trecho seguinte, percebe-se a reação revolucionária de Caliban ao ser questionado sobre a escolha de seu próprio nome pela determinação colonial:

CALIBAN: Chame-me de X. Este, sim, seria o nome ideal. Assim como alguém sem nome. Ou, para ser mais exato, como um homem cujo nome lhe foi roubado. Você fala sobre história...Bem, isso é história e todos a conhecem! Isso me lembra do fato de que toda vez que você me chamar indica que você me roubou tudo, até mesmo minha identidade [...].<sup>10</sup> (CÉSAIRE, 1991, p. 15, tradução nossa).

Observa-se, então, que a reescrita da obra de Shakespeare promovida por Césaire atribui o poder necessário ao nativo simbolizado pela expressão oral, já que, ao longo da história, o indivíduo se tornou um ser silenciado pela ordem do regime imperialista trazido pela colonização. O autor, portanto, propõe a construção de uma imagem do nativo que transgrida a produção intelectual canônica anterior, isto é, aquela que se sobreponha à posição do europeu em estado de prevalência devido às suas ações de dominação das populações nativas colonizadas.

Essa mesma proposta de reescrita literária pós-colonial de literaturas de língua inglesa se repete na escrita do autor sul-africano J.M. Coetzee (1940-) em *Foe* (1986), traduzida para o público brasileiro como *A Ilha*, originada do romance inglês *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe (1660-1731). Na obra de Defoe,

<sup>10</sup> CALIBAN: Call me X. That would be best. Like a man without a name, or to be more precise, a man whose name has been stolen. You talk about history well, that's history, and everyone knows it! Every time you call me it reminds me of a basic fact, the fact that you've stolen everything from me, even my identity!me, even my identity [...]. (CÉSAIRE, 1991, p. 15).

conhecemos a trajetória de Crusoé, náufrago de uma ilha que, aparentemente deserta, descreve suas rotinas e aventuras enquanto homem inglês. Ao se encontrar com o nativo Friday [Sexta-Feira], ele apresenta suas ideologias enquanto colonizador, colocando o nativo como ser subserviente às suas ordens imperiais, a exemplo da educação do nativo nos moldes da cultura do protagonista, revelada, por exemplo, pela linguagem, conforme ilustra o trecho abaixo:

Em suma, estava tão contente com o meu novo companheiro, que passava horas e mais horas ensinando-lhe a ser útil, hábil e trabalhador; e acima de tudo a me falar a me compreender. Sexta-Feira era o melhor aluno que eu poderia ter, sempre alegre, paciente e aplicado, feliz quando conseguia entender-me ou fazer-se entender. Depois de tantos anos de forçado mutismo eu não parava de lhe falar e de o fazer falar, pois que escutar o som de uma voz humana era para mim a maior das felicidades [...] (DEFOE, 1972, p. 103-104).

Observa-se que a identidade de Sexta-Feira é afetada pelas ordens do homem inglês, uma vez que as características de útil, hábil e trabalhador são agradáveis perante a perspectiva do protagonista devido ser o perfil necessário para obtenção de sua estabilidade na ilha. Desse modo, a obra de Defoe revela a natureza da prática imperialista, considerando esse sistema como um aspecto totalmente independente dos territórios e, sobretudo, dos nativos que habitam esses espaços (SAID, 1993).

Na reescrita em *Foe*, entretanto, é narrado o percurso de Susan, uma mulher naufragada na mesma ilha de Cruso - assim nomeado no texto. Ao se deparar com a condição de Friday perante o poder colonial, ela assume a condição de porta-voz do nativo, desejando, posteriormente, contar a sua história pessoal, e o enredo busca mostrar a ação de Susan em contatar Defoe para que ele possa escrevê-la. No diálogo extraído da obra, é possível observar o questionamento de Susan a Crusoé perante a ausência do uso da linguagem por Friday:

“Quantas palavras em inglês é que ele conhece?” perguntei.  
 “Tantas quanto precisa”, retorquiu Cruso. “Isto não é Inglaterra, não precisamos de uma grande quantidade de palavras.”  
 “Fala como se a linguagem fosse um dos venenos da vida, como o dinheiro ou a sífilis”, disse-lhe. “No entanto não teria ela iluminado a sua solidão se Friday tivesse sido um mestre em inglês? Durante todos estes anos poderiam ter gozado os prazeres do diálogo; poderia ter-lhe trazido para aqui algumas das bênçãos da civilização e transformá-lo num homem melhor. Que benefício traz uma vida de silêncio?”  
 A isto Cruso não deu resposta [...] (COETZEE, 1993, p. 9-10).

Neste fragmento, assim como em toda a obra, é fundamental considerar a reescrita como estratégia de reconfiguração do poder exercido pelo colonizador. O fato de alterar o nome do inglês Crusoé para “Cruso”, promovido pelo autor, sugere uma ação que desintegra a identidade do indivíduo, atitude exercida ao longo do período de colonização. Ademais, considerando o trecho anterior, percebe-se que Susan explora a linguagem de Friday como objeto fundamental de manipulação da sua autonomia, uma vez que este fator foi praticamente manipulado pelo agente imperial que, por meio da inserção de sua cultura, promove seus próprios métodos de sobrevivência e, ao mesmo tempo, de permanência da sua autoridade intelectual. Esta visão corrobora a de Spivak (2010), ao considerar o subalterno um ser impedido de acionar sua linguagem enquanto aspecto determinante da sua independência.

Dentre estes textos reescritos, a discussão sobre esta estratégia acentua-se na obra clássica *Jane Eyre*, já comentada neste capítulo. O romance, reescrito em *Wide Sargasso Sea* [Vasto mar de sargaços], é de autoria da escritora dominicana Jean Rhys (1890-1979), publicado em 1966. Denunciando as consequências do colonialismo e do poder patriarcal, Rhys configura uma história anterior ao enredo de Brontë, considerando o quadro situacional da protagonista jamaicana em um cenário subversivo aos comandos do Império inglês. No fragmento a seguir, Christophine, uma empregada da Martinica, representa a desmistificação do pensamento do homem imperial, sobretudo o senso capitalista, opondo-o ao senso dos nativos, evidenciado em Bertha:

Não sei tudo o que o senhor fez, mas sei algumas coisas. Toda a gente sabe que o senhor casou com ela por causa do dinheiro dela, e que ficou com tudo. E então quer dar cabo dela, porque tem ciúmes dela. Ela é mais melhor do que o senhor, ela tem melhor sangue dentro dela e não se importa com dinheiro; para ela não vale nada. Oh, eu vi isso à primeira vez que olhei para o senhor. O senhor jovem, mas já endurecido. O senhor está a enganar a rapariga. Fá-la pensar que o senhor não consegue ver o Sol por olhar para ela (RHYS, 2009, p. 139).

Pela ótica pós-colonial, a obra de Rhys sugere o estado duplo de submissão que o gênero feminino ocupa às ordens da visão colonialista. Isto, de certa forma, coloca em debate os Estudos Feministas em parceria com os Estudos Pós-coloniais, tendo como objetivo a “[...] a recolocação da mulher marginalizada, desafiando o patriarcalismo hegemônico e a inversão das estruturas e dominação pela colocação das tradições femininas no lugar do cânone predominantemente masculino”

(BONNICI, 2000, p. 155), tal como ocorre em *Vasto mar de sargaços*. A mulher, nesse quadro, assume a categoria de agente revogador das normas estabelecidas, tanto pelo Império como pela classe masculina, e coloca seus princípios e reivindicações como ponto central para a estabilidade social enquanto indivíduo colonizado.

A literatura afro-brasileira, por sua vez, também apresenta o fenômeno da reescrita de obras do cânone. Como exemplo, toma-se o poema “O Navio Negreiro” (1883), do poeta brasileiro Castro Alves (1847-1871) que, paternalmente, se compadece da condição do escravo negro:

São os filhos do deserto,  
Onde a terra esposa a luz.  
Onde vive em campo aberto  
A tribo dos homens nus...  
(ALVES, 1975, p. 148).

Poema reescrito pelo autor negro Solano Trindade (1908-1974), intitulado “Navio Negreiro” (1961), o autor, diferente de Alves, reflete “[...] a missão do escritor negro de oferecer aos leitores uma significação mais humana, digna e valorativa sobre presença do afrodescendente na fundação da Américas [...]” (LIEBIG, 2018, p. 8). Analisa-se, portanto, o seguinte fragmento:

Lá vem o navio negreiro  
Lá vem ele sobre o mar  
Lá vem o navio negreiro  
Vamos minha gente olhar...  
[...]  
Lá vem o navio negreiro  
Com carga de resistência  
Lá vem o navio negreiro  
Cheinho de inteligência...  
(TRINDADE, 1961, p. 44).

A reescrita de Trindade opera como um instrumento que centraliza o olhar do leitor para uma valorização da figura do negro como um indivíduo que, apesar das condições precárias impostas pelo regime escravista, contém seus próprios traços de caráter cultural e de persistência em vista das ações do homem branco. Ela é, portanto, uma manobra subversiva da consciência do texto anterior, mais do que uma reconstrução, de modo que o subversivo consiste em uma característica do discurso pós-colonial em geral (TIFFIN, 2003).

Logo, a reescrita propõe estabelecer perspectivas que desintegrem as ações adotadas pelo Império com relação ao estado condicional do nativo, situado em uma posição periférica, isto é, impedido de usufruir dos mesmos benefícios dos membros da metrópole colonial devido a sua identidade enquanto cidadão oriundo de determinado espaço colonizado. O texto literário reescrito, em sua natureza, representa uma ferramenta de autoafirmação de identidade das comunidades subalternizadas pelo poder imperial perante a exploração desenfreada dos recursos naturais e humanos, sem falar na apropriação do próprio indivíduo enquanto objeto para usufruto particular do colonizador, que invalida a capacidade de autonomia do ser colonizado. Nesse caso, a história das populações atingidas pelo sistema imperial é reescrita na literatura com o objetivo de pôr em dúvida a realidade e o escândalo do colonialismo (DEANE, 1990) e, assim, tornar o texto um espaço de confronto de poder e de afirmação identitária entre as camadas sociais envolvidas – Império e colônia.

A estratégia de releitura de obras literárias constitui uma ação utilizada para identificar as relações existentes entre colonizador e colonizado para que, a partir dos aspectos extraídos, possamos compreender como esses elementos se constroem ao longo da escrita de determinada obra, seja ela membro do cânone ou não. Por ser bastante utilizada na pesquisa acadêmica, a releitura promove um novo olhar acerca da produção textual e, por isso, a teoria pós-colonial adquire um espaço ainda mais amplo de discussões em meio aos Estudos Culturais na contemporaneidade. Conceitua-se esse processo como “[...] uma maneira de ler os textos literários para revelar suas implicações no processo colonial” (BONNICI, 2005, p. 52). Dessa maneira, a forma textual e o conteúdo serão fundamentais para a percepção desses elementos, considerando que eles são as estruturas que tornam a obra visível para a formação de determinada interpretação proposta pelo pesquisador literário.

Em seus ensaios, teóricos e críticos pós-coloniais já realizavam suas releituras a partir de textos oriundos do cânone e, ao alicerçar seus estudos com a teoria, eles produziram suas próprias reflexões a partir do contexto trazido para a obra em estudo. Edward Said, em *Cultura e Imperialismo*, representa um dos principais autores que promoveram releituras de produções distintas, especialmente aquelas pertencentes a escritores do cânone em língua inglesa, a exemplo do romance *Mansfield Park* (1814), da escritora britânica Jane Austen (1775-1817).

Mesmo que o enredo ilustre a rotina de uma jovem inglesa criada pelos tios ricos em Mansfield Park, ele desenvolve uma releitura pós-colonial da narrativa focando nas sociedades à margem do Império, que contribuíram para a sustentação econômica dos ingleses, sendo estas representadas pela escravidão.

Para o crítico, a fazenda de escravos mantida por Thomas Bertram em Antígua – ilha caribenha colônia da Inglaterra -, propicia a manutenção da propriedade rural inglesa Mansfield Park. Logo, ele explana a serventia da subserviência dos indivíduos caribenhos dentro do cenário colonial como objetivo de preservação do imperialismo britânico (SAID, 1990). O fragmento exposto a seguir mostra como a prática escravista em Antígua atua como peça referencial para o enriquecimento de Thomas:

Sir Thomas realmente era a alma do grupo, que por sua sugestão agora se sentava em torno da lareira [...]. Ultimamente seus negócios em Antígua haviam prosperado rapidamente e ele chegara diretamente de Liverpool, tendo tido oportunidade de conseguir passagem para lá em um navio particular, em vez de esperar pelo pacote que levava a correspondência [...] (AUSTEN, 2013, p. 150).

Apesar de o texto não expor claramente o negócio que levaria Sir Thomas a Antígua, é pelo quadro histórico situacional do enredo que é possível formalizar tal ideia, de modo que, como o romance foi escrito no século XIX, sabe-se que, durante séculos e, principalmente naquela época, os escravos chegavam às ilhas caribenhas e eram alocados em sistemas de plantações para o cultivo de produtos naturais. A partir do seu trabalho, esses mesmos recursos eram exportados e vendidos pelos centros imperiais para outras localidades (JAMES, 2011).

Por conseguinte, o panorama histórico será também um elemento primordial para a aplicação da releitura. Ela opera como um fator atuante para revelar como a história de respectiva sociedade é trazida para o texto literário e, da mesma forma, como a obra produz sentidos possíveis para a interpretação de tal fato. Sem o conhecimento suficiente das circunstâncias que auxiliaram na determinação de uma literatura, a releitura pós-colonial tende a se tornar uma estratégia lacunar dos fatores que colaboraram para a atribuição dos traços referentes à ação imperial em países colonizados.

Grande parte das releituras produzidas está diretamente aplicada em textos oriundos de autores britânicos ou, ainda, em obras escritas por membros de sociedades colonizadas pela Inglaterra. Isso se justifica pelo fato de o imperialismo

inglês ter sido um dos mais atuantes entre outros países de colonização europeia, o que proporcionou uma ampla divulgação de seus valores culturais. Todavia, é possível identificar resquícios da ação colonial em outras produções escritas em inglês que expressam cenários específicos, mas que não deixam de tratar da influência colonial seja qual for o Império com que o texto esteja lidando.

Coloca-se, nessa discussão, o romance epistolar *Drácula* (1897), do escritor irlandês Bram Stoker (1847-1912). Popularmente analisado pela sua natureza gótica, a narrativa adquire uma releitura diante dos pesquisadores pós-coloniais pela junção de aspectos do gótico com o pós-colonialismo, resultando no “gótico pós-colonial”, que significa uma linha de pesquisa específica que coloca o gótico e a teoria pós-colonial como duas áreas que, juntas, realizam discussões acerca do Outro e dos aspectos referentes à alteridade (KHAIR, 2009).

O subalterno, representado pelo conde Drácula, se torna conhecido do leitor a partir do discurso de Jonathan Harker, um europeu que viaja para a Transilvânia para encontrá-lo. Ao chegar àquele cenário, Jonathan se depara com elementos próprios da cultura do nativo, especialmente a postura particular do conde, que adquire caracterização pelas palavras do homem inglês. O Outro, visto como diferente, é tido como exótico e assombrador, traduzido na imagem do vampiro. No trecho a seguir, é possível identificar a forma como o discurso do protagonista se coloca como um divisor entre a cultura ocidental e a cultura britânica:

[...] Há uma razão para que as coisas sejam do jeito que são, e se você tivesse visto tudo o que eu vi e soubesse o que eu sei, talvez entendesse melhor”. Respondi que tinha certeza disso, e então ele prosseguiu: “Estamos na Transilvânia e a Transilvânia não é a Inglaterra. Nossos costumes não são os mesmos que os seus, e muitas coisas devem lhe parecer estranhas. Na verdade, de acordo com o que me contou das suas experiências até agora, já conhece um pouco das coisas estranhas que existem por aqui” (STOKER, 2012, p. 24).

Observa-se que ambas as identidades são compreendidas enquanto elementos distintos e que, aos olhos do colonizador, a cultura daquele que não integra o Império se torna objeto de estranhamento e apropriação por parte do europeu. O discurso do inglês, portanto, adquire um caráter hegemônico, e as ideias dominantes são percebidas como a lógica da construção de todas as relações culturais experimentadas entre o indivíduo colonial e o nativo (LOPES, 1995). Assim, a releitura pós-colonial efetua sua ação de expor o modo como o escritor literário desenvolve o enredo pelas ideologias que o poder imperial exerce sobre a

sociedade da colônia, desde a prática efetiva da colonização até a transformação da imagem do homem oriundo do território nativo.

Essa análise também se expande para outras literaturas de língua inglesa, em particular a dos EUA por força da sua condição de nação neoimperialista. Sendo assim, a releitura de uma obra pela visão pós-colonialista se torna válida na medida em que o país, considerado um dos grandes impérios econômicos do mundo, alcançou seu *status* de poder pela prática neocolonial. Os EUA são uma nação que, igualada a outros países, situa-se como um dos governos mais influentes na formação mundial. Segundo Lênin (2011, p. 226), existem, pelo menos, “[...] três Estados que exercem o domínio do mundo: a Alemanha, a Inglaterra e os Estados Unidos”.

Ao discutir a literatura dos EUA sob o prisma do pós-colonialismo, Madsen (2003) realça que a teoria contribui para o desenvolvimento de discussões acerca dos textos escritos ou situados em regiões influenciadas politicamente ou culturalmente pelo neoimperialismo norte-americano. A teoria pós-colonial, nesse sentido, age como uma lente poderosa para questionar a constituição do nativo colonizado perante o regime introduzido pelo poderio do país sobre suas colônias.

Em *Doce Triunfo* (1983), romance escrito pela norte-americana Judith McNaught (1944-), é possível identificar traços característicos dos efeitos do neoimperialismo dos EUA nos habitantes de Porto Rico, país que, assim como Cuba, também foi afetado pela ação colonial norte-americana. O enredo foca nas relações entre a norte-americana Katie e o porto-riquenho Ramon e, este último, ao tratar de sua definição identitária, expõe conscientemente como as ações do Império influenciam na sua formação nacional enquanto indivíduo, revelando-se no seguinte trecho:

- [...] Ramon, você □ tem sorte de não ser norte-americano [...].
- Eu sou norte-americano - ele disse, ignorando o aviso dela.
- Mas você disse que é porto-riquenho.
- Eu disse que nasci em Porto Rico. Na verdade, sou espanhol.
- Você acabou de dizer que é porto-riquenho e norte-americano.
- [...] Porto Rico faz parte da comunidade norte-americana. Todos que nascem nesse país são, automaticamente, cidadãos norte-americanos. Meus ancestrais, no entanto, eram todos espanhóis, e não porto-riquenhos. Portanto, eu sou, americano, nascido em Porto Rico e descendente de espanhóis. Exatamente como você □ é... - Ele examinou-lhe a pele clara, os olhos azuis e os cabelos avermelhados. - Como você □ é norte-americana, nascida nos Estados Unidos e descendente de irlandeses (MCNAUGHT, 2005, p. 28).

Observa-se, então, como Ramon adquire um caráter variado perante as ações de poder ocasionadas pelo Império dos EUA em um contexto colonial. Embora ele se defina como norte-americano, as suas raízes ainda permanecem, enquanto sujeito nacional porto-riquenho, mesmo que essas tenham sido atingidas pela soberania dos EUA. Nesse caso, é preciso considerar como a autoridade imperial contribuiu para a definição de uma identidade cultural, tornando-a definida pelo contraste resultante das diferentes culturas que se emergem por meio das aproximações entre Império e colônia (BURKE, 2003).

Portanto, é possível notar que, no trecho exposto, a ação cultural de soberania imposta pela América exerce um papel fundamental na aceitação do indivíduo colonizado, construído pelos moldes do Império. Desse modo, o debate sobre a identidade se apresenta como um fator cada vez mais frequente no que se refere ao sujeito inserido em um panorama social específico. A definição diversificada que Ramon adota para si nada mais é que a sua própria adaptação perante as determinações ocasionadas pelo regime colonial, e isso direciona a leitura para a forma como o sujeito constrói a sua identificação em meio a relações de poder. Então, o homem, “[...] previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas [...]” (HALL, 2006, p. 12).

Determinar-se enquanto pertencente a uma nação é um tema relevante nos Estudos Culturais em parceria com a literatura, em vista do homem que almeja se afirmar enquanto sujeito nacional, e isso se apresenta como algo primordial para a crítica pós-colonial. Afirma-se que “as lutas de liberação nacional trouxeram para o debate a questão da dominação cultural nos processos de formação da identidade em sujeitos pós-coloniais e nas próprias metrópoles [...]” (CEVASCO, 2003, p. 162). Assim, essa política de identidades traz à tona a ideia das maneiras pelas quais determinados povos, subjugados pelo sistema colonial, são delimitados no comportamento, no cotidiano e, principalmente, na própria visão do “eu” imposta pelo colonizador em meio à globalização, às fronteiras e aos acessos estabelecidos nessa relação entre o Império e a colônia.

A influência pós-colonial traduzida pela literatura norte-americana se torna uma questão flagrante quando a relacionamos a outros espaços e a contextos situacionais existentes em obras diversas que se expandem para além da temática

da identidade. A linguagem, por exemplo, é um aspecto cultural que coloca em destaque a questão da influência exercida pelo Império na determinação das classes sociais existentes nas colônias, dividindo-as enquanto membros da metrópole/centro e da margem/periferia. O próprio Ernest Hemingway, em sua obra *Ter ou Não Ter*, publicada em 1944, retrata temas políticos através da percepção do protagonista, o capitão Morgan, lidando com pescadores e até mesmo com revolucionários cubanos. Da mesma forma, a língua é um tópico de discussão para esse texto narrativo, considerando que o enredo demonstra uma quebra de valores e adaptação de costumes do povo cubano – colonizado pelos norte-americanos - que busca se promover economicamente no cenário imperialista construído na ilha. Toma-se como ilustração o fragmento a seguir:

Os três dirigiram-se para a porta e eu fiquei observando-os. Eram jovens de boa aparência e vestiam boas roupas; nenhum deles tinha chapéu e pareciam gente de muito dinheiro. Falavam de um bocado de dinheiro e pronunciavam um inglês do tipo que os cubanos com dinheiro costumam usar (HEMINGWAY, 2015b, p. 14, tradução de Ênio Silveira).

Com base na situação exposta pelo narrador, considera-se como o comportamento linguístico atua como determinante na divisão de classes. Na narrativa, o idioma da metrópole - isto é, o inglês norte-americano – é um instrumento de designação do acúmulo de capital que determinadas comunidades de Cuba adquiriam para se estabelecerem na circulação de bens e no desenvolvimento das relações econômicas entre si. O capitalismo, portanto, desempenha o papel de agente deliberativo das camadas sociais dos próprios cubanos colonizados, e a narrativa coloca o idioma como medida padrão daqueles que pertencem ou não à classe alta cubana.

Ademais, a língua atua como uma metáfora do próprio poder imperialista no que se refere à formação de classes no território colonizado, algo que Bhabha (2012) destaca em seus estudos ao perceber a linguagem como um objeto de distinção, tornando as diferenças visíveis e perceptíveis à audição por meio do posicionamento linguístico que as minorias adotam, sejam elas inseridas ou não na camada social a qual pertencem. Esse contexto também é algo próprio do capitalismo executado pelo colonizador imperialista que, conforme Lênin (2011, p. 241), “[...] tem tendência para formar categorias privilegiadas [...] para divorciá-las das grandes massas do proletariado”.

Atentando, então, para as possibilidades de interpretação às quais os estudos pós-coloniais se aplicam nas literaturas de língua inglesa - principalmente a norte-americana -, optamos, nesta pesquisa, por utilizar um estudo de *O Velho e o Mar* que indica algumas questões acerca da supremacia colonial dos EUA sobre Cuba, como território colonizado, e como alguns fatores ideológicos são representados ou transparecem no tecido ficcional engendrado pelo enunciador sobre a clara influência da colônia. Portanto, esta abordagem funciona como um conjunto de ações metodológicas de análise em relação à função social (liminar ou subliminar) que o texto literário exerce sobre o público leitor, revelando nuances e desvelando posições que a voz narrativa ocupa dentro do panorama histórico da obra, quer seja pelos *insights* psicológicos ou pelas próprias ações dos personagens. Esse romance é apenas um exemplo de que, assim como outras obras do autor, pode ser analisado sob a perspectiva pós-colonial, demonstradas no tópico a seguir.

#### A TEORIA PÓS-COLONIAL E A LITERATURA DE ERNEST HEMINGWAY

Após uma análise dos textos literários escritos por Hemingway, consideramos a existência de possibilidades de interpretação sob um viés pós-colonial, tendo em vista a aplicação de aspectos teóricos que aprofundem um estudo alternativo de sua obra pelas lentes teóricas do pós-colonialismo. Os contextos apresentados em seus textos sugerem a condição hierárquica que o Império assume mediante indivíduos pertencentes a nações colonizadas, instaurando um caráter subalterno ao colonizado.

Como primeiro exemplo, citamos o romance *Adeus às Armas*, uma obra situada no contexto da Primeira Guerra Mundial, conforme já exposto nesta pesquisa. No trecho a seguir, apresenta um diálogo entre Frederic, o narrador autodiegético do romance, Rinaldi, amigo do narrador, e a escocesa Helen Ferguson. Na situação retratada, ao discutirem a origem nacional de Helen, observamos a repulsa que ela evidentemente apresenta ao tratar da Inglaterra, conforme ilustrada abaixo:

[...] Gosta da Inglaterra?  
 — Nem tanto. Sou escocesa, sabe?  
 Rinaldi olhou para mim sem compreender.  
 — Como escocesa, ela ama a Escócia mais do que a Inglaterra — expliquei em italiano.  
 — Mas a Escócia faz parte da Inglaterra.

Traduzi isso para a senhorita Ferguson.

— *Pas encore*<sup>11</sup> — disse ela.

— Não, mesmo?

— Nunca fez. Nós não gostamos dos ingleses (HEMINGWAY, 2013b, p. 20, tradução de Monteiro Lobato, grifo do autor).

De acordo com a postura da moça, percebe-se o quanto ela nega a sua condição de dependência por ser oriunda da Escócia, uma colônia inglesa. Sabe-se, portanto, que a história do país, desde os seus primeiros tempos de monarquia, é repleta de disputas territoriais, mesmo porque, com base em Stringer (2005), a sociedade escocesa se autoafirmava como uma nação igual à inglesa no que se refere ao seu estado de superioridade, como uma resposta às pretensões coloniais do poder inglês e, ainda, para reforçar o seu *status* de independência e identidade nacional.

Nesse caso, a aversão demonstrada por Helen na narrativa concretiza uma condição de negação dos valores propagados pelo Império, o que representa uma postura de insubordinação diante das ordens instauradas pela Inglaterra colonial. Vê-se, então, uma expressão própria do nacionalismo do colonizado para postular sua diferença e autonomia (LOOMBA, 1998). Ainda, é possível verificar o afastamento de Helen da cultura da metrópole ao se expressar em francês, um idioma oposto ao do colonizador. Portanto, ela revela a imagem do sujeito que estabelece suas distinções com relação ao Império, propondo um comportamento subversivo ao patrimônio cultural inglês.

Na obra *O Jardim do Éden*, há um aspecto essencial a ser considerado pela teoria pós-colonial: a preferência dos personagens pelos países europeus, como mostra o discurso de Catherine a David, exposto no fragmento a seguir:

[...] Pode ir para a África e escrevê-las de novo quando sua visão estiver mais madura. O país não pode ter mudado tanto. Contudo, creio que seria interessante se escrevesse sobre a Espanha. Você disse que ela é praticamente igual à África, com a vantagem de ter uma língua civilizada (HEMINGWAY, 1986, p. 221, tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho).

Embora Catherine compare igualmente a África com a Espanha, ela, imediatamente, estabelece o estado de diferença entre esses dois países por meio da linguagem, colocando a Europa como um estado cortês em contraste com a África. Este último, por sua vez, sempre esteve em condição de subserviência diante das potências mundiais como França, Inglaterra e EUA, principalmente pelo

<sup>11</sup> “Ainda não” – tradução nossa.

neoimperialismo do final do século XIX, que envolveu estratégias para conquistar e governar localidades da África e da Ásia com o intuito de expandir o comércio e o poder territorial (SMITH, 2000).

De fato, colocar a linguagem como um aspecto comparativo entre dois países é trazer a lume o patrimônio cultural específico de cada nação. Enquanto o idioma do colonizado é imaginado como algo rústico, a língua do europeu é vista como aquela que apresenta uma construção acima dos valores dos povos nativos, e isso remonta à base do colonialismo, como afirma Fanon (1965), de que a intervenção do colonizador é o elemento que atribui ordem à “anarquia” contida no país colonizado. Logo, isso significa que tudo aquilo que pertence aos nativos é inferiorizado devido ao seu papel de dependência da colônia.

A questão da linguagem como marca de valores entre o colonizador e o colonizado estabelece territórios, fronteiras e demarcações através da língua, tornando-a um elemento constituinte da identidade, de pertencimento ou subterfúgio para a dominação colonial. Isso também se verifica na narrativa de *O sol também se levanta*, ao apresentar o contexto dos norte-americanos expatriados em países da Europa. O fragmento abaixo expõe uma discussão do narrador – o norte-americano Jacob Barnes - sobre a língua inglesa em confrontação com o idioma de povos indígenas:

[...] Convivendo com ingleses, adquire-se o hábito de empregar em pensamento expressões inglesas. O inglês falado — pelo menos o das classes superiores — deve ser mais pobre do que o esquimó<sup>12</sup>. Claro que eu não conhecia nada de esquimó. Talvez fosse um belo idioma. Tomemos por de Jacob exemplo o *cherokee*<sup>13</sup>. Eu também não sabia nada de *cherokee*. Os ingleses falam por inflexões. Uma frase pode significar qualquer coisa. Entretanto, gosto muito deles, gosto de sua maneira de falar (HEMINGWAY, 2015a, p. 92-93, tradução de Berenice Xavier, grifos do autor).

Analisa-se, no trecho, o posicionamento do narrador perante o idioma inglês e da população nativa norte-americana. Os esquimós, ao longo de sua história, foram atingidos pelo colonialismo russo e, posteriormente, pelo dos EUA, considerando que, “em 1867 a Rússia renunciou ao Alasca, que passou para o poder dos Estados Unidos” (BRUIT, 1987, p. 43). Porém, vê-se que ele menospreza a língua da Inglaterra – uma nação imperial – em vista dos idiomas dos indígenas expressos

<sup>12</sup> Termo pejorativo atribuído a povos indígenas habitantes do Círculo Polar Ártico.

<sup>13</sup> Idioma falado pelos *cherokees*, um povo indígena norte-americano.

pelos esquimós e cherokees, concedendo preferência a esses últimos. Infere-se, portanto, uma resposta de Jacob ao Império, já que o rapaz é, enquanto cidadão norte-americano, alguém oriundo de uma nação também afetada pela colonização.

Concomitantemente, ele não anula a sua preferência pela cultura do colonizador, atribuindo um interesse próprio à fala dos ingleses. Assim, isso sugere que, por mais que os povos colonizados assumam uma posição contrária às normas do Império, o colonizador não deixa de exercer seu controle sobre essas comunidades, apresentando, portanto, a Europa como um novo modelo de poder global que concentra todas as formas de subjetividade, de cultura e do conhecimento sobre a sua hegemonia (QUIJANO, 2018).

Já em *Por quem os sinos dobram*, o distanciamento dos norte-americanos em relação aos ingleses se torna mais claro na narrativa. Em um diálogo entre Pilar e Robert, percebe-se sua repreensão imediata ao ser tratado de “*Inglés*”:

- Você quer outro copo de vinho, Robert? — ela perguntou.
- Sim, por que não?
- Você vai ficar com um bêbado, como eu — disse a mulher de Pablo. — Ainda mais com aquela coisa que ele bebe. Escute-me, *Inglés*.
- *Inglés* não, Americano.
- Então escute, Americano. Onde você planeja dormir?
- Lá fora, eu tenho um saco de dormir (HEMINGWAY, 2013c, p. 60, tradução de Luís Peazê, grifos do autor).

Antes de adquirir sua independência, os EUA sofreram uma influência colonial considerável da Inglaterra. De acordo com Johnson (2003), os estados ocidentais dos EUA, da Ásia Central, do sul da Argentina e da Austrália foram afetados pela colonização dos colonos europeus, caracterizada por um processo auxiliado pelas forças militares, com o intuito de fortalecer o progresso econômico do capitalismo. Compreende-se, no trecho, que o posicionamento de Robert em esclarecer sua identidade nacional enquanto norte-americano sugere um ato de resistência às ordens do Império em construir sua individualidade tal qual o colonizador, já que, ao longo da história de seu país, a intervenção colonial foi significativa em sua nação.

Nesse caso, “a primeira tentativa do colonizado é mudar de condição mudando de pele. Um modelo tentador muito próximo se oferece e se impõe a ele: precisamente o do colonizador” (MEMMI, 2007, p. 162). Essa “oferta” de assumir uma identidade tal qual um indivíduo do Império vem disfarçada por meio do discurso de Pilar, que atribui a Robert a imagem de um cidadão inglês, mas que,

sucessivamente, provoca um comportamento de negação de Robert em ser nomeado tal qual o colonizador.

Mesclando ficção e autobiografia, Hemingway escreveu *Verdade ao Amanhecer*, retratando uma escrita de viagem situada em um contexto africano. Assim como os romances ficcionais considerados até aqui, esse tipo de narrativa também pode ser verificado à luz da teoria pós-colonial. No caso do texto citado, a questão da linguagem mais uma vez é colocada à prova no que se refere ao *status* que o Império exerce, tendo a cultura como aspecto metafórico da ocupação que o poder colonial apresenta perante a sociedade colonizada. No trecho que se segue, o narrador autodiegético apresenta um breve diálogo com um dos membros de uma determinada comunidade africana:

[...] - Obrigado pela informação sobre os elefantes - disse eu - Está a chegar um avião daqui a pouco e vamos levar-te conosco para fazermos um levantamento dos prejuízos na tua shamba<sup>14</sup> e tentarmos localizar os elefantes. Vais mostrar-nos onde fica a tua shamba e quais foram os prejuízos ao certo.

[...]

- Mas nunca voei, sir. E posso ficar doente.

- Enjoado - disse eu - Não doente. Tem de se respeitar a língua inglesa. A palavra é enjoado (HEMINGWAY, 2001, p. 49-50, tradução de José Lima).

Como se analisa no fragmento extraído da obra, o narrador corrige um termo utilizado pelo africano ao descrever sua condição ao viajar em aviões. Esse ato sugere um modo de determinar o indivíduo tal qual a imagem do colonizador por meio da cultura, educando-o a partir da língua do Império. Isso fez parte de toda a história da formação da África, uma vez que, conforme aponta Bruit (1987), a organização das sociedades africanas era uma das metas a serem alcançadas pela colonização, principalmente no comércio de escravos. No texto literário, o sujeito se torna “escravo” dos moldes coloniais através da habilidade do narrador em educar o africano a partir da cultura, revelada pela linguagem do colonizador.

A produção literária, em sua configuração, atua como um encontro entre culturas, mas que, dependendo do modo como elas são tratadas, divide as expressões culturais devido ao valor que lhes é concedido na obra. Na composição de Hemingway, observa-se como a Inglaterra é colocada como padrão no desempenho do indivíduo na habilidade linguística. Boehmer (2005) identifica esse aspecto como específico da pesquisa em literatura pós-colonial, visto que a

<sup>14</sup> Termo adotado para áreas da África Oriental destinadas ao cultivo de árvores e hortaliças.

linguagem do Império se torna a ferramenta mediadora do relacionamento entre o homem branco e os povos colonizados. Com isso, as relações do narrador com o africano em *Verdade ao Amanhecer* expõem o encontro do patrimônio cultural do colonizador com o colonizado enquanto fator determinante da língua inglesa, tornando-a uma cultura canônica a ser seguida e, conseqüentemente, expandindo-a para outros locais além da metrópole.

Em *Paris é uma Festa* – livro de memórias sobre a estadia de Hemingway em Paris – o autor destaca a aversão que um de seus companheiros da *Geração Perdida*, o escritor F. Scott Fitzgerald, possuía com relação a outras nações. Como exemplo, o seguinte trecho:

[...] Nesse tempo, Scott odiava os Franceses e, uma vez que os únicos franceses que ele via com frequência eram criados que ele não compreendia, motoristas de táxi, empregados de garagens e senhorios, dispunha de muitas oportunidades de os insultar e tratar mal. Ainda odiava mais os italianos do que os franceses e jamais conseguia falar deles com calma mesmo quando não estava embriagado. Às vezes, também odiava os ingleses, mas outras vezes tolerava-os e até, de longe em longe, lhes concedia alguma atenção. Não sei que sentimentos lhe inspiravam os alemães e nos suíços. A verdade é que também não sei se ele conheceu alguma vez qualquer indivíduo dessas nacionalidades (HEMINGWAY, 2000, p. 99, tradução de Virgínia Motta).

Como revela o trecho, cidadãos oriundos de países como França, Itália e Inglaterra, sofrem uma avaliação ínfima por parte de Fitzgerald, logo destacada pelo narrador. Sabe-se que esses países, como potências mundiais, além do Japão, Rússia, dentre outros, foram fundamentais para a definição do mundo por meio da prática colonial (SMITH, 2000). De fato, Fitzgerald, enquanto norte-americano, é vítima do imperialismo, já que sua nação foi colonizada pela Inglaterra. Porém, é necessário observar que, no trecho, o grau de antipatia pelos ingleses não se compara com relação ao sentido pelos outros cidadãos citados, mesmo que a Inglaterra tenha sido o país que mais contribuiu para a formação dos EUA como colônia, estabelecendo o Império a um nível superior de afeição em vista de outras nações.

Assim como os romances e biografias, os contos produzidos por Hemingway também podem ser tomados pelos Estudos pós-coloniais. Em *As Neves do Kilimanjaro*, são descritas as memórias do protagonista da trama, o escritor norte-americano Harry Street e, durante o enredo, o texto aponta para os personagens estrangeiros de uma forma depreciativa, trazendo à discussão a representação da

condição do Outro pelo narrador do texto. No trecho seguinte, trazemos uma das lembranças de Harry envolvendo indivíduos de outras nacionalidades:

Nessa noite, sentindo tanto a sua falta que lhe parecia ter um vazio dentro de si, foi até perto do Maxim's local, abordou uma garota e a levou para jantar. Indo depois a um cabaré e vendo que ela dançava mal, trocou-a por uma vagabunda armênia [...]. Roubou-a, depois de um violento bate-boca com um soldado da artilharia britânica. O jovem artilheiro, enfurecido, desafiara-o para uma briga de rua, e lá se foram eles pela escuridão, escorregando nos paralelepípedos [...]. Conseguiu desferir dois socos atrás da orelha e depois o acertou com um direito ao afastá-lo [...] (HEMINGWAY, 2011, p. 23-24, tradução de Ênio Silveira e José J. Veiga).

No fragmento, observa-se o termo pejorativo que o narrador utiliza ao tratar da mulher armênia. Consoante ao que afirma Payaslian (2007), o imperialismo ocidental construiu laços para a dominação do país com o intuito de adquirir o seu progresso econômico e territorial. Potências ocidentais, como a Grã-Bretanha e a França, aliaram-se à Rússia contra a Turquia, principalmente no final do século XVIII, apesar de que, posteriormente, os interesses entre os aliados sofreram colisões devido os interesses industriais e coloniais europeus serem distintos dos russos.

Com isso, atentemos ao modo como o narrador coloca Harry como objeto perante os personagens norte-americano e britânico, assemelhando ao que o imperialismo realizava com a Armênia através da política colonial. O sujeito, portanto, carrega em sua identidade a característica de subalternidade pelo fato de ser pertencente a um espaço colonizado, definindo o indivíduo com uma imagem inferiorizada através da manipulação ideológica instaurada pela autoridade colonial (CHEAH, 2016), aqui representada pelo narrador.

Outro aspecto a ser destacado no trecho é a integração de Harry como oponente de um soldado britânico, configurando um retrato metafórico da antítese existente entre colonizado e colonizador. O imperialismo consistiu em uma política que interferiu consideravelmente nos EUA, já que 68% dos investimentos britânicos foram destinados a áreas norte-americanas e, após a sua independência, permanece, até a atualidade, uma relação demarcada pela colonização, já que os valores culturais do povo britânico foram espalhados para o seu país, tendo, portanto, uma trajetória histórica e cultural paralela com a Grã-Bretanha (JOHNSON, 2003).

Em vista disso, o texto literário evoca essa disparidade entre os sujeitos como uma “[...] diversa qualidade de consciência histórica [...]” (BOSI, 1992, p. 57), especialmente pelo regime opressor instaurado pela Inglaterra na sociedade norte-americana. Ademais, a condição na qual o inglês está situado é em um estado de combate e, ao mesmo tempo, de poder, imaginado pela posição de artilharia e, por isso, não se anula o estado de organização hierárquica, esta gerada pelo contexto colonial do imperialismo.

Assim sendo, os comentários desenvolvidos acerca dos textos de Hemingway ilustram uma breve amostra de sua literatura vista pela perspectiva pós-colonial, o que traz um posicionamento distinto em vista de outras abordagens utilizadas pela crítica. Ao expandir as análises construídas para outros trechos das obras destacadas, os estudos provêm inúmeras possibilidades de aplicação do pós-colonialismo nas narrativas escritas pelo autor, atentando, sobretudo, para os contextos e ideologias que se expõem mediante as relações entre colônia e Império. Isso, portanto, se concretiza na leitura do *corpus* promovida nessa pesquisa, aprofundada no capítulo seguinte.

### 3 UMA ANÁLISE PÓS-COLONIAL DE *O VELHO E O MAR*

Este capítulo se dedica à análise do *corpus* em estudo sob a ótica do pós-colonialismo. Para tanto, o panorama histórico do neoimperialismo dos EUA em Cuba constituirá a base contextual para a compreensão dessa pesquisa. Logo após, serão considerados os seguintes elementos: o posicionamento do narrador com relação à construção da identidade dos personagens; os espaços locais representados juntamente com a significação de cada um deles para a definição do sujeito enquanto subalterno; e, por fim, o destaque a alguns elementos da teoria pós-colonial que se sobrepõem no texto literário.

#### CUBA E ESTADOS UNIDOS: RELAÇÕES NEOCOLONIAIS EM *O VELHO E O MAR*

Apropriar-se do contexto pós-colonial existente na história para compreender determinados elementos de *O Velho e o Mar* é fazer referência a essa dominação dos EUA sobre Cuba. Isso, por sua vez, propõe a ideia de observar a escrita de Hemingway como uma amostra de texto ficcional em que o contexto histórico atua como representação de experiências culturais, sendo estas consideradas fundamentais para que a obra tome suas formas de interpretação. Então, o método de “[...] examinar as circunstâncias ou o contexto histórico em que ela figura [...]” (CULLER, 1999, p. 68) significa a solução para compreendermos como a história constitui um dos principais elementos para a atribuição de sentidos.

Como exemplo disso, Hotchner (1967, p. 13), por conviver diretamente com Hemingway, comenta que em um de seus encontros “Ernest subiu à ponte de comando e manobrou-o [o seu barco pessoal] para fora do porto [...], até a aldeia de pescadores de Cojimar [em Havana], que estava destinada a tornar-se a aldeia de *O Velho e o Mar*”. Percebe-se, pois, que o mar foi um cenário bastante presente na rotina do escritor, especialmente em seus últimos 14 anos de vida. Além disso, o convívio de Hemingway com as classes marginalizadas de Cojimar, expresso pelos pescadores, contribuiu para que o escritor tornasse o herói do romance a partir de um representante dessas comunidades.

Ao tratar dessa política de colonização exercida pelos EUA, sobretudo das ações executadas pelos governantes do final do século XIX ao fim do século XX, o

neocolonialismo pode ser definido conforme as considerações de Bobbio et al. (1998, p. 181), quando afirmam que o uso de tal termo:

[...] começa a surgir na literatura dos anos 50 para definir as formas de dependência econômica, social, política e cultural a que ficaram sujeitos os países ex-coloniais ou os que, na época, se preparavam para a independência. O neocolonialismo caracteriza-se hoje, mais que pelo domínio político exclusivo de uma metrópole sobre as suas antigas possessões coloniais, pelo domínio do mercado capitalista internacional sobre países.

Logo, discorrer sobre as ações de apropriação colonial norte-americana em determinados países do globo é apresentar um contexto imperial, de modo que os procedimentos dos quais os EUA se utilizaram para estabelecer sua hegemonia mundial se colocaram a partir da dominação dos recursos econômicos que tais territórios ofereceram para o favorecimento comercial do colonizador. Com essa forma de regime, eles consolidaram o capitalismo através da superintendência sobre esses países colonizados.

No caso de Cuba, em toda a sua estruturação, o país tornou-se uma peça-chave para o estabelecimento dos EUA enquanto república imperialista. Além da ilha, lugares como o Havaí, o Panamá, e as Filipinas, dentre outros, se tornaram, ao longo de suas respectivas histórias, cenários em que os norte-americanos estenderam suas influências para a sua estabilidade cultural, econômica e política. Segundo Alves (2012), foi em consequência da independência de Cuba da Espanha que os EUA encontraram a chance de instituir controle sobre a nação.

Uma das grandes razões para Cuba reivindicar sua independência do Império espanhol consistia na libertação dos escravos. Acredita-se que “entre 1651 e 1866, Cuba recebeu da África 779 mil escravos — 329 mil além do total de escravos chegados aos Estados Unidos [...]” (GATES JR, 2011, p. 161). Foi por meio da prática escravista que o país obteve uma das maiores produções de açúcar na América Latina, tornando-se almejado pelo poder imperialista. Com o contrabando desenfreado de escravos exercidos por Cuba, a Espanha tentou ali se estabelecer enquanto potência mundial perante os outros países da Europa. Todavia os espanhóis foram derrotados e impedidos de consolidar o seu poder em consequência da Guerra Hispano-americana. Com o governo do presidente norte-americano William McKinley (1843-1901), entre 1896 e 1901, os EUA tentaram conquistar a confiança do povo cubano, enviando o navio encouraçado *USS Maine*

para Havana em 1898, afirmando que a sua presença na ilha teria o intuito de promover a segurança dos norte-americanos que residiam em Cuba. Porém, nesse mesmo ano, ainda ancorado na capital, o navio de guerra sofreu um ataque do domínio espanhol, que matou em torno de 260 marinheiros (KARNAL et al., 2008), tornando este fato o estopim para o início da guerra Hispano-americana e caracterizando uma grande batalha entre os impérios. Vencida a guerra, o governo dos EUA libertou a população cubana da Espanha, mas permaneceu no país alegando estarem em suas terras com o objetivo de contribuir para a cura da febre amarela, algo que, na época, estava atingindo a população.

Para preservar seus próprios interesses, a política externa norte-americana decidiu investir cada vez mais na ilha de Cuba. Com a prática do expansionismo imperialista, em 1898, os EUA resolveram utilizar algumas forças militares para resguardar a sua inserção no país anteriormente pertencente à Espanha. Sendo assim, o território cubano, que desejava se tornar uma terra autônoma e independente do governo europeu, passou a adquirir a condição de subserviência perante o Império norte-americano. Portanto, verdadeiramente, os cubanos nunca iriam se libertar do estado de escravidão, e a cultura, a política, a economia, enfim, tudo aquilo que definia sua nação enquanto estado único, estaria à mercê do autoritarismo dos EUA. Por isso, o que houve foi apenas a troca de um poder colonial por outro (GATES JR, 2011).

Considerando a narrativa em *O Velho e o Mar*, o protagonista Santiago realiza um resgate desse traço histórico da escravidão em Cuba e, ao mesmo tempo, reforça a sua condição de subserviência pelo fato de estar à mercê das suas próprias limitações para conseguir obter a pesca para seu próprio sustento, enquanto que, para o Império, a obtenção do lucro se adquiriu por meio do trabalho servil praticado pelas minorias. É o que pode ser identificado no seguinte fragmento:

- Que a minha cabeça se conserve lúcida – murmurou, encostando-se à madeira da proa. – Eu sou um velho muito cansado. Mas matei esse peixe que era meu irmão e agora tenho de fazer o trabalho dos escravos (HEMINGWAY, 2013a, p. 95, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>15</sup>

Percebe-se que o enredo expõe uma classificação que Santiago impõe a si mesmo enquanto subalterno. Isso se justifica pela frequência constante do contexto

---

<sup>15</sup> “Keep my head dear,” he said against the wood of the bow. “I am a tired old man. But I have killed this fish which is my brother and now I must do the slave work” (HEMINGWAY, 1952, p. 95).

escravista instaurado em Cuba ao longo de sua definição enquanto nação. Com isso, o estudo nos direciona para a condição periférica que o estado colonial instituiu ao cubano, tornando as ações do sujeito colonizado como consequência de descrições tão históricas quanto os seus próprios atos (SCOTT, 2005), colocando o texto como um cenário de confronto entre as construções idealizadas pelo discurso colonial e pelo nativo.

Logo, a tão sonhada independência de Cuba torna-se algo distante das metas dos cidadãos com a chegada do domínio colonial norte-americano. Com o presidente McKinley, o Império expõe suas ações comerciais cada vez mais evidentes perante os cidadãos cubanos, tornando-os cada vez mais dependentes das manipulações coloniais dos EUA. Sobre isso, Schoultz (2000) destaca que a ocupação do poder colonial na ilha submeteu as comunidades, principalmente as mais periféricas, a concordar com o regime de supervisão fundado pelos invasores, obtendo, de certa forma, um cenário pacífico até 1906, quando, naquele mesmo ano, o então presidente cubano Tomás Estrada Palma (1835-1908) se reelegeu, contribuindo para uma segunda intervenção dos EUA. Por isso, uma rebelião se iniciou devido às fraudes cometidas para a aquisição do poder de Palma, apoiado pelo colonizador norte-americano.

Dentro desse período de ocupação dos EUA, surge a “Emenda Platt”, pela qual o governo norte-americano manipulava a política interna cubana, assegurando benefícios em prol de seu próprio desenvolvimento por meio da produção da cana-de-açúcar. Além do mais, a sua aproximação geográfica com o Panamá facilitou o seu crescimento e a sua afirmação enquanto Império, tendo como uma das ações interventoras a construção de um canal para a circulação de bens de consumo entre as colônias cubana e panamenha. É por essas e outras estratégias que o governo dos EUA adquiriu sua hegemonia imperial com relação à sociedade cubana.

Sobre a Emenda Platt, esta fez com que Cuba se tornasse:

[...] uma espécie de protetorado norte-americano: os Estados Unidos garantiam o direito de intervir em assuntos cubanos, a fim de garantir a continuação da independência e a estabilidade do país, além de assegurarem uma base naval (Guantánamo) na ilha. A Emenda Platt foi revogada na década de 1930, mas Cuba continuou a gravitar ao redor da economia dos Estados Unidos (KARNAL et al., 2008, p. 168).

Considerado um termo europeu, “protetorado” era a palavra mais significativa para definir a condição de dependência a que Cuba estava se submetendo ao ser

regida por essa lei. Isso estabeleceu relações de poder em que o imperialismo predominava nos países subdesenvolvidos, sendo estes totalmente prejudicados pelo aproveitamento abusivo dos recursos que eles produziam em seus territórios. Após ganhar uma considerável confiança de Cuba, os EUA expuseram para o povo suas intenções de soberania como garantia de exercer seu domínio e reter forças sobre a ilha, enviando para lá suas tropas militares entre os anos de 1906/1909 e 1917/1922.

Ao favorecer seus próprios interesses, os EUA adquiriram um maior equilíbrio político e comercial em relação a outros países da América Central, crescendo mundialmente enquanto potência econômica, tais como outros países da Europa, a exemplo de Inglaterra e França. Em 1920, pela prática colonial, Cuba cedeu metade do consumo de açúcar aos EUA, além de outras matérias-primas, como a beterraba, e os norte-americanos se utilizaram de outras estratégias de aumento da renda capital, como a manipulação das tarifas que circulavam no comércio cubano (KIERNAN, 2009).

Em *O Velho e o Mar*, as relações afetivas entre os próprios cidadãos cubanos são movidas pelo capital. No trecho que se segue, é fundamental atentar para a forma como o velho Santiago e o garoto Manolin são afetados pelo capitalismo ao tornar o desenvolvimento econômico como condição *sine qua non* para a oportunidade de convívio e a aproximação entre as duas gerações, reveladas pelo garoto e pelo velho pescador ao longo do romance:

- Santiago – disse-lhe o garoto quando desciam do banco de areia para onde o barco fora puxado -, eu gostaria de tornar a sair com você. Tenho ganhado algum dinheiro.

[...]

- Não – respondeu-lhe o velho. – Você está num barco de sorte. Fique com eles.

- Mas lembre-se daquela vez em que passamos mais de oitenta dias sem apanhar coisa alguma e depois pescamos dos grandes, todos os dias, durante três semanas (HEMINGWAY, 2013a, p. 14, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>16</sup>

O fato de a narrativa posicionar os personagens em um estado de dependência do valor econômico sugere uma formação adquirida pelos nativos a

<sup>16</sup> “Santiago,” the boy said to him as they climbed the bank from where the skiff was hauled up. “I could go with you again. We’ve made some money.”

The old man had taught the boy to fish and the boy loved him.

“No,” the old man said. “You’re with a lucky boat. Stay with them.”

“But remember how you went eighty-seven days without fish and then we caught big ones every day for three weeks” (HEMINGWAY, 1952, p.10).

partir da ideologia de produção capitalista instaurada pelo Império dos EUA. Logo, os discursos são construídos pelas circunstâncias imperiais em que o sujeito colonizado se integra, levando o indivíduo a se identificar ou não com determinadas posturas com o intuito de garantir a sua sobrevivência mediante o processo de dominação liderado pelo imperialismo (COSTA, 2006).

Para alguns norte-americanos, isso consistia em algo necessário para manter o controle político sobre a ilha, embora que, quando realizada pelos europeus, ela fosse vista como algo cruel e inoportuno (KIERNAN, 2009). Desde então, os cidadãos colonizados foram impedidos de exercerem sua própria liberdade no exercício de seus direitos, tendo seus atos vigiados sob o militarismo propagado pelo poder da América do Norte, sem mencionar que muitas invasões por exércitos de choque foram organizadas para comandar o país, juntamente com a formação de greves, sendo a mais considerável uma paralisação executada em Havana, contribuindo para a entrada de navios de guerra na capital de Cuba.

Seguidamente, com a ocupação da ilha e a explosão do couraçado *Maine*, em Havana, os EUA continuaram exercendo seu poder sobre Cuba enquanto protetorado, contribuindo para a anulação total dos conflitos entre o país com a Espanha. Stone e Kuznick (2015) revelam que, após tomar posse das terras cubanas, os grandes empresários tornaram o estado um verdadeiro espaço colonial de exploração dos bens que a nação tinha em sua formação, a exemplo da *United Fruit Company*, entidade voltada para a exploração de plantações de recursos naturais, que se apossou de quase 800 mil hectares para a fabricação de açúcar. Além disso, grande parte dos minérios cubanos também foi alvo de exploração de interesses dos norte-americanos.

Nesse contexto, é pelo imperialismo que os EUA exercem sua autonomia capitalista, extraíndo os recursos de Cuba necessários para as suas relações comerciais e, com isso, aumentam o seu desenvolvimento econômico. Surge, então, o embate entre um grupo de cidadãos da ilha que, por meio de ações revolucionárias, contestam seus ideais em favor de uma política de distribuição igualitária dos bens de consumo, evidenciada pelo comunismo a partir de Ernesto Che Guevara (1928-1967) e Fidel Castro (1926-2016), os líderes principais desse movimento. Será em Cuba, portanto, que os contrastes entre o capital e o socialismo se tornarão cada vez mais evidentes, travando uma verdadeira batalha entre dois

modos políticos que, em suas ideologias, operam perspectivas distintas de estabilidade e progresso econômico.

Embora os personagens ajam dentro das exigências do capitalismo colonial, em alguns trechos da obra, o narrador apresenta Santiago como um homem que, por pertencer à classe menos favorecida, não acumula bens, utilizando alternativas para garantir sua subsistência. Logo, esse aspecto contrasta com os costumes do homem capitalista, baseando-se no consumo como o principal meio para a consolidação de sua estabilidade econômica. Utiliza-se como exemplo a descrição que a narrativa apresenta ao tratar da forma como o protagonista se acomoda para o seu descanso pessoal:

[...] O velho tirou as calças e foi para a cama às escuras. Enrolou as calças para fazer uma espécie de almofada e meteu o jornal dentro do rolo. Embrulhou-se na manta e deitou-se sobre o colchão, que consistia quase exclusivamente de velhos jornais ressequidos pelo tempo (HEMINGWAY, 2013a, p. 27, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>17</sup>

Vê-se, pois, que o protagonista retrata a imagem do cidadão determinado como uma figura marcada pela miséria trazida pelo poder capitalista imperial. Santiago, além de pertencer a uma classe trabalhadora caracterizada pela precariedade, isto é, os pescadores, é duplamente marginalizado pela elite colonial devido ao seu ofício que, ao longo do tempo, se encontra em decadência. Portanto, o narrador demonstra as consequências destinadas àqueles que não atendem às exigências do capitalismo, como a divisão errônea dos bens, e “[...] essa distribuição dos meios de produção não é de modo nenhum ‘geral’, mas privada, isto é, conforme aos interesses do grande capital [...]” (LÊNIN, 2011, p. 147).

Para a consolidação de seu Império, os EUA continuaram a usar a exploração exacerbada e capitalista da cana-de-açúcar, tendo-a como sua principal fonte de renda. A saber, Bandeira (2009) destaca que o aumento da cota dessa matéria-prima foi significativo para a realização de operações de exportação e distribuição do produto pelos norte-americanos. Além disso, as empresas dos EUA foram influentes no controle de usinas implantadas em Cuba pelo próprio governo colonial. Conseqüentemente, a corrupção do governo e o estado de subserviência dos cidadãos cubanos foram frequentes durante o processo de exploração.

---

<sup>17</sup> [...] the old man took off his trousers and went to bed in the dark. He rolled his trousers up to make a pillow, putting the newspaper inside them. He rolled himself in the blanket and slept on the other old newspapers that covered the springs of the bed (HEMINGWAY, 1952, p. 24).

O comunismo, pelo fato de conter metas totalmente opostas às dos EUA, revelava um conjunto de princípios ameaçadores para a estabilidade política e econômica norte-americana. Consoante o que afirma Perkins (2007), as reações dos EUA de fortalecer suas tropas militares em terras colonizadas como Cuba se justificam diante das realidades em que outros povos estavam enquadrados ao serem influenciados pela ideologia comunista, a exemplo de vários países africanos, palcos pelos quais se expunham diante da imprensa imagens de cubanos revolucionários treinando cidadãos africanos com o objetivo de organizar levantes contra os EUA nas áreas próprias de mineração. Desse modo, o país passou a apoiar aqueles que se posicionassem contra os comunistas de Cuba, não importando a forma pela qual determinado governante tratasse o seu povo para garantir o controle de sua nação, recebendo aliados para um maior revigoramento de seu poder capital e político (GATES JR, 2011).

Em *O Velho e o Mar*, a África é constantemente associada ao cubano por meio de Santiago que, em alguns trechos do romance, idealiza o continente no seu discurso oral e na sua própria consciência. Todavia, a narrativa apresenta-o como um território de segundo plano com relação aos diálogos construídos pelos personagens ao longo do enredo. No fragmento que se segue, observa-se como Manolin opta por falar sobre um esporte típico dos EUA ao invés da África:

- Quando eu tinha a sua idade, meu garoto, andava na proa de um navio que fazia carreira para a África e foi lá que vi leões nas praias, à noite.
- Eu sei. Você já me contou.
- Quer que fale da África ou de beisebol?
- Prefiro beisebol – optou o garoto. – Fale do grande John J. McGraw (HEMINGWAY, 2013a, p. 25-26, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>18</sup>

Logo, verifica-se como o continente ocupa um espaço de inferioridade mediante um aspecto cultural norte-americano. Atenta-se, ainda, ao fato dessa centralização dos EUA originar de um cidadão cubano, explícito pela voz do garoto Manolin. Isso reflete o pensamento de McLeod (2010) ao considerar a cultura como um reflexo da própria nação, tendo um papel central na legitimidade e na sobrevivência de um país específico. Portanto, o discurso que prioriza a cultura do

<sup>18</sup> "When I was your age I was before the mast on a square rigged ship that ran to Africa and I have seen lions on the beaches in the evening."

"I know. You told me."

"Should we talk about Africa or about baseball?"

"Baseball I think," the boy said. "Tell me about the great John J. McGraw [...]" (HEMINGWAY, 1952, p. 22).

colonizador é expressar o fascínio do colonizado perante os valores culturais instaurados pelo Império e “[...] nada, portanto, sugerirá ao jovem colonizado a segurança, o orgulho de sua cidadania [...]” (MEMMI, 2007, p. 138).

Como uma forma de controle do cenário conturbado em que o país estava envolvido, o general Fulgencio Batista é eleito presidente de Cuba, instaurando um governo de ditadura em proveito dos interesses norte-americanos. Governando entre os anos de 1940 e 1944 e, posteriormente, entre 1952 e 1959, Batista expressa, por meio de sua política de autoridade contra os revolucionários, a presença frequente do governo na sociedade cubana. Segundo Alves (2012), ele foi um dos grandes adeptos de campanhas publicitárias, operações de seguranças e intervenções militares lideradas pelo Império norte-americano, firmando uma verdadeira aliança do governo de Cuba com o militarismo dos EUA. Logo, o conservadorismo e soberania propagada por Batista constituem um grande atrativo para que se impeça algum ato de emancipação nacional na colônia.

O exército, então, será o dirigente das ações políticas em Cuba. Kiernan (2009) afirma que, inicialmente, a ideologia de Batista era vista como algo próprio do comunismo. Entretanto, devido a sua receptividade para com o poder dos EUA sobre a nação cubana, o povo percebeu que as intenções do chefe militar seriam unicamente obter a ordem por meio da parceria capitalista que ele estava firmando junto com o governo norte-americano, apresentando uma “política da boa vizinhança” para com os EUA. Com um comando coercivo, Batista tornou a sociedade cubana um povo atingido completamente pela intervenção econômica colonial, de modo que, em 1957, o capital adquirido pelo Império somava em torno de mais de um bilhão de dólares.

Foi apenas em 1959 que Cuba conseguiu se libertar do imperialismo norte-americano enquanto colônia, atingindo seu ápice com a liderança de Castro contra o regime ditatorial imposto na ilha pelos EUA. Com isso, a sociedade deixou de ocupar a condição de “escrava” da supremacia colonial para assumir um novo modo de vida centralizado nos ideais comunistas. Isto ficou sendo visto como um ato de desafio, uma nação que, por muito tempo, se tornou um espaço desenvolvido a partir de poderes externos ao seu território e, portanto, passou a ser reconhecida em seu estado nacional, firmando vários acordos comerciais e determinando seus próprios atos políticos como sinal de aquisição da tão almejada autonomia que os cubanos pretendiam adquirir.

Retornando aos anos de 1930, à medida que a ilha era definida pela sua formação multicultural, os seus recursos se desenvolviam constantemente, porém, tudo era destinado para o capital. Apesar de, nesta década, a Emenda Platt ter sido invalidada, Cuba continuou tendo seus valores econômicos inspecionados pela autoridade colonial norte-americana, período em que os EUA sofriam uma profunda crise econômica, a “Grande Depressão”. Assim, a ilha é vista como uma das alternativas para garantir a soberania dos EUA enquanto potência mundial.

Até mesmo o dólar interferiu consideravelmente na manipulação do capital em Cuba. Sobre esse contexto, Karnal et al. (2008) observam que, foi pela diplomacia do dólar que os presidentes norte-americanos William Howard Taft (1857-1930) e Woodrow estimularam bancos dos EUA a fornecerem empréstimos a diversos países para obter o controle econômico através da sujeição neoimperialista, prosseguindo a política de administração de bens defendida pelo presidente Theodore Roosevelt (1858-1919). Nesse caso, isso serviu para que o poder capitalista norte-americano fosse expandido para outras partes do globo, impondo não apenas o aspecto monetário, mas a própria cultura dos EUA nos países subservientes ao sistema capitalista.

O dólar é um elemento importante ao considerar o predomínio da autoridade neoimperialista nas relações econômicas em Cuba, ilustradas em *O Velho e o Mar*. Conforme aponta a passagem do romance a seguir, coloca-se em evidência o estado de subordinação a que os habitantes são obrigados ao obter os produtos na ilha. Na situação exposta, os personagens Santiago e Manolin dialogam sobre a compra de um bilhete de loteria e, ao mesmo tempo, o velho pescador contesta sobre as condições pelas quais ele se torna exposto enquanto membro da minoria:

- Um bilhete inteiro. Custa dois dólares e meio. Quem é que poderia emprestar o dinheiro?
- Isso é fácil. Qualquer pessoa me empresta dois dólares e meio.
- A mim também me emprestavam. Mas não quero pedir emprestado a ninguém. Primeiro pede-se emprestado. Depois pede-se esmola (HEMINGWAY, 2013a, p. 22, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>19</sup>

Nesse caso, a narrativa atribui a Santiago a situação de dependência resultante da divisão inexata da economia ocasionada pelo capitalismo. Isso se

<sup>19</sup> “One sheet. That’s two dollars and a half. Who can we borrow that from?”

“That’s easy. I can always borrow two dollars and a half.”

“I think perhaps I can too. But I try not to borrow. First you borrow. Then you beg” (HEMINGWAY, 1952, p. 18).

relaciona com a ideia de Quijano (2018) acerca da colonialidade e da ação capitalista, em vista de que o capitalismo determinou o capital como uma formação social de dependência dos povos colonizados, articulando o controle do trabalho, os recursos, os produtos, enfim, a dinâmica econômica de Outro da colônia. O protagonista, portanto, encontra-se na posição, enquanto sujeito que está destinado a uma categoria de subserviência não por consentimento, mas porque, desde o nascimento, é marcado pela diferença de classe e, por isso, deve lutar para obter o suficiente em termos de economia, política e sociedade (STONEHAM, 2003). Observa-se, ainda, que a condição do velho enquanto um homem debilitado também o torna sujeito a essa possível situação de miserabilidade, já que suas limitações provenientes da idade não atendem as necessidades econômicas da sociedade em que ele se integra.

Além da moeda dos EUA, o turismo, por sua vez, também ocupou um valor significativo nas relações entre norte-americanos e cubanos. Conforme aponta Gates Jr. (2011), esse tipo de ramo ganhou muito espaço em torno da economia, revelado por meio da chegada constante de turistas de outros países em grandes proporções, principalmente originados da América do Norte. Consequentemente, se expandiram a inauguração de novos hotéis e pousadas, transformando a ilha em um verdadeiro espaço turístico. Havana, a grande metrópole, tornou-se o destino principal da maioria daqueles que almejavam pisar em solo cubano, mas, ao mesmo tempo, serviu como cenário de implantação de valores próprios dos norte-americanos, sendo a cultura o principal fator a ser atingido pela influência dos EUA.

No *corpus* em estudo, o turismo é situado em um espaço oposto ao dos cubanos, isto é, enquanto Cuba é imaginada em Santiago pela precariedade econômica, os turistas norte-americanos são posicionados em cenários de entretenimento, como a Esplanada. É o que pode ser analisado no trecho seguinte:

Nessa tarde havia um grupo de turistas americanos na Esplanada. Quando olharam para a praia e para a água, entre as latas de cervejas vazias e barracudas mortas, uma mulher viu uma espinha branca muito comprida com uma cauda enorme numa das pontas, flutuando na maré, enquanto o vento do nascente soprava fortemente e agitava o mar à entrada da pequena baía (HEMINGWAY, 2013a, p. 123, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>20</sup>

<sup>20</sup> That afternoon there was a party of tourists at the Terrace and looking down in the water among the empty beer cans and dead barracudas a woman saw a great long white spine with a huge tail at the end that lifted and swung with the tide while the east wind blew a heavy steady sea outside the entrance to the harbor (HEMINGWAY, 1952, p. 126).

Percebe-se, então, que a América, simbolizada pelos turistas, se encontra em estado de oposição no que se refere às condições sociais da sociedade cubana. Enquanto o norte-americano está em situação de conforto, a ilha é representada pela imagem de degradação dos bens materiais ocasionados pela exploração da colônia, imaginados, no texto, pela figura das latas de cervejas vazias e das barracudas mortas. Além disso, a presença desses personagens indica a interferência externa que os EUA exerceram sobre Cuba por meio da área turística, promovendo o encontro cultural entre os norte-americanos e cubanos. Desse modo, a percepção sobre desigualdade das fortunas derivada do uso e abuso de riquezas entre os homens constitui de um aspecto chave para a compreensão textual sobre a antinomia existente entre as condições sociais do norte-americano e do cubano (ROUSSEAU, 2018).

A religião, por exemplo, foi um dos elementos que se inseriu nesse entrelace de produtos culturais. Kiernan (2009) problematiza essa questão ao realçar o percurso que os EUA adotaram ao longo de sua identificação enquanto nação autônoma, isto é, a sua revelação enquanto país basicamente protestante em meio a uma imensidão de outros povos que tinham a religião católica ou o paganismo como centro de suas crenças. Entretanto, a sua distinção perante eles contribuiu para a sua consolidação de superioridade, de modo que os ideais doutrinários serviram para afirmar uma noção de “resgate” daqueles que não compartilhavam das mesmas convicções, e isso consistiu em algo frequente ao se pensar no domínio sobre Cuba, fundindo esse conceito com a missão imperialista. Esse aspecto é provado até mesmo no início da guerra dos EUA contra a Espanha, já que grande parte das igrejas protestantes em Cuba prestou suporte contra os espanhóis, marcadamente católicos.

Em *O Velho e o Mar*, o catolicismo é associado ao cubano em um ambiente de decadência. Por ser um homem pertencente a uma classe menos favorecida economicamente, o romance revela aspectos da Igreja Católica juntamente com expressões materiais de miserabilidade existentes na casa de Santiago, como se apresenta no trecho a seguir:

Seguiram junto pela rua em direção à cabana do velho e entraram pela porta que estava sempre aberta [...]. Dentro só havia uma cama, uma mesa, uma cadeira e um canto no chão sujo, onde se podia cozinhar a carvão. Nas paredes castanhas do duro *guano* viam-se uma imagem colorida do

Sagrado Coração de Jesus e uma outra da Virgem de Cobre<sup>21</sup>. Ambas eram relíquias de sua mulher [...] (HEMINGWAY, 2013a, p. 19, tradução de Fernando de Castro Ferro, grifo do autor).<sup>22</sup>

Pelo fragmento, é fundamental observar a associação da cultura da margem a um ambiente de desgaste. Isso demonstra uma estratégia do Império em menosprezar o patrimônio cultural do nativo, sobrepondo os valores sustentados pela autoridade colonizadora dos EUA. Logo, o narrador expõe a habilidade colonial em firmar sua doutrina, assim como apoiar, definir e priorizar a identidade norte-americana, o que reforça a ideia de Pease (2005) no que se refere ao “excepcionalismo” como uma forma de propagação cultural do neoimperialismo.

Sobre a questão dos escravos, da mesma forma que a herança do regime escravista trouxe outras formas de manifestações culturais, ela provocou ações de interferência dos EUA no que diz respeito à convivência entre raças distintas. O racismo se tornou um elemento cada vez mais presente na sociedade cubana, e isso se fortaleceu ainda mais quando os norte-americanos invadiram Cuba. A América, então, traz para os cidadãos cubanos um regime semelhante ao de segregação racial propagado pelos brancos, isto é, a alocação da população negra como uma raça inferior aos de pele branca. Sobre isso, afirma-se que os norte-americanos se viram como responsáveis pela ressegregação e reordenação das raças na ilha cubana (GATES JR, 2011), perspectiva essa proveniente da percepção pessoal dos EUA ao ver brancos e negros lutando e convivendo pacificamente em grupos mistos, almejando a igualdade entre os homens, fossem eles de raças ou de condições econômicas distintas. Portanto, o racismo na Cuba colonial era algo frequente, e os negros eram os atores principais no que se refere a sua condição subalterna enquanto escravos das ações do poder colonial dos EUA.

Mais especificamente em 1912, ocupações militares dos norte-americanos invadiram Cuba com o intuito de fortalecer a sua rejeição contra os negros. Kiernan (2009) considera esse período como um dos mais evidentes no que se refere à instauração de um pensamento racista, em que chefes brancos eram aclamados em

<sup>21</sup> A Virgem Maria de Cobre, para o país, é reconhecida como a padroeira de Cuba.

<sup>22</sup> They walked up the road together to the old man's shack and went in through its open door [...]. The shack was made of the tough budshields of the royal palm which are called guano and in it there was a bed, a table, one chair, and a place on the dirt floor to cook with charcoal. On the brown walls of the flattened, overlapping leaves of the sturdy fibered *guano* there was a picture in color of the Sacred Heart of Jesus and another of the Virgin of Cobre. These were relics of his wife [...] (HEMINGWAY, 1952, p. 15-16, grifo do autor).

seus pedestais para fortalecer o estado de supremacia colonial exercido pelo homem branco. Isso, de certa forma, gerou revolta entre grupos de soldados negros, porém, eles foram brutalmente aniquilados pelo militarismo branco dos ianques, ocasionando o reforço do sentimento de rejeição e de ódio pela classe negra, trazido pela América colonial.

O enredo de *O Velho e o Mar* também destaca essa ideia de conflito entre as etnias branca e negra. No fragmento narrativo seguinte, verifica-se o enquadramento do negro como um oponente do protagonista Santiago, isto realizado pela narrativa em um momento pelo qual o pescador relembra uma situação específica de sua vida pessoal:

Quando o sol desapareceu no horizonte, o velho Santiago recordou, para tomar mais coragem, aquela vez, em Casablanca, na taberna, quando disputara uma queda de braço com um negro enorme de Cienfuegos, que era o homem mais forte das docas. Haviam ficado um dia e uma noite com os cotovelos assentes sobre um traço de giz feito na mesa, os antebraços eretos e as mãos apertadas [...] (HEMINGWAY, 2013a, p. 70, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>23</sup>

No trecho acima, se coloca em questão a disputa entre raças ilustrada pelo próprio romance. Integrar o cubano branco como um indivíduo oposto ao negro confirma a construção do nativo semelhante ao colonizador. Nesse caso, isso se reflete a partir da ideia de contraste entre brancos e negros idealizados pelo homem norte-americano e que, com isso, se estende para os membros da colônia cubana, orientando-os a seguirem a noção de divergências entre raças com o intuito de transformar o nativo tal como os princípios racistas pressupostos pelo neoimperialismo colonial dos EUA, concretizando, assim, uma construção ideológica do colonizado pelas concepções do colonizador (MEMMI, 2007).

Por isso, as relações raciais em Cuba se encontraram cada vez mais afetadas pelas ordens do Império. Os cubanos, influenciados pelos norte-americanos, almejavam embranquecer a nação, sem considerar que foram os negros, por meio de sua coragem, que contribuíram para a independência do território cubano do poder espanhol. Desse modo, os membros da elite branca dedicavam suas ações

<sup>23</sup> As the sun set he remembered, to give himself more confidence, the time in the tavern at Casablanca when he had played the hand game with the great negro from Cienfuegos who was the strongest man on the docks. They had gone one day and one night with their elbows on a chalk line on the table and their forearms straight up and their hands gripped tight (HEMINGWAY, 1952, p. 68-69).

para estabilizar o regime de divisão entre raças à moda *Jim Crow*<sup>24</sup> propagada pelos EUA, política esta que defendia leis de ruptura dos direitos a serem exercidos pelos negros. Isso, de fato, fazia com que a população negra se tornasse vítima de exclusão oriunda de sua identidade racial, impedindo-os de tratarem sobre suas raízes e, especialmente, exaltá-las perante a sociedade de Cuba.

As práticas culturais, por exemplo, eram vistas como algo vulgar e fora dos padrões em vista dos valores difundidos por aqueles de pele branca. Ações como cantar, dançar e exercer suas crenças religiosas originadas na África eram terminantemente proibidas, com o objetivo de apagá-las do panorama em que se encontrava o povo de Cuba entre os séculos XIX e XX. Logo, o racismo se instalou como uma política nacional apoiada pelos norte-americanos e pelos cubanos brancos, tendo a mídia como uma das ferramentas de publicação de tal ideologia, como a representação do cidadão cubano pela imagem de uma criança negra, reforçando ainda mais as diferenças entre o Império e o cubano colonizado.

Perante esse contexto e o *corpus* em análise, afirma-se a relevância que a arte literária ocupa com relação a outras áreas de conhecimento. Le Goff (1990) aponta a obra como um instrumento de conhecimento cujo valor se atribui a sua condição ao fator social, especialmente na sua forma realista. É pelo contexto que a forma literária irá se construir para que o leitor possa extrair suas informações acerca de determinados elementos – simbólicos ou não – que problematizem as temáticas que se referem ao panorama pelo qual o texto foi produzido e, conseqüentemente, realizar as associações devidas entre a literatura e as circunstâncias pelas quais ela se dispõe para a sua definição.

É possível observar como existem resquícios da atuação norte-americana em Cuba e os resultados que tais ações promovidas pelo poder neoimperialista provocaram nos indivíduos enquanto membros de uma colônia. Por conseguinte, são esses fatos que transferem ao texto uma ideologia colonial, característica do poder dos EUA, e uma crítica de como esses aspectos influenciam na formação do homem enquanto objeto às ordens do Império.

---

<sup>24</sup> O termo *Jim Crow* se refere a um conjunto de leis instaurado pelos EUA, determinando a segregação racial, atingindo diretamente cidadãos afro-americanos, asiáticos e outras etnias residentes no país.

## O NARRADOR E A DEFINIÇÃO IDENTITÁRIA DOS PERSONAGENS

Embora o romance *O Velho e o Mar* tenha como foco o condicionamento do velho Santiago em meio ao mar e a luta com o grande peixe, a narrativa apresenta alguns aspectos e situações que remetem a uma leitura metafórica do contexto imperialista dos EUA sobre Cuba nos anos que precederam a Revolução Cubana. Acrescente-se a isto o fato de que o modo como o narrador opera o enredo constitui um fator essencial para compreender o íntimo do protagonista, de modo que a mente do pescador se concretiza para o leitor mediante a voz narrativa. Portanto, ele desenvolve o fluxo de consciência, método narrativo inserido durante o período modernista pelo qual se descrevem as ideias, impressões e pensamentos do personagem. Logo, isso se direciona para uma caracterização própria do narrador “onisciente”, agente que, no texto literário, se expõe como uma “[...] figura demiúrgica que tem acesso aos pensamentos mais íntimos e às motivações ocultas dos personagens [...]” (CULLER, 1999, p. 91).

Desta forma, a representação dos personagens, enquanto ferramenta fundamental para a visão da obra sob um viés pós-colonial, resume-se ao fato de que eles são as peças que, em um romance, se configuram como elementos dotados de características emocionais, intelectuais e morais pela forma como são expressos ou como eles mesmos se definem, seja pelo diálogo ou pelas ideias pessoais, seja pelas ações (ABRAMS, 1999). Assim, *O Velho e o Mar* nos permite analisar a construção do pescador Santiago. Ao longo do texto, o protagonista age como uma reflexão dos abusos cometidos pelos EUA, especialmente pelas ações voltadas ao sistema capitalista. Ao mesmo tempo, porém, ele contesta as consequências trazidas pelo Império ao homem cubano. De fato, isso se expressa por meio de sua própria definição, que carrega o nome de uma das cidades mais significativas do país: Santiago de Cuba. Todavia, observa-se como o narrador descreve a estrutura física do pescador logo nas primeiras páginas da obra:

O velho pescador era magro e seco, e tinha a parte posterior do pescoço vincada de profundas rugas. As manchas escuras que os raios de sol produzem sempre, nos mares tropicais, enchiam-lhe o rosto, estendendo-se ao longo dos braços, e suas mãos estavam cobertas de cicatrizes fundas, causadas pela fricção das linhas ásperas enganchadas em pesados e

enormes peixes. Mas nenhuma dessas cicatrizes era recente (HEMINGWAY, 2013a, p. 14, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>25</sup>

Ao considerarmos esta passagem, observa-se que a narrativa atribui ao cubano uma caracterização negativa, fornecendo um realce maior ao seu desgastado estado físico, resultado da velhice e de seu trabalho enquanto pescador. Todavia, anteriormente, o narrador soma esse aspecto à fama de Santiago de um azarento por não conseguir pescar um peixe tal como outros de sua profissão. Portanto, isso expõe, pela linguagem narrativa, a ação colonialista de retratar ao leitor a deficiência do colonizado em desempenhar qualquer ofício, cabendo ao colonizador a imagem de progresso para o seu próprio benefício (MEMMI, 2007).

Embora o protagonista seja ignorado pela comunidade a que pertence, o discurso de Santiago revela o exemplo do nativo que se imagina na posição do Império, aqui representado pelos EUA. Alguns nomes referentes às celebridades norte-americanas são integrados na ficção como uma forma de centralizar a visão de Santiago sobre o povo da América, distanciando-o de sua própria identidade enquanto cubano. Em um dos trechos da obra, o pescador expressa a sua admiração pelo colonizador através do propósito pessoal de levar o jogador Joe Dimaggio (1914-1999) para o ofício de pesca e, concomitantemente, estabelece uma comparação da origem do esportista com a sua, conforme se apresenta seguidamente: “- Eu gostaria era de levar o grande DiMaggio para pescar – falou o velho Santiago. – Dizem que o pai dele era pescador. Talvez tivesse sido tão pobre como nós e pudesse compreender nossa vida” (HEMINGWAY, 2013a, p. 25, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>26</sup>

De acordo com o fragmento anterior, analisa-se como o enredo inclui o poderio dos EUA na fala de Santiago, que destaca a trajetória de um cidadão do Império tal como a sua enquanto cubano. Isso indica uma amostra clara do neoimperialismo norte-americano, visto como uma implantação dos valores nas culturas de países distintos através do colonialismo ou por alguma interferência indireta dos EUA (TOTA, 2000). Ademais, o narrador associa constantemente

<sup>25</sup> The old man was thin and gaunt with deep wrinkles in the back of his neck. The brown blotches of the benevolent skin cancer the sun brings from its reflection on the tropic sea were on his cheeks. The blotches ran well down the sides of his face and his hands had the deep-creased scars from handling heavy fish on the cords. But none of these scars were fresh [...] (HEMINGWAY, 1952, p. 9-10).

<sup>26</sup> “I would like to take the great DiMaggio fishing,” the old man said. “They say his father was a fisherman. Maybe he was as poor as we are and would understand” (HEMINGWAY, 1952, p. 22).

Santiago com os elementos naturais, que se justifica pelo desenvolvimento da ficção em meio à natureza concretizada pelo ambiente marítimo e os seres que nele habitam. Todavia, o foco narrativo é concentrado na representação do velho pescador como um colonizado que mantém uma relação favorável com os animais, embora o seu ofício se dedique à extinção de alguns para o seu próprio sustento. Através da voz narrativa, o comportamento do protagonista se opõe a outros pescadores, conforme se observa no trecho seguinte:

Não tinha nenhuma consideração especial pelas tartarugas, embora tivesse andado à caça delas durante muitos anos. Davam-lhe pena, mesmo as que pesavam uma tonelada. A maior parte dos pescadores não sentia a menor compaixão pelo fato de o coração da tartaruga continuar a palpitar durante horas e horas, mesmo depois de ela morta e cortada em pedaços. Mas o velho pensava: “Eu também tenho um coração assim e os meus pés e mãos são como os dela.” Comia-lhes os ovos brancos para ganhar força [...] (HEMINGWAY, 2013a, p. 39-40, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>27</sup>

Assim, enquanto a classe de pescadores se preocupa em apenas obter o necessário para a sua sobrevivência, Santiago atua como um caso distinto de seu grupo, tendo uma atitude altruísta com relação às tartarugas. Ao se observar enquanto ser vivo tal como esses animais marítimos, ele denota a imagem própria do colonizado que respeita a natureza como parte semelhante a si, enquanto que os outros sugerem a ação do capitalismo que “[...] submete a natureza e o homem” (BOSI, 1992, p. 170), colocando-os contra si mesmos. Entretanto, Santiago surge como uma antítese a esse comportamento, não apenas dos pescadores, mas do próprio Império, manifestando uma crítica da exploração exacerbada dos elementos naturais evidenciada pela exploração colonial dos recursos direcionados unicamente para o aumento do capital monetário. De acordo com Ashcroft et al. (2007), essa discussão sobre a relação do homem e a natureza - tendo o imperialismo como panorama - é um dos principais interesses da teoria pós-colonial da contemporaneidade, de modo que as ações do nativo são voltadas para a preservação do meio ambiente.

Nesse sentido, o discurso pós-colonial sobre o ecossistema se expõe no pensamento e na voz de Santiago, operando como um reparo dos danos que o

<sup>27</sup> He had no mysticism about turtles although he had gone in turtle boats for many years. He was sorry for them all, even the great trunk backs that were as long as the skiff and weighed a ton. Most people are heartless about turtles because a turtle's heart will beat for hours after he has been cut up and butchered. But the old man thought, I have such a heart too and my feet and hands are like theirs. He ate the white eggs to give himself strength [...] (HEMINGWAY, 1952, p. 37).

homem provoca à natureza. Enquanto que os EUA utilizam as terras do país como espaços de disputa e reivindicação em termos de propriedade individual dos bens que a ilha contém em seu espaço, os cidadãos colonizados assumem o papel de usuários apenas do essencial para a sua auto-sustentação. Nesse sentido, o protagonista de *O Velho e o Mar* assume a identidade de combatente da exploração ambiental executada pelo neocolonialismo norte-americano em Cuba, colidindo com a ideologia de abuso dos recursos naturais promovida pelos EUA e, com isso, concedendo-lhe um caráter singular com relação aos outros pescadores, no tocante ao cuidado com o meio ambiente.

Da mesma forma, essa situação se repete quando, na trama, o velho Santiago pesca o grande peixe espadarte. Pelo fato de não haver comida para alimentar a espécie, ele reflete sobre a ausência de alimento e, seguidamente, adota a natureza como parte integrante de sua família. Assim, pensa ele:

[...]. “Quantas pessoas ele irá alimentar? Mas serão merecedoras de um peixe assim? Não, claro que não. Ninguém merece comê-lo, tão grande a sua dignidade e tão belo o seu modo de agir.” “Não compreendo essas coisas”, pensou ele. “Mas é bom que não tenhamos de tentar matar a lua, o sol ou as estrelas. Já é ruim o bastante viver no mar e ter de matar os nossos verdadeiros irmãos.” (HEMINGWAY, 2013a, p. 75-76, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>28</sup>

Embora o velho desenvolva um tipo de afeto ao peixe, justificado por ser sua única companhia em meio à solidão no mar, ele mata o animal marinho antes considerado um “irmão” (HEMINGWAY, 2013a) por ser necessário para a sua sustentação enquanto pescador. Todavia, ele expõe o seu discernimento ao afirmar que a sua condição é consequência do contexto social ao qual ele pertence e, por isso, se torna dependente desse panorama provocado pelo capitalismo do Império. Revoltado, ele argumenta: “- Trabalha, velho – falou ele e bebeu um pouco de água de garrafa que estava quase vazia. – Há muito trabalho de escravo a realizar, agora que a luta terminou” (HEMINGWAY, 2013a, p. 96, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>29</sup>

<sup>28</sup> [...] How many people will he feed, he thought. But are they worthy to eat him? No, of course not. There is no one worthy of eating him from the manner of his behavior and his great dignity. I do not understand these things, he thought. But it is good that we do not have to try to kill the sun or the moon or the stars. It is enough to live on the sea and kill our true brothers (HEMINGWAY, 1952, p. 75).

<sup>29</sup> “Get to work, old man,” he said. He took a very small drink of the water. “There is very much slave work to be done now that the fight is over” (HEMINGWAY, 1952, p. 95-96).

A visão de Santiago enquanto ser submisso é uma expressão do discurso que o colonizador incute no nativo, de modo que, pela ambição colonial, a sociedade colonizada atua para suprir as necessidades do imperialismo (MEMMI, 2007), tornando-o subjugado pelos desejos do colonialismo. No caso do cubano, Kiernan (2009) considera que os EUA afirmavam a escravidão como uma forma de defesa dos seus direitos de estado e uma garantia de estabilidade do Império. Além disso, eles estimulavam a crença racista de determinar algumas classes e etnias que não pertenciam aos padrões norte-americanos como menores do que humanos, realizando uma categorização preconceituosa a partir da intolerância propagada pelo governo colonial. O velho pescador, portanto, se imagina como um ser tal qual o escravo, que se encontra submetido às diretrizes imperiais, atuando como mais um objeto nas mãos do poder colonial.

Continuamente, Santiago expõe o seu conflito pessoal com a natureza, mesmo que ele a considere como um membro familiar. Após pescar o espadarte e mantê-lo amarrado junto a seu barco, alguns tubarões surgem para se alimentarem da isca exposta em alto-mar. Apesar desses animais serem selvagens e terem como principal alimento a carne, o protagonista expressa sua repulsa perante as ações desses seres e, com isso, o narrador descreve os predadores com base nos atributos negativos em parceria com a angústia do pescador em ver sua grande conquista como instrumento de saciedade para outros externos ao contexto (HEMINGWAY, 2013a). O apetite dos peixes, então, é visto pela narrativa como uma ação primitiva e, ainda, eles são relatados com uma porção de falhas, apontando-os como “[...] tubarões idosos, malcheirosos, assassinos e comedores de carne podre, e, quando tinham fome, eram capazes até de morder os remos ou o leme de um barco [...]” (HEMINGWAY, 2013a, p. 106, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>30</sup>

Esse aspecto da narrativa também pode ser visto como uma alegoria da exploração que o Império norte-americano praticava em Cuba. Entende-se a alegoria como uma estratégia narrativa em que as ações e os cenários são atribuídos a agentes, sejam eles concretos ou abstratos, como uma forma de significado coerente a um segundo contexto pelo qual o texto busca realizar alguma referência (ABRAMS, 1999). Portanto, a ação dos tubarões indica a forma de intervenção dos EUA na ilha: enquanto que os bens naturais e o trabalho braçal

<sup>30</sup> “[...] They were hateful sharks, bad smelling, scavengers as well as killers, and when they were hungry they would bite at an oar or the rudder of a boat [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 107-108).

eram frutos do esforço dos cidadãos cubanos, os EUA se apropriavam apenas dos produtos para o seu crescimento econômico, havendo, assim, uma divisão improcedente dos rendimentos em favor dos interesses coloniais.

Tendo o trabalho se tornado ineficaz devido às ações dos predadores em usar o grande peixe como refeição, Santiago obtém apenas a espinha como garantia de sua pesca (HEMINGWAY, 2013a). Esse fragmento da trama é um retrato do que Bonnici (2005) trata com relação ao colonialismo que altera os bens oferecidos pelo ecossistema de comunidades nativas, de forma que a repartição e a devastação dos recursos da natureza são atos frequentes do poderio imperial. Desta forma, os tubarões simbolizam o propósito da metrópole de usufruir do trabalho alheio em favor da supremacia do estado colonial sobre a comunidade nativa.

A identidade de Santiago também se torna um elemento construído a partir das variações culturais expressas pelo idioma. Entretanto, à medida que o texto se desenvolve, a narrativa apresenta observações acerca do idioma espanhol de Cuba, porém, sendo enfatizado como algo composto de exotismo, constatando uma separação cultural entre o narrador e a língua nativa. Observando que a escrita em *O Velho e o Mar* foi, em grande parte, em língua inglesa – excetuando-se apenas a inclusão dos vocábulos em espanhol – o romance se situa em um território onde o idioma espanhol foi o elemento cultural que permaneceu na ilha desde a sua formação nacional e, portanto, aspecto componente do cotidiano linguístico de Cuba. Por isso, a obra expõe o predomínio da linguagem do colonizador, isto é, o inglês, oriundo dos EUA, e se percebe que “[...] adotar uma linguagem diferente daquela da coletividade em que nasceu, representa um deslocamento [...]” (FANON, 2008, p. 39-40).

Extrai-se como exemplo o seguinte fragmento:

O velho pensava sempre no mar como sendo *la mar*, que é como lhe chamam em espanhol quando verdadeiramente o querem bem. [...]. Alguns dos pescadores mais novos, aqueles que usam boias como flutuadores para as suas linhas e têm barcos a motor, comprados quando os fígados dos tubarões valiam muito dinheiro, ao falarem do mar dizem *el mar*, que é masculino. Falam do mar como de um adversário, de um lugar ou mesmo de um inimigo [...] (HEMINGWAY, 2013a, p. 32, tradução de Fernando de Castro Ferro, grifos do autor).<sup>31</sup>

<sup>31</sup> He always thought of the sea as *la mar* which is what people call her in Spanish when they love her. [...]. Some of the younger fishermen, those who used buoys as floats for their lines and had motorboats, bought when the shark livers had brought much money, spoke of her as *el mar* which is masculine. They spoke of her as a contestant or a place or even an enemy [...] (HEMINGWAY, 1952, p. 29-30, grifos do autor).

Nesse trecho, a narrativa aborda a linguagem espanhola sobre aspectos de sua variação na comunidade de pescadores. Porém, esteticamente, o texto expõe esses termos em itálico, indicando estranhamento de tais expressões durante a leitura. Desse modo, o velho Santiago é a imagem da vítima que, devido à predominância do poder dos EUA, apresenta uma variação idiomática entre o espanhol e o inglês, configurando um indivíduo “bilíngue” pelo hibridismo da cultura norte-americana e cubana. Logo, a linguagem, enquanto um estabelecimento de delimitações, “[...] tende a esquecer que o princípio da visão dominante não é uma simples representação mental, uma fantasia [...], uma ‘ideologia’, e sim um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos” (BOURDIEU, 2012, p. 53-54).

Isso também se confirma no próximo trecho: “*Ay!* – exclamou ele em voz alta. Falara em espanhol, pois não conhecia nenhuma outra palavra que melhor exprimisse os seus sentimentos nesta situação” (HEMINGWAY, 2013a, p. 105, tradução de Fernando de Castro Ferro, grifo do autor).<sup>32</sup> Neste último extrato do enredo, o narrador detalha o uso do idioma utilizado por Santiago e, por isso, estabelece diferenças entre a cultura da margem e a cultura do Império. Esse fenômeno se distingue do que, na teoria pós-colonial, os críticos apontam como uma “lacuna metonímica”, ou seja, quando há frases ou passagens da língua nacional que se tornam desconhecidas ao leitor por não haver uma referência ou uma tradução para tais expressões (ASHCROFT et al., 2007), o que não é o caso em *O Velho e o Mar*, de modo que o narrador fornece constantemente esclarecimentos ao leitor, algo próprio da habilidade colonial em firmar a diferença entre o nativo e o colonizador.

Da mesma forma, essa diversidade entre os idiomas se apresenta em outro fragmento da narrativa, mais especificamente quando Santiago aborda diretamente um dos tubarões ao devorar a sua isca: “- *Vá-se embora, galano. Vá para o fundo do mar. Vá ver o seu amigo ou talvez se trate de sua mãe*” (HEMINGWAY, 2013a, p. 108, tradução de Fernando de Castro Ferro, grifo do autor).<sup>33</sup> Com isso, novamente se constata o embate entre o colonizador e o colonizado, embora *galano* – palavra

<sup>32</sup> “*Ay,*” he said aloud. There is no translation for this word and perhaps it is just a noise such as a man might make, involuntarily, feeling the nail go through his hands and into the wood (HEMINGWAY, 1952, p. 107, grifo do autor).

<sup>33</sup> “Go on, *galano*. Slide down a mile deep. Go see your friend, or maybe it’s your mother” (HEMINGWAY, 1952, p. 109, grifo do autor).

espanhola destinada para especificar um tipo de tubarão – não apresenta uma tradução fornecida pelo narrador. Mesmo assim, o uso da expressão em itálico direciona novamente o leitor para um estranhamento dos hábitos linguísticos do nativo. Logo, esse trecho da trama conduz a análise para a existência de um bilinguismo colonial. De acordo com Memmi (2007, p. 147):

No contexto colonial, o bilinguismo é necessário. Ele é a condição de toda a comunicação, de toda a cultura e de todo o progresso. Mas o bilíngue colonial só se salva do isolamento para sofrer uma catástrofe cultural, que nunca é completamente superada.

No enredo, a linguagem também se torna um elemento de debate ao apresentar um encontro direto entre a América e Cuba por meio do turismo. A representação dos turistas norte-americanos corresponde a um elemento importante para a sua inserção no enredo, pois, além de ilustrar o fluxo cultural tratado anteriormente, a linguagem interfere na compreensão dialógica dos indivíduos envolvidos. Atentemos, portanto, ao seguinte diálogo entre uma turista norte-americana e um garçom cubano:

- O que é aquilo? - Perguntou ela ao garçom [...].  
 - *Tiburón* – respondeu-lhe o garçom, tentando explicar, em espanhol, o que sucedera. – Tubarões (HEMINGWAY, 2013a, p. 123, tradução de Fernando de Castro Ferro, grifo do autor).<sup>34</sup>

Nesse trecho, o garçom se refere a uma espinha de peixe que se encontra abandonada à beira da praia, consequência do consumo selvagem dos tubarões ao espadarte pescado por Santiago. Ao expressar seu discurso, a turista argumenta no idioma inglês – de acordo com o texto fonte -, enquanto que o garçom se expressa em espanhol. Todavia, este último demonstra, além da língua utilizada na ilha, a habilidade de se expressar em inglês norte-americano e, logo após responder à questão da interlocutora em seu idioma de origem, acrescenta imediatamente o idioma do Império para tornar o seu discurso possível de entendimento pela mulher. Ainda, atentemos para a necessidade do narrador de informar o motivo de o garçom em se expressar em língua espanhola. Logo, o leitor se depara com mais um personagem bilíngue, sendo o bilinguismo visto como uma forma de sobrevivência,

<sup>34</sup> “What’s that?” she asked a waiter [...].

“Tiburón,” the waiter said. “Shark.” He was meaning to explain what had happened (HEMINGWAY, 1952, p. 126-127).

mesmo porque o seu local de trabalho exige essa competência devido ao fluxo de estrangeiros, sobretudo norte-americanos. Vê-se, então, como a língua também ocupa um lugar primordial no domínio imperial, pois a linguagem, juntamente com o poder, são elementos intrínsecos ao colonialismo (BONNICI, 2000).

Portanto, a resposta do garçom, enquanto nativo, indica que, embora o uso da linguagem do dominador tenha sido uma forma de anular a cultura do Outro, tornando-a uma característica do colonizado, não há o distanciamento total de suas origens culturais, mesmo que estas tenham sido afetadas pela colonização. Entretanto, o ato de tradução do termo *tiburón* para a linguagem do Império significa um comportamento que o subjugava à ação cultural neoimperialista dos EUA, tornando o seu patrimônio cultural um elemento inferior ao de quem detém o poder, já que o espanhol remete diretamente à cultura do colonizado.

Sobre o garoto Manolin, o jovem concretiza a geração nova do nativo inserido em uma Cuba afetada pelo colonialismo norte-americano. Entretanto, em alguns trechos do romance, o comportamento do jovem indica um desvio dos valores capitalistas defendidos pelos EUA, especialmente pelos atos que remetem a uma prática de partilha de bens, postura esta adotada pelo comunismo. O narrador apresenta ao leitor um leal parceiro com um afeto especial pelo velho Santiago, mesmo diante das proibições impostas pelos seus pais, fato já comentado anteriormente. Observa-se, no trecho seguinte, a ação afetuosa de Manolin para com o pescador ao partilhar o alimento:

- [...]. Agora preciso ir buscar as suas sardinhas e a isca fresca. O patrão é que traz a tralha. Não permite que ninguém o ajude a trazer as coisas.  
 - Nós somos diferentes – disse o velho – Quando você tinha cinco anos, já me ajudava a trazer as minhas coisas (HEMINGWAY, 2013a, p. 30, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>35</sup>

Manolin e Santiago, portanto, trazem à discussão duas faixas etárias do nativo atingido pela ação do colonialismo: o primeiro representa a geração que se encontra diante das diferenças culturais e dos valores capitalistas promovidos pelo Império dos EUA; enquanto que no velho Santiago transparece uma figura que,

<sup>35</sup> “[...]”. “Now I must get your sardines and mine and your fresh baits. He brings our gear himself. He never wants anyone to carry anything.”  
 “We’re different,” the old man said. “I let you carry things when you were five years old” (HEMINGWAY, 1952, p. 27).

devido à condição de idoso, percorreu um longo trajeto do período neocolonial cubano, tendo, portanto, visões diferentes sobre essa colonização.

A influência do colonialismo norte-americano se apresenta na obra com o objetivo de eliminar qualquer expressão do cubano. Mesmo que alguns elementos referentes à origem do colonizado se concretizem no enredo, o texto descentraliza o comportamento do cubano, ora voltando para a sua origem nacional, ora para a metrópole colonial, revelando uma definição dos sujeitos a partir dos moldes executados pela soberania imperialista.

De modo geral, a narrativa constrói personagens que, perante o quadro imposto pelo Império, se transformam mediante o processo de internalização cultural e político causado pela autoridade colonial, provocando denominações de sujeitos adequados em conformidade com as convicções imperiais. O texto narrativo integra indivíduos que agem de acordo com as limitações e as diversidades que se mostram a partir do encontro entre as nações norte-americana e cubana, isto posto a partir do contexto que traz a imagem de sujeitos afetados pelo neocolonialismo que impera os valores integrantes da identidade do homem cubano, ocasionando-lhe fragmentações identitárias. Assim, a posição do narrador na apresentação de cada personagem funciona como uma ferramenta essencial para indicar a influência neoimperial dos EUA.

## O ESPAÇO E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO SUBALTERNO

A análise espacial de *O Velho e o Mar* constitui um dos fatores fundamentais para a interpretação da obra sob uma perspectiva pós-colonial, mesmo porque os locais apresentados se associam com a construção dos personagens enquanto sujeitos inferiorizados pelo poder colonial norte-americano. Além disso, as regiões onde são situados determinados momentos da trama são integrantes da história do processo colonial dos EUA, o que endossa o expansionismo realizado pelo imperialismo em diversos países do globo. É preciso enfatizar, entretanto, que alguns dos cenários exibidos na obra são oriundos da consciência de Santiago e, devido à habilidade onisciente da narrativa, é possível visualizá-los durante a leitura do texto.

Na teoria pós-colonial, o conceito de lugar sugere um encontro entre a língua, a história e o meio ambiente, com base nas vivências dos colonizados e na

importância de cada local para a definição da sua identidade (ASHCROFT et al., 2007). A interferência do colonizador na estruturação de cada espaço ocorre a partir do seu próprio discurso cultural de uma comunidade desestruturada de suas origens, havendo, assim, uma separação do local enquanto um espaço referente ao nacional, isto é, o território passa a ser exposto pelas representações criadas pelo colonizador a partir de seu ponto de vista, distanciando a imagem real daquele lugar de suas raízes culturais e históricas. Sendo assim, o colonial aciona suas estratégias de desviar o nativo de sua formação individual enquanto sujeito nacional, alienando-o para um estado de inferiorização em vista das ideologias defendidas pelo colonialismo.

Espaços pertencentes a Cuba são citados constantemente na obra. Um dos principais é Havana, a capital do país. Por meio da mente do protagonista Santiago, percebe-se a utilização do lugar como ponto de localização mediante a sua estadia em alto-mar, como revelam os fragmentos a seguir: “Mais adiante olhou para trás e verificou que já não via terra. ‘Não faz diferença’, pensou. ‘Para voltar posso sempre guiar-me pelo resplendor de Havana. [...]’” (HEMINGWAY, 2013a, p. 50, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>36</sup>; e este outro trecho: “[...] Se o clarão de Havana desaparecer de todo, quer dizer que estamos indo para o leste’, pensou. [...]”(HEMINGWAY, 2013a, p. 51, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>37</sup>

Para situar-se em alto-mar, Santiago usa a metrópole como centro de localização. Observa-se, então, como a capital é explorada pelos olhos do protagonista, servindo como uma espécie de “bússola” que atua como ferramenta de guia e, por isso, assume a posição central para a sua trajetória. Logo, inserir a metrópole enquanto espaço sede em textos narrativos corresponde a um modo de o discurso colonial orientar o texto para a sua relevância no processo de expansão imperial e, com isso, arquitetar o lugar através da construção de definições em que a margem sempre ocupará um espaço distante e, ao mesmo tempo, externo à sua admissão, sendo o Império o único a ter acesso aos benefícios ofertados pela metrópole (BOEHMER, 2005), espaço onde se instala toda a base de patrimônio cultural e poder.

<sup>36</sup> “Then he looked behind him and saw that no land was visible. That makes no difference, he thought. I can always come in on the glow from Havana. [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 46).

<sup>37</sup> “If I lose the glare of Havana we must be going more to the eastward, he thought. [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 47).

No enredo, essa inserção de Havana coloca em discussão o interesse que a cidade ocupa na história do colonialismo norte-americano em Cuba, sobretudo pelo fato de ter sido uma das pioneiras na invasão do imperialismo dos EUA. Conforme as afirmações de Bruit (1987), o capital norte-americano cresceu a partir do extrato de recursos ofertados pela capital, de modo que os cubanos se tornaram dependentes dos financiamentos promovidos por empresários que buscavam obter lucros mediante as propriedades dos principais produtores de matéria-prima, como o açúcar e a beterraba. Com isso, famílias tiveram que ceder boa parte de seus engenhos para o domínio de firmas dos EUA com o propósito de quitar os altos impostos exigidos pelo colonialismo norte-americano.

Havana, portanto, torna-se um centro comercial e industrial pelas ações de implantação do poder capital exercido pela política dos EUA. Kiernan (2009) aponta que a construção de fábricas e indústrias administradas por norte-americanos em países da África e da América Latina e Central era algo muito comum no colonialismo. Na narrativa, observa-se como a influência do capitalismo na extração de recursos para as fábricas é evidente no que diz respeito à produtividade dos pescadores cubanos:

[...] Os pescadores que nesse dia haviam sido bem-sucedidos tinham chegado e limpado os espadartes, levando-os estendidos ao comprimento sobre duas tábuas – dois homens sustentavam a ponta de cada tábua – para o armazém de peixes, onde ficavam à espera de que o transporte frigorífico os levasse para o mercado em Havana. Aqueles que tinham apanhado tubarões carregavam-no para a fábrica do outro lado da baía, onde eram içados e limpos, os fígados extraídos, as barbatanas cortadas, as peles raspadas e a carne cortada em tiras para salgar (HEMINGWAY, 2013a, p. 15, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>38</sup>

O trecho acima coloca Havana como o cenário no qual vive a comunidade de pescadores diante da economia do Império, especialmente na contemporaneidade, dominada pelo o que os estudos sociais nomeiam como a “divisão internacional do trabalho”. Esse quadro é refletido por Spivak (2010) ao tratar sobre o lugar do subalterno: enquanto os EUA, país de Primeiro Mundo, se dedicam a investir no capital, os países colonizados, vistos como nações de Terceiro Mundo, fornecem os

<sup>38</sup> [...] The successful fishermen of that day were already in and had butchered their marlin out and carried them laid full length across two planks, with two men staggering at the end of each plank, to the fish house where they waited for the ice truck to carry them to the market in Havana. Those who had caught sharks had taken them to the shark factory on the other side of the cove where they were hoisted on a block and tackle, their livers removed, their fins cut off and their hides skinned out and their flesh cut into strips for salting (HEMINGWAY, 1952, p. 11).

recursos para a aquisição desse investimento, sendo essa dinâmica um fator resultante da exploração da força do trabalho determinada pela autoridade imperial para a comunidade subalterna, sendo esta a parcela social que se empenha na manutenção do capital comercial e industrial do colonizador.

Com relação à África, o continente é regularmente associado ao pescador Santiago durante o romance. Ao dialogar com Manolin, o velho pescador narra que, em tempos anteriores ao da narrativa, ele viajava na proa de um navio quando tinha a idade do garoto, de modo que essa embarcação tinha como destino a África (HEMINGWAY, 2013a). Não apenas pelo discurso narrativo, mas o protagonista idealiza constantemente o cenário africano através da fauna, representada pelos leões, animais pertencentes ao grupo de seres que se encontram em vários países do território representado no texto ficcional.

Construindo uma relação do tempo narrativo com a publicação da obra, isto é, 1952, o percurso ao passado realizado pelo velho homem pode ser associado com a história do domínio dos EUA em diversos locais do mundo. Considerando a década de 50 como o tempo base para o contexto situacional do romance juntamente com a faixa etária de Santiago, observa-se que a infância do pescador se adequa às ações do imperialismo norte-americano para a sua expansão territorial: o uso do transporte naval entre o final do século XIX e início do século XX para o desenvolvimento do movimento neocolonialista em países da África e da Ásia, levando a civilização e o progresso defendidos pelo homem norte-americano (KARNAL et al., 2008) para o seu crescimento comercial. Portanto, a marinha se tornou uma ferramenta de domínio colonial para os EUA, aspecto da história norte-americana que fundamenta a citação de navios destinados à África no romance. Assim, o espaço africano promove o encontro entre a história colonial dos EUA e os povos subjugados a esse sistema, tornando o texto como um produto cultural estruturado por formações histórico-sociais marcadas pelo tempo e pelo espaço envolvidos no regime colonial.

Embora a África seja apontada como segunda opção com relação à preferência dos personagens como destacamos anteriormente, Santiago mantém uma profunda relação com o lugar, algo expresso por meio da inserção da narrativa na consciência do protagonista da obra (HEMINGWAY, 2013a). Em uma determinada situação, verifica-se a exaltação do narrador ao descrever a extensão do espaço africano, como sugere o trecho seguinte:

Adormeceu quase imediatamente e sonhou com a África de quando era garoto, com as extensas praias douradas e as areias brancas, tão brancas que feriam os olhos, e com os cabos que se erguiam majestosamente sobre o mar, e com as enormes montanhas castanhas. Agora vivia nessas costas todas as noites e, nos seus sonhos, ouvia o marulhar das ondas e via os barcos dos nativos que singravam as águas. Sentia o cheiro do alcatrão e dos cabos da coberta, e parecia sentir o aroma da África que a brisa da terra trazia pela manhã (HEMINGWAY, 2013a, p. 27-28, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>39</sup>

Essa ação exposta pela narrativa corresponde a um típico comportamento do colonizador no que se refere à visão dos espaços. Apesar de ser algo proveniente da mente de Santiago, o texto não evita enaltecer as características físicas da África e, por isso, a observação desses locais se torna visível do ponto de vista colonial. Sobre isso, Memmi (2007) coloca as consequências às quais o colonizado se sujeita mediante a prática imperialista, tendo em vista o fato de que os poucos resquícios materiais do passado sofrem alterações, ou até mesmo um apagamento, causados pelo colonizador, sobrepondo-se, assim, as marcas coloniais, além de que as próprias construções espaciais adquirem forma pelo colonialismo, que intimida as ações e ideias do colonizado.

Essa construção do lugar pela voz colonialista é semelhante ao que os escritores ocidentais realizavam com relação ao Oriente no século XX: uma representação fragmentada pela perspectiva de exploração dos espaços dominados pelo governo imperial. Dessa forma, os povos colonizados são definidos pelo olhar do colonizador, de modo que os espaços atuam como parte integrante da formação individual dos subalternizados e, por isso, eles são vistos como objetos locais, sendo raramente aceitos no contexto colonial pelo detentor do poder. Sobre essa situação, Boehmer (2005) assinala que o nativo, seja ele oriundo da colônia ou estrangeiro, é designado enquanto instrumento de renovação do colonialismo e, com isso, o indivíduo é tratado como membro de uma classe estabelecida como “periférica”. Assim, relacionando-se à conjuntura neoimperial, os EUA ocupam a posição de centro tal como a Inglaterra assume o posto de Império perante outras nações. Logo, o espaço imperial atinge um estado inquestionável de soberania, sofrendo

---

<sup>39</sup> He was asleep in a short time and he dreamed of Africa when he was a boy and the long golden beaches and the white beaches, so white they hurt your eyes, and the high capes and the great brown mountains. He lived along that coast now every night and in his dreams he heard the surf roar and saw the native boats come riding through it. He smelled the tar and oakum of the deck as he slept and he smelled the smell of Africa that the land breeze brought at morning (HEMINGWAY, 1952, p. 24-25).

uma quebra desse paradigma a partir da expressão da comunidade colonizada, acionada sobre o sistema opressor por meio da globalização.

Outro caso de exposição do continente africano é trazido na ficção narrativa, concretizado pelo embate do peixe espadarte com Santiago em alto-mar. Tratando da fauna como elemento integrante das suas raízes culturais, ele realiza um *insight* das suas memórias nativas ao pensar na África:

“Gostaria que ele dormisse umas horas para que também eu pudesse dormir e sonhar com os leões”, pensou. E mais: “Por que é que os leões serão sempre a parte mais importante dos meus sonhos e a recordação que parece ter ficado mais profunda em minha memória? Não pense mais velho”, disse (HEMINGWAY, 2013a, p. 68, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>40</sup>

Analisando o leão sob um olhar simbólico, ele representa a liderança, isto é, aquele que governa e é digno de total respeito. Ferber (2007) confirma essa ideia ao tratar da linha histórica que esse animal apresenta no conhecimento cultural desde a Idade Média, em que ele era representado como o rei dos animais e, da mesma forma, utilizado como emblema real. Porém, o *corpus* direciona a leitura para o desejo íntimo de Santiago de obter sua própria soberania, principalmente por dois motivos: o primeiro, por ser um homem idoso e, com isso, a imagem dos leões sugerir uma vontade inconsciente de ter a força e a estatura física necessária para ser reconhecido perante a comunidade de pescadores, além de anular as limitações provenientes de sua idade; o segundo, e mais pertinente a esse estudo, corresponde ao estado de subserviência que o Império instituiu ao colonizado, de modo que ter os leões como uma recordação e um sonho persistente retrata a autonomia que o indivíduo almeja para si.

Todavia, essa condição se torna algo apenas idealizado pela mente de Santiago, assim como, no trecho final da obra, essa imagem se repete na narrativa: “[...]. O velho sonhava com leões” (HEMINGWAY, 2013a, p. 124, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>41</sup> Além disso, examina-se que os leões são oriundos de um *habitat* atingido pelo colonialismo dos EUA, isto é, a África. Logo, o caráter de subalternidade e de dependência torna-se evidente no texto narrativo, revelando a obra como portadora de um discurso que torna possível traçar conexões entre o

<sup>40</sup> “I wish he’d sleep and I could sleep and dream about the lions, he thought. Why are the lions the main thing that is left? Don’t think, old man, he said to himself [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 66).

<sup>41</sup> “[...]. The old man was dreaming about the lions” (HEMINGWAY, 1952, p. 127).

modo visível e o oculto das relações de poder que perpassam o Império e a margem, com todas as ideias, instituições e valores que se constroem na linguagem e no cotidiano do sujeito colonizado (LOOMBA, 1998).

Como a fauna africana se torna frequente na *psiqué* de Santiago, ela sugere um elemento pertencente a sua própria identidade enquanto nativo. Enquanto o colonizador trata o meio ambiente como objeto de apropriação e extinção dos recursos que fornece, o cidadão colonizado o integra como componente essencial para a sua formação individual enquanto homem, e todos os seres que fazem parte do ecossistema são bens coletivos e de direito aos seus cuidados e usos conscientes, distanciando-se, assim, dos hábitos recorrentes à exploração capitalista.

A África é citada na obra durante uma situação ilustrada anteriormente neste estudo, mais precisamente na descrição da luta entre Santiago e o negro na cidade de Casablanca, localizada no Norte africano, em Marrocos (HEMINGWAY, 2013a). De acordo com Stone e Kuznick (2015), Casablanca foi um espaço de encontro de planejamento de ações contra a Alemanha na época da Segunda Guerra Mundial, de maneira que o governo norte-americano planejava adquirir o triunfo em meio às outras nações envolvidas, tais como Inglaterra e Japão. Em *O Velho e o Mar*, a própria cidade se torna uma disputa entre o homem branco e o negro, e o texto atribui a Santiago o caráter de oposição em vista dos conceitos defendidos pelos EUA acerca das diferenças étnicas.

Além de estarem situados em um local que, pelo governo norte-americano, serviu como contexto de imposição de sua soberania, o romance reforça o caráter de subordinação ao trazer a origem do negro, isto é, a cidade de Cienfuegos, um dos cenários mais cobiçados pelos empresários dos EUA para a obtenção do comércio da cana-de-açúcar. Schoultz (2000) pontua que o lugar, além de ter sido espaço do poderio comercial norte-americano, foi, ao mesmo tempo, um palco de repúdio do governo por parte do proletariado, uma vez que, em 1905, a porta do consulado norte-americano foi atingida por excrementos dos revoltosos cubanos, num inusitado ato de protesto contra o exército dos EUA e, concomitantemente, contra o regime colonial. Com isso, eles adotaram a ideia de que a sociedade cubana não se portava a favor da manutenção da saúde pública e do bem-estar dos militares, atribuindo ao poder naval a responsabilidade de Cienfuegos, impondo, assim, a supremacia dos EUA em terra cubana.

Apesar de serem sujeitos de *status* opostos entre si, Santiago e o negro não desfrutam da mesma condição de preeminência ocupada pelo norte-americano. A narrativa colonial em *O Velho e o Mar* reflete os EUA enquanto sistema dominante, promovendo a desigualdade entre os próprios cidadãos cubanos. Por conseguinte, esse quadro não expressa uma resposta ao Império. Pelo contrário: ele confirma a absorção das convicções de disputa social que a autoridade colonial promove sobre a aquisição do lugar do indivíduo em um contexto dominado pela hierarquia atribuída aos próprios nativos.

Infere-se que colocar um nativo cubano contra outro, isto é, Santiago contra um negro de Cienfuegos, é denominar a personalidade do cidadão cubano a partir das convicções dos norte-americanos em sobrepor aqueles que não seguem os padrões do colonialismo. O indivíduo negro, portanto, atua como uma peça de contraste pelo fato de pertencer a essa etnia, oriundo de um lugar expresso pelo seu estado de dependência e, ao mesmo tempo, de desapareço, em vista da postura apresentada diante do poder colonial. Nesse sentido, as sociedades opostas ao sistema são tratadas como minorias, tendo a imagem do homem branco construída pela figura de um lutador que precisa se sobrepor a todos os que não se associam aos padrões dos EUA (TOTA, 2000).

Esses locais produzem uma reflexão acerca da superioridade racial trazida pelo imperialismo. Santiago, enquanto homem branco, oposto em relação ao negro, reflete a ideia de Loomba (1998) sobre a soberania atribuída à etnia branca, considerando que um colono imagina o negro como inferior a ponto de alocá-lo sempre como um trabalhador braçal ou escravo, além de considerá-lo impossibilitado de exercer os mesmos direitos usufruídos pelo colonizador. A organização das classes trabalhadoras movia-se de acordo com as ordens do Império, observando cada indivíduo a partir de sua origem natural enquanto etnia e, com isso, a rivalidade se instaurou abundantemente entre as raças, expandido esse conceito de discrepância entre os homens a fim de garantir o poder e para aqueles que unicamente se adequavam aos padrões sustentados pelo colonialismo do indivíduo branco.

Assim, a ideologia de raça lançada pelos norte-americanos é equivalente ao que os colonizadores britânicos realizavam na África, tendo os espaços como únicos elementos prioritários para o desenvolvimento capitalista colonial. Os africanos, por exemplo, eram deslocados de suas melhores habitações para morarem em locais

vizinhos, onde a produtividade material não apresentava uma lucratividade suficiente nem para a sua própria manutenção. Os povos eram vistos como seres secundários ao tratamento digno do Império e, por isso, eram destinados a se tornarem mão-de-obra colonial. Sendo assim, o cuidado e o cultivo das terras eram o principal objetivo para o crescimento econômico da elite imperial.

Observa-se, portanto, que o texto traz uma relação muito próxima entre o eu e o lugar no pós-colonialismo. Os lugares se tornam instrumentos de promoção de um senso de identidade destruído pela difamação cultural, pela opressão consciente e inconsciente da personalidade por um modelo cultural ou racial imaginado pelo Império (ASHCROFT et al., 1989). Isso é um fator característico de nações pós-coloniais atingidas pela criação ou intervenção do homem imperialista na composição de uma sociedade que concerne aos propósitos de dominação colonial, o que influencia na existência da autenticidade do nativo. São os espaços os promotores das experiências individuais do homem e, a partir da influência de um poder externo, essas vivências se desagregam da individualidade histórica e cultural contida na representação literária de nações colonizadas.

Os locais imaginados ao longo do romance e pontuados nesse estudo correspondem a situações destacadas pela narrativa que remetem ao colonialismo dos EUA e ao condicionamento do indivíduo em meio a esses espaços dependentes dos comandos do Império. De certa forma, isso expõe o predomínio que os EUA exerceram para a sua expansão territorial e, especialmente, para o seu crescimento enquanto potência econômica mundial e, com isso, o romance se torna um campo de batalha dos princípios coloniais que atribuem às regiões apresentadas como cenários definidos pela inferioridade e marginalização em frente à posição absoluta de ascendência ocupada pelo cidadão norte-americano.

#### ASPECTOS PÓS-COLONIAIS DAS CULTURAS NORTE-AMERICANA E CUBANA EM *O VELHO E O MAR*

Há alguns elementos da teoria pós-colonial que podem ser aplicados em *O Velho e o Mar* além dos que já foram comentados até aqui. De fato, o modo como as culturas norte-americana e cubana são expressas pelos personagens indica os contrastes entre o Império e a colônia e, da mesma forma, expõe o caldeamento resultante do fluxo cultural dos EUA em Cuba, justapondo as características da

cultura do colonizador diante dos valores do nativo. Essa tensão entre as culturas se assemelha às considerações que Mignolo (2000) desenvolve sobre a *semiose colonial*, isto é, a produção de sentidos gerados pela colonialidade, em vista de que, no texto literário, é possível identificar conflitos entre duas manifestações locais e como elas são forçadas a atuar em outras realidades. No *corpus*, isso se revela a partir da atuação dos personagens colonizados acerca da cultura da metrópole norte-americana, mesmo tendo resquícios da cultura nacional cubana. As divergências, portanto, se declaram a partir do discurso dos personagens e nas situações ilustradas ao longo da obra, operando uma diversidade de comportamentos individuais trazidos pelo *corpus* ficcional em análise.

Observar a pluralidade cultural corresponde a um dos focos do pós-colonialismo na literatura. Discutir sobre a multiplicidade de manifestações culturais é tratar da diferença, tendo em vista que:

[...] a diversidade está dada, que ela preexiste aos processos sociais pelos quais — numa outra perspectiva — ela foi, antes de qualquer coisa, criada. Prefere-se, neste sentido, o conceito de “diferença”, por enfatizar o processo social de produção da diferença e da identidade, em suas conexões, sobretudo, com relações de poder e autoridade (SILVA, 2000, p. 44-45).

Portanto, as desigualdades nas culturas se apresentam a partir de quando o domínio colonial declara a sua superior à do nativo e, tendo em vista anular essas diferenças, impõe sua identidade como o modelo padrão a ser seguido pela comunidade nativa, construindo novos sujeitos. Esse processo passa a ser construído por atos de preconceitos originados no Império perante as expressões culturais do indivíduo colonizado e, conseqüentemente, ele posiciona a sua cultura como aspecto primordial de implantação com a ideia de “civilizar” nações que se encontram externas aos modelos da elite colonial. Por isso, o legado cultural do povo nativo é atingido por tentativas de anulação de tudo aquilo que não concorda com a ideologia do imperialismo.

Ao tratar do conteúdo ficcional referente às culturas, um dos elementos referentes a Cuba é a religião Católica, aspecto citado anteriormente nas discussões construídas até aqui. De acordo com Schoultz (2000), o catolicismo, oriundo do colonialismo espanhol na ilha, foi um dos problemas que dificultou o diálogo dos EUA com as sociedades nativas, antes governadas pela Espanha. Isso ativou o

contraste entre as crenças dos dois países, de modo que, enquanto os norte-americanos praticavam o protestantismo, mais da metade da população cubana era adepta do catolicismo. A fé do cubano é imaginada na narrativa pela postura de Santiago em meio à imensidão do mar, quando declara constantemente sua crença (HEMINGWAY, 2013a).

A Igreja Católica é posta evidentemente na narrativa por meio da expressão do próprio protagonista em relação à padroeira de Cuba, como o fragmento a seguir expõe: “- Não tenho grande religião – disse em voz alta. – Mas direi dez Padre-Nossos e dez Ave-Marias se pescar este peixe. Se o agarrar, prometo fazer uma peregrinação à Virgem de Cobre. Prometo” (HEMINGWAY, 2013a, p. 67, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>42</sup> Contudo, existe um problema no texto-fonte quanto ao título da oração “Pai-Nosso”, pois o texto narrativo nomeia essa oração como *Our Father* e, no inglês norte-americano, essa oração tem como título *The Lord's Prayer* [“A Oração do Senhor” ou “Pai-Nosso”, tradução nossa]. Logo, infere-se que o uso da primeira expressão significa uma estratégia da narrativa em apenas traduzir a oração do espanhol cubano, sem considerar o valor cultural e religioso que ela contém tal qual a crença norte-americana. Assim, a hegemonia colonial adquire espaço por meio do uso da linguagem como denominador da cultura periférica e “[...] é essa diferença no processo da linguagem que é crucial para a produção do sentido e que, ao mesmo tempo, assegura que o sentido nunca é simplesmente mimético e transparente” (BHABHA, 1998, p. 65).

Esse aspecto da narrativa é comum do fenômeno da “transculturação”, processo pelo qual as práticas culturais das colônias e metrópoles são representadas sob a interferência da hierarquia instituída pelo Império. Em *O Velho e o Mar*, assim como em outras obras, ela é originada da “zona de contato” que se estabelece por meio do encontro entre a metrópole e a colônia durante o processo de colonização. Nele, povos dependentes ou marginalizados pelo colonizador se colocam a partir da cultura dominante, inserindo os elementos culturais da margem de forma redutora. Todavia, isso proporciona uma colisão entre os diversos componentes que definem a cultura de cada um dos envolvidos no colonialismo, em vista de que cada um busca manter os traços que definem sua autenticidade

---

<sup>42</sup> “I am not religious,” he said. “But I will say ten Our Fathers and ten Hail Marys that I should catch this fish, and I promise to make a pilgrimage to the Virgin of Cobre if I catch him. That is a promise” (HEMINGWAY, 1952, p. 64-65).

enquanto indivíduo. Conforme aponta Bonnici (2005, p. 59), “como a cultura é transmitida pelo grupo dominante para os grupos colonizados, estes podem selecionar, absorver e usar esse material cultural.” Portanto, a ação de Santiago em nomear a oração do Pai-Nosso como *Our Father* significa a apropriação da linguagem colonial unicamente para denominar a sua nomenclatura com base na expressão da língua nativa, servindo apenas como tradução para o leitor.

Cabe, então, à teoria pós-colonial observar como a cultura da metrópole é recebida e interiorizada pelo nativo e como elas se expandem nas colônias pertencentes ao Império. Observemos ainda a forma como o Outro é moldado culturalmente pelo colonizador e sob quais possibilidades essas definições se apresentam para a sociedade colonial, tal como o texto literário em análise, que apresenta um sujeito que se utiliza da língua inglesa da metrópole para nominar um aspecto próprio da cultura da margem.

Nesse sentido, coloca-se como prioridade a compreensão do norte-americano, tendo a linguagem como determinante dos aspectos referentes à colônia. Portanto, a transculturação fornece ao Império a chance de exercer uma missão de “civilizar” o indivíduo nativo, e a cultura da comunidade periférica se torna um objeto nas mãos do poder imperialista que, insistentemente, apresenta e representa o cidadão tal como denominado pelas leis e estruturas próprias da autoridade imperial.

Por conseguinte, a influência cultural obtida pela transculturação conduz ao retorno do debate sobre a identidade nacional. Enquanto a escrita pós-colonial traz uma forte estratégia para contornar o poder do Império (BERND, 2003), o romance em estudo propõe a construção de uma formação identitária heterogênea, ou seja, formalizada pelo poderio imperial e, da mesma forma, pelo patrimônio nativo, promovendo um sujeito que, constantemente, se encontra em uma espécie de “entre-lugar”.<sup>43</sup>

O “entre-lugar” indica a própria situação do indivíduo em uma condição de dependência cultural e, conseqüentemente, as culturas se tornam objetos nulos de sua originalidade em razão do embate das expressões culturais do Império e da colônia. Nesse caso, a pureza e a unidade, elementos pertencentes aos

<sup>43</sup> De acordo com Santiago (2000), a definição do termo “entre-lugar” está relacionada à condição do nativo que, devido à ação colonialista, revela um indivíduo construído pela mistura dos aspectos culturais derivados de si próprio e do colonizador, originando novas formas híbridas de expressão cultural.

fundamentos da cultura de um povo, “[...] perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural [...]” (SANTIAGO, 2000, p. 16), e, constantemente, o cidadão colonizado se torna envolvido profundamente nessa formação de novos modelos de sujeito, tornando-se um sujeito híbrido construído pelas trocas de diferenças entre as peças envolvidas no sistema colonial.

Nessa mesma discussão, outro aspecto que provoca reflexão na obra em estudo é o beisebol, esporte que novamente se expõe no texto literário como um modelo da inserção cultural dos EUA em Cuba. Os personagens Santiago e Manolin se revelam como amantes das expressões culturais pertencentes aos norte-americanos, sendo isso uma consequência da imposição dos valores introduzidos pelo poder colonial. Além disso, o esporte se torna visível na narrativa através do discurso dos personagens, demonstrando a construção do nativo a partir da identidade do colonizador. O velho pescador, por exemplo, declara os objetos culturais enquanto elementos afetados pela metrópole norte-americana, como trata o seguinte fragmento: “[...], tenho aqui o jornal de ontem e vou ler as notícias do beisebol” (HEMINGWAY, 2013a, p. 20, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>44</sup> Posteriormente, o pescador e o garoto mostram como o esporte é um tema permanente nas suas conversas:

- Fale do beisebol – pediu o garoto.
- Na Liga Americana, os melhores são os Yankees, como eu já disse – respondeu o velho, muito satisfeito.
- Mas eles perderam hoje – informou o garoto.
- Isso não quer dizer nada. O grande DiMaggio está outra vez em forma.
- Mas há outros jogadores na equipe.
- Naturalmente, mas ele é que conta. Na outra Liga, entre o Brooklyn e o Philadelphia, escolho o Brooklyn [...] (HEMINGWAY, 2013a, p. 25, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>45</sup>

Os times do esporte citados nesse fragmento – Yankees, Brooklyn e Philadelphia - são oriundos dos EUA. Percebe-se que os personagens apresentam total conhecimento de um fator cultural pertencente à metrópole, resultado do colonialismo exercido pelo imperialismo norte-americano. Isso provém da educação

<sup>44</sup> “[...] I have yesterday’s paper and I will read the baseball” (HEMINGWAY, 1952, p. 17).

<sup>45</sup> “Tell me about the baseball,” the boy asked him.

“In the American League it is the Yankees as I said,” the old man said happily.

“They lost today,” the boy told him.

“That means nothing. The great DiMaggio is himself again.”

“They have other men on the team.”

“Naturally. But he makes the difference. In the other league, between Brooklyn and Philadelphia I must take Brooklyn [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 21).

colonial imposta ao nativo, de modo que a ideologia e os costumes que lhe são instruídos não são aqueles de seu patrimônio original, mas que fazem parte do universo do Império e que, como forma de garantir sua ascendência, transferem seus princípios aos povos colonizados (MEMMI, 2007). Da mesma forma, o texto narrativo foca na cultura dos EUA ao comparar a espinha do grande peixe espadarte com um instrumento do esporte norte-americano, e relaciona essa parte do peixe como uma peça “[...] mais comprida do que um taco de beisebol [...]” (HEMINGWAY 2013a, p. 64-65, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>46</sup>

Focando em Santiago, ele sempre retorna aos EUA por meio do esporte dos EUA. Novamente, ele recorre à imagem do jogador DiMaggio como uma forma de afirmar a sua masculinidade. Estando privado de informações sobre os resultados dos jogos por encontrar-se em alto-mar, o pescador reflete:

“Este é o segundo dia em que fico sem saber os resultados dos jogos”, pensou. “Mas preciso ter confiança e ser digno do grande DiMaggio, que faz tudo com perfeição mesmo com a dor da espora no osso do calcanhar [...]. Não creio que mesmo o DiMaggio pudesse aguentar a perda de um olho ou de ambos e continuar a lutar como o fazem os galos de briga. O homem não vale lá muito comparado aos grandes pássaros e animais. Eu por mim gostaria muito mais de ser aquele peixe lá embaixo na escuridão do mar” (HEMINGWAY, 2013a, p. 70-71, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>47</sup>

Os EUA, portanto, tornam-se o patamar de excelência no que se refere à resistência, mesmo que, posteriormente, ele afirme que o homem norte-americano também possui suas restrições. No entanto, só o ato de direcionar sua reverência para um indivíduo pertencente ao Império realiza uma ascendência do poder colonial diante da própria autonomia do indivíduo enquanto cidadão nacional e, portanto, “[...] no plano cotidiano expõe-se os sujeitos ao contato com subprodutos da cultura dominante que, usurpados alijados de seus fundamentos sensíveis, inibem o desenvolvimento de uma experiência cultural rica” (LOPES, 1995, p. 42).

O seu fascínio pelo esporte é óbvio a ponto de estar presente na sua mente durante o seu trabalho em alto-mar. O trecho a seguir configura o pensamento constante de Santiago pela cultura da metrópole norte-americana: “Sentia-se agora

<sup>46</sup> “[...] was as long as a baseball bat [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 62).

<sup>47</sup> This is the second day now that I do not know the result of the *juegos*, he thought. But I must have confidence and I must be worthy of the great DiMaggio who does all things perfectly even with the pain of the bone spur in his heel [...]. I do not think I could endure that or the loss of the eye and of both eyes and continue to fight as the fighting cocks do. Man is not much beside the great birds and beasts. Still I would rather be that beast down there in the darkness of the sea (HEMINGWAY, 1952, p. 68, grifo do autor).

muito cansado e sabia que a noite se aproximava e procurava pensar noutras coisas. Pensou nas ligas principais – para ele eram as *Gran Ligas*. Sabia que os Yankees de Nova York enfrentavam nesses dias os Tigres de Detroit” (HEMINGWAY, 2013a, p. 69, tradução de Fernando de Castro Ferro, grifo do autor).<sup>48</sup> Entretanto, o narrador distingue o vocabulário do velho pescador do seu, ao especificar o modo como o protagonista nomeia as ligas norte-americanas em espanhol como *Gran Ligas*. Percebe-se, então, que a narrativa institui uma diferença individual com relação a Santiago, firmando limites perante a cultura periférica. A teoria pós-colonial acentua essa problemática na divisão entre as expressões culturais:

[...] cresce em quase todo o mundo uma consciência das linhas entre culturas, as divisões e diferenças que não só nos permitem diferenciar as culturas, como também nos habilitam a ver até que ponto as culturas são estruturas de autoridade e participação criadas pelos homens, benévolas no que abrangem, incorporam e validam, menos benévolas no que excluem e rebaixam (SAID, 1993, p. 47-48).

A narrativa, portanto, atribui ao Outro, enquanto cubano colonizado, uma visão de distanciamento diante da representação da cultura nativa, colocando-a continuamente em um estado de subalternidade. O Império e o colonizado são mostrados como adversários na representação do indivíduo, já que a escrita colonial produz uma imagem do sujeito a partir das convenções impostas pela metrópole, cabendo ao nativo aceitar ou não esses modelos visando a sua permanência na colônia. De certa forma, isso reforça a dominância que o poder exerce na representação cultural do colonizado, prevalecendo a interpretação colonial acerca das expressões dos povos subordinados ao sistema imperial. Por conseguinte, as imagens do patrimônio cultural nativo favorecem a criação de figuras heterogêneas entre espaços culturais e geográficos amplamente separados, ofuscando as diferenças e, por isso, o colonizador impõe um monopólio sobre o discurso do nativo (BOEHMER, 2005).

De fato, não haveria nenhum problema de Santiago se expressar na língua nativa pela fato de ser cubano. Entretanto, os próprios pensamentos do velho pescador são esclarecidos e diferenciados diante do inglês norte-americano. A

<sup>48</sup> “He felt very tired now and he knew the night would come soon and he tried to think of other things. He thought of the Big Leagues, to him they were the *Gran Ligas*, and he knew that the Yankees of New York were playing the Tigres of Detroit” (HEMINGWAY, 1952, p. 67-68, grifo do autor).

língua, portanto, realiza o papel de introduzir o vocabulário nativo como algo excêntrico ao conhecimento do leitor. Sobre o poder da linguagem no texto literário, considera-se a manipulação do idioma nativo como a base da aquisição da supremacia colonial, pois é a intervenção da nação estrangeira que coloca ordem na “anarquia” do país colonizado (FANON, 1965), já que, na concepção do governo imperial, os povos precisam de uma organização pelas normas do colonialismo, seja em sua constituição cultural, econômica, política ou social.

Esse ato de se identificar enquanto sujeito oposto à cultura nativa também adquire espaço em outros trechos do enredo. No romance, o narrador afirma a sua posição de não pertencente à comunidade de pescadores, grupo social ilustrado no texto. O romance traz alguns dados sobre um tipo específico de peixes a partir da maneira como esses indivíduos tratam desses animais e, evidentemente, o texto promove uma distinção da voz narrativa com a dos pescadores, como se vê a seguir:

Os atuns – os pescadores chamavam assim a todos os peixes daquela espécie e só os diferenciavam pelos seus nomes próprios quando os vendiam ou os trocavam por isca – haviam de novo mergulhado e não mais eram vistos em nenhum lugar [...] (HEMINGWAY, 2013a, p. 44, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>49</sup>

Essa situação ilustra o que a teoria pós-colonial define sobre a “alteridade”, analisada como “[...] ser o outro, ser diferente, manter a diversidade [...]” (BONNICI, 2005, p. 15). Spivak (2010) associa o termo à palavra “outremização” que, no caso da obra em análise, se apresenta pela postura do narrador, que demonstra ser um sujeito externo à classe de pescadores, mas expressa ter conhecimento desse grupo particular de trabalhadores, isto é, o Outro. Todavia, por não ser um integrante daquela comunidade, não possui os mesmos hábitos linguísticos. Assim, o sujeito é construído com base nas distinções definidas pelo olhar colonial que, por mais que demonstre interesse pela cultura do nativo, ela exerce sobre ele um tipo de exotismo “inferior” aos seus costumes imperiais.

Sobre o apreço dos personagens pelos valores culturais norte-americanos, ele ainda é exposto no romance como uma forma de demonstrar a condição de dependência dos modelos de cultura inseridos pelos EUA. No próximo trecho, o

<sup>49</sup> “The tuna, the fishermen called all the fish of that species tuna and only distinguished among them by their proper names when they came to sell them or to trade them for baits, were down again [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 40).

garoto Manolin dialoga com o pescador Santiago acerca de alguns produtos enviados por Martin, proprietário de um estabelecimento do povoado onde eles habitam. Ao tratar das bebidas trazidas pelo garoto, a narrativa expõe a seguir:

- Quem lhe deu isto?
  - Martin, o dono.
  - [...]
  - Também mandou duas cervejas.
  - Eu gosto mais de cerveja de barril.
  - Eu sei. Mas as que ele mandou são de garrafa, cerveja Hatuey [...]
- (HEMINGWAY, 2013a, p. 24, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>50</sup>

A partir da análise do fragmento anterior, percebe-se que Santiago projeta o modelo de cidadão cubano definido pela ordem cultural dos EUA instalada em Cuba. Em contrapartida, Manolin oferece outro tipo de bebida ao velho pescador, a cerveja *Hatuey*, que é um produto fabricado pelos cubanos, o que sinaliza uma preferência do jovem pelos produtos produzidos na colônia. Preferir a cerveja de barril – peculiar dos hábitos norte-americanos – ao invés da bebida cubana, expressa uma variação dos interesses do nativo pela cultura nacional, tendendo visivelmente para o Império. Nesse caso, isso revela as alternativas com que o nativo conta para a sua sobrevivência na colônia, em especial no que se refere à adoção dos modos neocoloniais que, do início do século XX até os dias atuais, influenciou no seu processo de identificação, que se projeta em identidades culturais variáveis, tornando o elemento de um processo de autodefinição mais contingente, diversificado e problemático (HALL, 2006).

Com isso, o nativo age tal qual o colonizador, expressando-se pelo seu discurso. O velho homem demonstra a aquisição da cultura de dominação colonial quando, ao se localizar em alto-mar, declara: “- Bastará que eu aponte o barco para o sul e poente – disse o pescador. – Um homem nunca se perde no mar e a minha ilha é grande” (HEMINGWAY, 2013a, p. 88, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>51</sup> O conhecimento territorial completo é um aspecto presente no projeto

<sup>50</sup> “Who gave this to you?”

“Martin. The owner.”

[...]

“He sent two beers.”

“I like the beer in cans best.”

“I know. But this is in bottles, Hatuey beer, and I take back the bottles. [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 20).

<sup>51</sup> “I’ll just steer south and west,” he said. “A man is never lost at sea and it is a long island” (HEMINGWAY, 1952, p. 89).

colonial, em vista da possibilidade de apropriação para a expansão do Império. A respeito disso, essa postura pode ser tratada como um complexo de “colonizabilidade”, considerando esse aspecto como uma condição onde “[...] existe, seguramente – em certo ponto de sua evolução – uma certa adesão do colonizado à colonização. Mas essa aceitação é o resultado da colonização, e não sua causa; ela nasce *depois* e não antes da ocupação colonial” (MEMMI, 2007, p. 126, grifo do autor).

Como resultado da prática neocolonizadora, os EUA passaram a ser um Império cada vez mais presente no cotidiano cubano a ponto de ser a solução para questões diversas da sociedade da ilha, até mesmo as mais simples. É o que mostra o próximo extrato da narrativa, em que Santiago aponta a utilidade de uma ferramenta a mais para facilitar o seu ofício de pescador e que, para a aquisição de tal recurso, uma opção seria “[...] fazer uma lâmina com qualquer chapa de aço de um velho Ford [...]” (HEMINGWAY, 2013a, p. 122, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>52</sup> Como sabemos, Ford é o nome de uma das fabricantes de automóveis mais lucrativas dos EUA e um dos mais marcantes símbolos do imperialismo norte-americano em nível global nas décadas de 1950/1960. Portanto, utilizar-se de resquícios de bens manufaturados nos EUA indica a representação narrativa de uma colônia pobre, em contraste com a poderosa nação norte-americana, de modo que essa precariedade era o legado que o governo capitalista impunha aos cubanos, como ironicamente afirma Bandeira (2009, p. 687) ao realçar que “a escassez e o sacrifício foram solidariamente distribuídos pela população, submetida às mais severas restrições, sem liberdades políticas”.

Mesmo que o velho pescador revele um fascínio pela cultura dos EUA, ele consegue problematizar a idealização constante que o Império exerce sobre ele durante sua rotina no mar. Em um determinado momento da narrativa, ao pensar sobre esse comportamento, Santiago censura os próprios pensamentos devido a sua preocupação em obter uma boa isca. Assim, ele declara: “Mas agora não é o momento próprio para pensar em beisebol. Agora só devo pensar numa coisa, aquilo para o que eu nasci [...]” (HEMINGWAY, 2013a, p. 43, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>53</sup>

<sup>52</sup> “You can make the blade from a spring leaf from an old Ford [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 125).

<sup>53</sup> “Now is no time to think of baseball, he thought. Now is the time to think of only one thing. That which I was born for [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 40).

Distanciar-se dos elementos culturais da metrópole para focar em sua formação enquanto indivíduo significa uma atitude própria do nativo que desenvolve sua própria “descolonização” mediante a ordem imperial. De acordo com Aschcroft et al. (2007), esse termo revela as tentativas de distanciamento dos aspectos culturais e institucionais do poder instituído, sejam eles ocultos ou não, caracterizando uma forma de resistência do indivíduo colonizado contra a hegemonia do Império. Portanto, esse fator não se torna apenas evidente na aquisição da independência nacional, mas de qualquer modo de exercício de autoridade do colonizador.

Além do mais, a condição de pobreza de Santiago também é uma ferramenta de reflexão acerca dos hábitos adotados pelo pescador para adquirir o grande peixe. Ele é um indivíduo que age em contraste com o modelo norte-americano no que diz respeito ao usufruto dos melhores recursos para o seu próprio desenvolvimento, expondo, assim, características relativas à ideologia do socialismo, o que se opõe ao capitalismo dos EUA. Na composição literária, esse enfoque se materializa quando o enredo expõe os métodos utilizados pelo pescador para o ato de pesca, isto é, o aproveitamento de apenas uma isca de peixes pertencentes à espécie de atuns. É o que aponta o seguinte fragmento: “- Albacora, da família dos atuns – falou em voz alta. – Será uma bela isca. Deve pesar pelo menos três quilos” (HEMINGWAY, 2013a, p. 42, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>54</sup>

Essa característica do pescador se expande para além do seu ofício de pesca, se apresentando na descrição física da casa de Santiago: um ambiente que não continha fogão nem outros eletrodomésticos que servissem de utilidade para a sua sobrevivência, cabendo a Manolin a responsabilidade de conseguir artifícios externos para a aquisição de fogo – como lenha - na preparação dos alimentos (HEMINGWAY, 2013a). Isso, portanto, denota em Santiago a presença de um sujeito dotado de austeridade e abnegação, em contraponto ao capitalismo praticado pelo norte-americano comum.

Nessa perspectiva Santiago, apesar de não ser um indivíduo apegado aos bens, de forma indireta, expressa uma crítica aos benefícios que o capitalismo concede a apenas uma parcela da sociedade, enquanto outros são afetados pela escassez de recursos. O próximo fragmento, por exemplo, pontua essa temática: “-

<sup>54</sup> “Albacore,” he said aloud. “He’ll make a beautiful bait. He’ll weigh ten pounds” (HEMINGWAY, 1952, p. 39).

Se os outros me ouvissem falando sozinho, julgariam que estou louco – disse alto. – Mas, como não estou louco, não me importo. Os ricos têm aparelhos de rádio nos seus barcos para ouvir música e notícias de beisebol” (HEMINGWAY, 2013a, p. 43, tradução de Fernando de Castro Ferro).<sup>55</sup> Entretanto, umas das principais justificativas apresentadas pelo protagonista em vista do seu comportamento é a ausência dos meios de comunicação para usufruir da cultura do colonizador, trazida pelo esporte dos EUA. Portanto, esse fato se associa com o que Sampaio Júnior (2011) destaca sobre a influência do imperialismo dos EUA em nações diversas, de modo que o contexto histórico capitalista transferido a essas comunidades provocou mudanças significativas na dimensão econômica, sociocultural e política.

Compreende-se, pois, que esses aspectos conferem o caráter opositor na cultura norte-americana e cubana como uma forma de determinar a diferença e, sobretudo, apresentar uma colônia fragmentada pela ordem imperial dos EUA. O *Velho e o Mar* é um texto literário que exemplifica o contexto da denominação do homem colonizado pelo retrato colonial, atentando ao fato de que, como o romance foi escrito por um norte-americano, não nos impede de ter uma visão interpretativa acerca da representação do homem nativo pela elite colonial, atuando como uma crítica referente ao modelo cultural dos EUA que atua como agente que desagrega o nativo de seu patrimônio, confirmando, assim, a possibilidade de sinais do colonialismo norte-americano na constituição da identidade do cubano.

---

<sup>55</sup> “If the others heard me talking out loud they would think that I am crazy,” he said aloud. “But since I am not crazy, I do not care. And the rich have radios to talk to them in their boats and to bring them the baseball” (HEMINGWAY, 1952, p. 39).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo proposto ao longo dessa pesquisa, verifica-se uma nova perspectiva adotada para *O Velho e o Mar* pelo uso da teoria pós-colonial. De fato, Hemingway, com sua escrita concisa, característica de sua poética, revela uma construção representativa de um indivíduo definido pelas ordens do Império, ilustradas mediante o comportamento dos personagens e na postura do narrador ao se referir a aspectos específicos do contexto colonial cubano.

Nesse sentido, o contexto histórico do neocolonialismo norte-americano em Cuba constituiu-se de ampla relevância para esta proposta de estudo, uma vez que a história opera a sua função de trazer dados que, ao serem observados, se associam com o que se pretende analisar, já que a colonização foi um dos grandes definidores da identidade de certos países atingidos por essa política de dominação, seja ela de forma territorial, política ou cultural. Com efeito, o indivíduo colonizado é o principal atingido por esse processo de expansão imperial, o que o coloca como um sujeito híbrido, resultante da apropriação do colonizado em vista do colonizador.

A partir da discussão promovida nessa leitura de *O Velho e o Mar*, o *corpus* traz uma atenção especial às consequências trazidas pela ação colonial dos EUA para a ilha de Cuba, de modo que, embora o embate entre Santiago e o grande peixe seja um dos grandes focos do romance, a narrativa expõe, implícita ou explicitamente, uma sociedade determinada pelo poder imperial, concretizando um contexto de oposição entre aspectos cubanos e norte-americanos como, por exemplo, o antagonismo existente entre capitalismo *versus* socialismo. Nesse sentido, a obra apresenta a imagem de personagens subservientes à autoridade colonial e que, com o seu discurso, mostram os efeitos gerados pela política exercida pelo neocolonialismo norte-americano.

Apesar de os Estudos pós-coloniais estarem adquirindo um espaço considerável nos Estudos Culturais, ainda é insuficiente o número de pesquisas que apliquem os seus conceitos a textos literários, especialmente àqueles escritos por autores dos EUA. Observou-se que, para a aplicação da teoria pós-colonial, é necessário um estudo minucioso do texto que, em sua materialização, apresenta marcas oriundas do período neocolonial, principalmente ao modo como elas são retratadas na construção do texto. De fato, utilizar das contribuições de teóricos para

o desenvolvimento desse estudo analítico foi fundamental para a produção dessa pesquisa.

Analisar uma obra de Hemingway sob essa perspectiva constituiu uma observação de cunho específico, em vista de que não há análises aplicadas aos seus contos e romances que tragam em sua caracterização o viés pós-colonial. Contudo, isso se estende para textos escritos por outros autores norte-americanos, já que a América do Norte se utilizou da prática colonial para a sua definição enquanto potência mundial, podendo esse contexto estar inserido em produções literárias que usufruem desse panorama. Todavia, acrescenta-se que realizar uma leitura da obra de Hemingway através desse viés é perceber a amplitude que os enredos trazidos pelo escritor apresentam em sua composição, visto que sua narrativa é reconhecida mundialmente como uma das mais consideráveis do conjunto de literaturas produzidas por escritores norte-americanos, e isso é bastante evidente quando se verifica a habilidade de escrita clara e objetiva de suas obras, além dos temas explorados.

Por conseguinte, os Estudos Pós-coloniais, aplicados ao objeto literário, exercem uma função relevante ao promover uma reflexão sobre aspectos que remetem à cultura e a sociedade daqueles que foram atingidos pelo regime neocolonial. No romance optado para esta análise, as relações apontadas entre o narrador, os personagens, os espaços e as expressões culturais dos EUA e Cuba ilustram modos de pensar a ficção como uma prosa que integra elementos específicos da colonização, sobretudo a frequência na integração de aspectos característicos do norte-americano em diferentes ocorrências que compõem o romance escrito por Hemingway.

Por isso, quando a literatura, em sua constituição, expressa traços da influência do colonialismo, tornou-se necessário investigar como o Outro, enquanto colonizado, está representado ao longo do texto, uma vez que é no objeto artístico que ele se materializa, seja com uma postura de aceitação da prática colonial ou pelo combate contra o regime instaurado pelo Império. Isso provocou uma discussão sobre as práticas da colonização como fatores determinantes na formação do sujeito, revelando, assim, os resultados provenientes das ações realizadas pelo colonizador. Nesse caso, a literatura atuou como “um tipo de linguagem que chama a atenção sobre si mesma e exhibe sua existência material” (EAGLETON, 1983, p. 2).

É preciso, ainda, considerar a relevância que a narrativa exerce, enquanto gênero literário, em sua atuação enquanto propagador de cultura. Apesar de ser um texto escrito em contexto cubano, as imagens apresentadas dos personagens e das situações do romance executaram uma representação diversificada de uma Cuba colonizada, isto é, um país que, em sua constituição, é caracterizado por uma identidade cultural que varia entre elementos da margem e dos EUA, trazendo ao leitor um cenário refletido pelas intervenção do poder na atribuição de valores pertencentes ao centro norte-americano, local onde se emana a autoridade do colonialismo.

Portanto, *O Velho e o Mar* ilustra um exemplo de como a literatura norte-americana pode ser utilizada como *corpus* de estudo sob a ótica do pós-colonialismo e que, por isso, sugere uma nova possibilidade de pesquisa a um dos romances mais consagrados entre os escritos por Hemingway. Observa-se, então, a interpretação adotada como uma ilustração de como a teoria pós-colonial fornece os meios necessários para a execução de análises que problematizam a condição do indivíduo enquanto produto das ordens do Império, realizando, portanto, uma discussão de total interesse aos Estudos Culturais na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

ABRAMS, Meyer Howard. **A glossary of literary terms**. 70. ed. USA: Heinle & Heinle, 1999.

AGOSTINO, Nemi D'. The later Hemingway. In: WEEKS, Robert P. (Ed.). **Hemingway: a collection of critical essays**. New Jersey: Prentice-Hall, 1962. p. 152-160.

ALVES, Antônio de Castro. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1975.

ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. São Paulo: Moderna, 2012.

ANDERSON, George Parker. **Research Guide to American Literature: American Modernism: 1914-1945**. New York: Facts On File, 2010.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures**. London: Routledge, 1989.

\_\_\_\_\_. **Post-colonial studies: The Key Concepts**. London: Routledge, 2007.

AUSTEN, Jane. **Mansfield Park**: Edição Bilingue. Tradução de Vera Sílvia Camargo Guarnier. São Paulo: Landmark, 2013.

BACKMAN, Melvin. Hemingway: The Matador and Crucified. In: LILZ, Walton (Ed.). **Modern American Fiction**. New York: Oxford University Press, 1963. p. 201-214.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BARZOTTO, Leoné Astride. A construção da identidade cultural por meio do texto literário pós-colonial: Brasil e Guiana. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; NETO, Paulo Bungart. (Org.). **Estudos culturais e contemporaneidade: literatura, história e memória**. Dourados: Ed. UFGD, 2012. p. 81-107.

BERND, Zilé. **Literatura e Identidade Nacional**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. *Ebonics: o inglês da rainha*. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos de Homi Bhabha**. Tradução de Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2012, p. 38-43.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Tradução de Carmen C. Varriale et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOEHMER, Elleke. **Colonial and Postcolonial Literatures: Migrant Metaphors**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2005.

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2000.

\_\_\_\_\_. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Tradução de Doris Goettem. São Paulo: Landmark, 2010.

BRUIT, Héctor Hernan. **O imperialismo**. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CÉSAIRE, Aime. **Discurso sobre o Colonialismo**. Tradução de Noémia de Sousa. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

\_\_\_\_\_. **A Tempest**. Translated by Richard Miller. New York: Ubu Repertory Theater Publications, 1991.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHEAH, Pheng. **What is a World?: On Postcolonial Literature as World Literature**. USA: Duke University Press, 2016

COETZEE, John Maxwell. **A Ilha**. 2. ed. Tradução de Marta Morgado. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

COHEN, Keith. O *New Criticism* nos Estados Unidos. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 549-583.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos**: Teoria Social, Anti-Racismo, Cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

DEANE, Seamus. Introduction. In: EAGLETON, Terry; JAMESON, Fredric; SAID, Edward W. (Org.). **Nationalism, Colonialism and Literature**. USA: Minesota, 1990. p. 3-19.

DECKER, William Merrill. Americans in Europe from Henry James to the present. In: BENDIXEN, Alfred; HAMERA, Judith (Ed.). **The Cambridge Companion to American Travel Writing**. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 127-144.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoé**. Tradução de Vera Veloso. Rio de Janeiro: Bruguera, 1972.

DURING, Simon. Introduction. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **The Cultural Studies Reader**. 2. ed. London: Routledge, 1999. p. 1-28.

EAGLETON, Terry. Nationalism, Irony and Commitment. In: \_\_\_\_\_; JAMESON, Fredric; SAID, Edward W. (Org.). **Nationalism, Colonialism and Literature**. USA: Minesota, 1990. p. 23-39.

\_\_\_\_\_. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

EVANGELHO SEGUNDO JOÃO. Português. In: **Nova Bíblia Pastoral**. Tradução de Ivo Storniolo et al. São Paulo: Paulus, 2014. p. 1292-1324.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. (Coleção Perspectivas do Homem, Volume 42).

\_\_\_\_\_. **A Dying Colonialism**. Translated by Haakon Chevalier. New York: Grove Press, 1965.

FERBER, Michale. **A Dictionary of Literary Symbols**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007.

FOSTER, John Bellamy. **Marx's Ecology**: naturalism and nature. New York: Monthly Review Press, 2000.

GANDHI, Leela. **Postcolonial Theory**: A Critical Introduction. New York: Columbia UP, 1998.

GARRARD, Greg. **Ecocriticism**. London: Routledge, 2004.

GATES JR, Henry Louis. **Os negros na América Latina**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GILES, Paul. Globalization. In: **A Companion to American Literary Studies**. LEVANDER, Caroline F.; LEVINE, Robert S. (Ed.). West Sussex: Wiley-Blackwell, 2011. p. 373-386.

GOMES, Anderson Soares. **Literatura norte-americana**. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

GRAY, Richard. **A History of American Literature**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALLIDAY, Ernest Milton. Hemingway's Ambiguity: Symbolism and Irony. In: WEEKS, Robert P. (Ed.). **Hemingway: a collection of critical essays**. New Jersey: Prentice-Hall, 1962. p. 52-71.

HEMINGWAY, Ernest. **The Old Man and the Sea**. New York: The Scribner Library, 1952.

\_\_\_\_\_. **O Velho e o Mar**. Tradução de Fernando de Castro Ferro. 80. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

\_\_\_\_\_. **Adeus às armas**. Tradução de Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

\_\_\_\_\_. **Por quem os sinos dobram**. Tradução de Luís Peazê. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

\_\_\_\_\_. **O jardim do Éden**. Tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

\_\_\_\_\_. **Paris é uma Festa**. Tradução de Virgínia Motta. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2000. (Coleção Dois Mundos).

\_\_\_\_\_. **Verdade ao Amanhecer**. Tradução de José Lima. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

\_\_\_\_\_. **As Neves do Kilimanjaro e outros contos**. Tradução de Ênio Silveira e José J. Veiga. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

\_\_\_\_\_. **O sol também se levanta**. Tradução de Berenice Xavier. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

\_\_\_\_\_. **Ter e não ter**. Tradução de Ênio Silveira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

HESTETUN, Oynn. Excursions into the Literary Territories of the Other. In: SHANDS, Kerstin W. (Ed.). **Neither East Nor West: Postcolonial Essays on Literature, Culture and Religion**. Suécia: Södertörns Högskola University College, 2008. p. 43-52.  
HOTCHNER, Aaron Edward. **Papá Hemingway**. Tradução de Brenno Silveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

JAHN, Manfred. Focalization. In: HERMAN, David (Ed.). **The Cambridge Companion to Narrative**. New York: Cambridge University Press, 2007. p. 93-108.

JAMES, Cyril Lionel Robert. De Toussaint L 'Ouverture a Fidel Castro. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). **Malhas que os Impérios Tecem: Textos Anticoloniais, Contextos Pós-Coloniais**. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 155-184.

JOHNSON, Robert. **British Imperialism**. London: Palgrave Macmillan, 2003.

KARNAL, Leandro [et al.]. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KHAIR, Tabish. **The Gothic, Postcolonialism and Otherness**. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2009.

KIERNAN, Victor Gordon. **Estados Unidos: o novo imperialismo**. Tradução de Ricardo Doninelli Mendes. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LARSON, Kelli A. Critical Overview. In: MODDELMOG, Debra A; GIZZO, Suzanne del (Ed.). **Ernest Hemingway in Context**. New York: Cambridge, 2013. p. 99-108.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O imperialismo: etapa superior do capitalismo**. São Paulo: FE/UNICAMP, 2011.

LEVIN, Harry. Observations on the Style of Ernest Hemingway. In: WEEKS, Robert P. (Ed.). **Hemingway: a collection of critical essays**. New Jersey: Prentice-Hall, 1962. p. 72-85.

LIEBIG, Sueli Meira. Por um descentramento ético do negro: Esmeralda Ribeiro, Oliveira Silveira, Socorro Coelho e Solano Trindade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 12., 2011, Curitiba-PR. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0650-1.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

LOOMBA, Ania. **Colonialism/Postcolonialism**. New York: Routledge, 1998.

LOPES, José Rogério. **Cultura e Ideologia**. São Paulo: Cabral, 1995. (Série Temas Universitários, n. 2).

LOPES, Jonas. Hemingway e a Invenção do Autor em Ação. In ..... **7 Clássicos americanos: Edgar Allan Poe; et al.** AGUIAR, Josélia (Ed.). São Paulo: Duetto, 2010. p. 63-69.

LOWE, John. The Early Modern Writers of the US South. In: LAUTER, Paul (Ed.). **A Companion to American Literature and Culture**. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010. p. 410-426.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades: ed. 34, 2000.

MADSEN, Deborah Lea. Introduction: American Literature and Post-colonial Theory. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **Beyond the Borders**: American Literature and Post-Colonial Theory. Sterling: Pluto Press, 2003. p. 1-11.

MATTHEWS, John T. Preface. In: \_\_\_\_\_. **A Companion to the Modern American Novel**: 1900-1950. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010. p. 14-22.

MCLEOD, John. Nation and Nationalisms. In: CHEW, Shirley; RICHARDS, David (Ed.). **A Concise Companion to Postcolonial Literature**. USA: Wiley-Blackwell, 2010. p. 97-119.

MCNAUGHT, Judith. **Doce Triunfo**. Tradução de Vitória Paranhos Mantovani. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora BestSeller, 2005.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MIGNOLO, Walter D. **Local Histories/Global Designs**: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking. United Kingdom: Princeton University Press, 2000.

MONTEIRO, George. The Hemingway Story. In: **A Companion to the American Short Story**. BENDIXEN, Alfred; NAGEL, James (Ed.). West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010. p. 224-243.

OLIVER, Charles M. **Critical Companion to Ernest Hemingway**: A Literary Reference to His Life and Work. USA: Facts On File, 2007.

PAYASLIAN, Simon. **The History of Armenia**: From the Origins to the Present. London: Palgrave Macmillan, 2007.

PEASE, Donald E. US Imperialism: Global Dominance without Colonies. In: SCHWARZ, Henry; RAY, Sangeeta (Ed.). **A Companion to Postcolonial Studies**. USA: Blackweell Publishing, 2005. p. 203-220.

PERKINS, John. **A História Secreta do Império Americano**: Assassinos Econômicos, Chacais e a Verdade sobre a Corrupção Global. Tradução de Marta Rosas. São Paulo: Cultrix, 2007.

PUGLIA, Daniel. Hemingway, da Guerra e Outros Demônios. In: \_\_\_\_\_. **7 Clássicos americanos**: Edgar Allan Poe; et al. AGUIAR, Josélia (Ed.). São Paulo: Duetto, 2010. p. 55-61.

QUIJANO, Anibal. **Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America**.

Disponível em: <<http://www.decolonialtranslation.com/english/quijano-coloniality-of-power.pdf>>. Acesso em: 24. nov. 2018.

RAEBURN, John. Biography. In: MODDELMOG, Debra A; GIZZO, Suzanne del (Ed.). **Ernest Hemingway in Context**. New York: Cambridge, 2013. p. 12-21.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

RHYS, Jean. **Vasto mar de sargaços**. Lisboa: Bertrand, 2009.

RICHARDS, David. Framing Identities. In: CHEW, Shirley; RICHARDS, David (Ed.). **A Concise Companion to Postcolonial Literature**. USA: Wiley-Blackwell, 2010. p. 9-28.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a Origem da Desigualdade**.

Tradução de Maria Lacerda de Moura. Editora Ridendo Castigat Mores, 2001.

Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/desigualdade.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

SAID, Edward Wadie. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente.

Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. Apresentação: Por que voltar a Lênin?

Imperialismo, Barbárie e Revolução. In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O imperialismo**: etapa superior do capitalismo. São Paulo: FE/UNICAMP, 2011. p. 7-104.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: Ensaios sobre a dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHOULTZ, Lars. **Estados Unidos**: poder e submissão. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: EDUSC, 2000.

SCOTT, David. The Social Construction of Postcolonial Studies. In: LOOMBA, Ania; KAUL, Suvir; BUNZL, Matti; BURTON, Antoinette; ESTY, Jed (Ed.). **Postcolonial Studies and Beyond**. Durham and London: Duke University Press, 2005. p. 385-400.

SELDEN, Raman; WIDDOWNSON, Peter; BROOKER, Peter. **A Reader's Guide to Contemporary Literary Theory**. 5. ed. Great Britain: Pearson Longman, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação**: um vocabulário crítico. v.4. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Coleção Estudos Culturais).

- SMITH, Bonnie G. **Imperialism: A History in Documents**. New York: Oxford University Press, 2000.
- SPIILKA, Mark. The Death of Love in *The Sun Also Rises*. In: WEEKS, Robert P. (Ed.). **Hemingway: a collection of critical essays**. New Jersey: Prentice-Hall, 1962. p. 127-138.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- STOKER, Bram. **Drácula: Edição Bilingue**. Tradução de Doris Goettem. São Paulo: Landmark, 2012.
- STONE, Oliver; KUZNICK, Peter. **A História Não Contada dos Estados Unidos**. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Faro Editorial, 2015.
- STONEHAM, Geraldine. U.S. and US: American Literatures of Immigration and Assimilation. In: MADSEN, Deborah L. (Org.). **Beyond the Borders: American Literature and Post-Colonial Theory**. Sterling: Pluto Press, 2003. p. 238-248.
- STRINGER, Keith. The Emergence of a Nation-State, 1100-1300. In: WORMALD, Jenny (Ed.). **Scotland: A History**. Oxford University Press: New York, 2005. p. 38-68.
- TIFFIN, Helen. Post-colonial Literatures and Counter-discourse. In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; \_\_\_\_\_ (Ed.). **The post-colonial studies reader**. New York: Routledge, 2003. p. 95-98.
- TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- TRINDADE, Solano. **Cantares ao Meu Povo**. São Paulo: Fulgor, 1961.
- TROTTER, David. The modernist novel. In: LEVENSON, Michael. **The Cambridge Companion to Modernism**. New York: Cambridge University Press, 1999. p. 70-99.
- VANSPANCKEREN, Kathryn. **Perfil da Literatura Americana**. New York: Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, 1994.
- WALDMEIR, Joseph. Confiteor Hominem: Ernest Hemingway's Religion of Man. In: WEEKS, Robert P. (Ed.). **Hemingway: a collection of critical essays**. New Jersey: Prentice-Hall, 1962. p. 161-168.
- WEST JUNIOR, Ray B. The Biological Trap. In: WEEKS, Robert P. (Ed.). **Hemingway: a collection of critical essays**. New Jersey: Prentice-Hall, 1962. p. 139-151.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.